

Apito

Usina Triunfo, 1978

O apito soava. Longo, indo, indo, até não mais se ouvir, presente, há alguns minutos. Apenas. Sereno. A fumaça da chaminé, devagar, diminuindo, desaparecendo. Nem se via mais. Nuvens, restos, escondendo alaranjado, róseo, aquarela. Ainda dava para sentir o calor do sol. Uma brisa suave carregava o dia. Andorinhas, vinham dos Andes, tantas, muitas. Barulho ensurdecedor, procuravam árvores, fios, muros. Pousando, fazer verão. Descanso, vir de tão longe, frio. Ali, calor, quietude. Reinavam agora, donas, não lhe pertencia. Chaminé, ia além dos olhos, arranha-céu. Podiam ainda sentir o calor, apagando, indo. Partia.

Na Rua de Santa Rita os preparativos começavam. D. Zefa trazia uma toalha comprida, ela mesma fizera, trabalhosa. A outra, surrada, anos repetida. Mesmo ritual sempre.

- Os copos, Rosa, se apresse, os copos.

- Mas a mesa tá pensa, chama o Mestre Lu, precisa consertar o pé desse lado. Vai acabar quebrando copo, prato, tudo, Dinda.

- Então, corre, chama ele, mulher. Eu não tenho o dia todo, o povo chega já, já.

Mestre Lu subiu na encosta da Casa Grande. Dali, via-se toda a usina, melhor lugar, vista. O que é que ele dizia, mesmo?

- O apito da usina quando pára é igual uma pessoa fechando os olhos. Que nem a morte.

Limpava as mãos, calejadas. Foi um dia difícil, tanta coisa para fazer, mas ficou muito bonito. Do jeito que ele gostava. Ia ficar feliz se estivesse lá. Mestre Lu sentiu um esquentar no peito, as bochechas pegando fogo. Sentiu a presença ao olhar para a usina, abriu um sorriso.

- Virgem Santa, como é que pode? O homem tá na cidade... Eu, heim, me protege, santinha. É, ao menos sei que gostou...

Rosa corria, bufando. Também, subir essa ladeira... O bucho não ajudava. Lembrou do mocotó no almoço. Ai que arrependimento! Mas agora fazer o quê? Só Dinda sabia preparar do jeito que ela mais gostava. Mas onde será que se meteu o Dindo? Tomara que estivesse ali, na Casa Grande. Procurou em todos os lugares, na usina, no tabuleiro, na Rua da Montinha, Sapucaia, Laranjeira, na Cerâmica, até no hotel. O único canto que podia estar era ali. Vamos, Rosa, D. Zefa está com pressa, tenho que achar logo esse homem, senão...

- Dindo, o senhor aí, ainda bem, já estava quase desistindo. Dinda está te chamando, a perna da mesa pro churrasco do povo...

Mestre Lu passa a palma da mão sobre o rosto e se vira. Não quero que Rosa me veja assim. Que coisa feia, homem não chora. O que é que Rosa vai pensar?

- Virgem, Dindo tá chorando.

- E quem disse que eu tô chorando? Que história é essa, mulher? É que o filho da puta do Pindorama me chamou pra ver um troço e a danada da solda pingou no meu olho. Mas já já passa, D. Rute até botou um remédio dos novos, chegou terça-feira.

- Então está certo, se Dindo está dizendo que foi a solda... tudo bem. Mas, vamos descer, Dinda tá fula da vida, a mesa tá bamba, não dá nem pra botar os copos...

A noite chegou cedo. Luzes do galpão acesas mostravam as bandeiras que as professoras do Colégio Cenecista fizeram só para o dia.

- Foi uma trabalhadeira medonha, Zefa. Tive que juntar todas as crianças...

- Ah, Bernadete, ficou mais bonito que no outro ano.

Os peões chegavam. O sanfoneiro procurando o lugar com mais luz, queria ver melhor o fole, precisava trocar aqueles malditos óculos. Começou a dedilhar. Cheiro bom de lingüiça, coração de galinha. Hum! Sempre ganhava

um prato que Rosa trazia caprichado, e de sobra, tão enxerida, passava-lhe aquele rabo de olho que deixava suas pernas bambas... Tocou uma música, duas. Os peões olhavam para o sanfoneiro.

- Cadê o forró? Ô, Sebastião, tá caducando? Isso é música do tempo do ronca!

- Troca o disco, homem! Toca uma coisa mais animada, parece até que levou chifre!

Esse filho da puta do Chico. Mas não é que ele tem razão! Estou parecendo aqueles cornos mesmo. Vamos animar esse negócio, tocar forró rasgado.

E o coxa-coxa começou. As meninas se esfregavam, os peões se animando. E o chope solto, tudo virado no móio de coentro. Assim que é bom, Sebastião balançava a sanfona sem tirar o olho de Rosa.

Mestre Lu ajeitou a mesa, colocando um calço. Servia. Depois consertava melhor, não estava com cabeça. Cadê o Doutor Emerson que ainda não ligou? Quando saiu disse que ligava assim que chegasse em Maceió. Estava demorando. Será que ele chegou bem? Sorte que a estrada está novinha, imagine com aqueles buracos. Não dava pra chegar nem na metade...

Benedito bate na porta. De novo, ninguém abre. Olha pela janela, será que o povo saiu? Outra vez, bate palmas, as mãos vermelhas, nada. Acho que saíram mesmo, e como que eu vou chegar pro Major e dizer que não achei o menino? Biu, tem que parar de chamar de menino, já é homem, Doutor. E nem sei se vai querer ir. Emerson está lá, não desgruda do pai. Bateu mais uma vez e já ia se virando para entrar no carro ...

- Ô, seu Biu. Que é que está fazendo aí uma hora dessas? É a Luiza.

- Luíza, está diferente, eh... mais forte.

- É, pode dizer, homem, estou é gorda mesmo. Mas vamos, entre, Dona Edna, Dr. Olival e o Mauricinho estão jantando. E você, já fez esse serviço?

- Não, mulher, mas estou com pressa, preciso falar com o menino... quer dizer... Dr. Maurício. Toda vez me atrapalho.

- Então entra, homem. Virgem, está com uma cara. Que foi que houve?
- É que...
- Que barulho é esse aí na cozinha?
- É seu Biu, Seu Olival. Está querendo falar com o Mauricinho.
- Entre Sr. Biu, não se acanhe não. Que novidade o senhor por aqui!
- É, Dr. Olival, não é coisa muito boa não, viu? Estou aqui nas carreiras pra fazer um mandado do Major...
- Diz logo, homem, desembucha. Já estou perdendo a paciência com esse lenga-lenga...
- O Major teve... como é mesmo o nome?... um derrame. Foi, isso mesmo. E é pra eu levar o Maurício, ele quer ver de todo jeito, está falando o tempo inteiro nele...

Olival olhou para Maurício. O filho lá, parado, branco, não tinha uma gota de sangue no rosto. Um turbilhão de lembranças, de repente, tudo, ao mesmo tempo. O Estrela, as caçadas, o cabelo sendo pintado. Ria - pinta direito, viu, menino? Não tá que nem tuas ventas, não é? Maurício sentou, botou a mão na cabeça, meu avô, meu avô, vai morrer, não é possível, não, não.

Edna se aproximou do filho também chorava.

- Não se desespera, filho, ele não vai morrer não. Papai é muito forte, nunca teve doença. Ele vai sair dessa, pode crer.
- Desculpa, mãe, não sei o que deu em mim. Nem sei se quero ir. Quem é que está lá, Biu?
- Está todo mundo, Doutorzinho. Uma agonia. O médico disse que está até precisando de sangue pro Major. E o senhor sabe que o dele é daqueles difíceis...

- Mas espere aí, Edna, o seu sangue não é do mesmo tipo, O negativo?
- É, Olival. Maurício, vamos embora. Você vai, sim senhor. Meu pai quer lhe ver. Vai e é agora!

Fazia tempo que não encontrava Sr. Joãozinho Belo. Que coincidência, ou será que nada acontece por acaso, pensava Rosilda. Fora na maior correria ao supermercado. O Major iria para sua casa assim que saísse da clínica, estava faltando uma porção de coisas e com a febre do Zé, o seu pequenino... As lágrimas não paravam de cair, os dois, mesmo nome, doentes ao mesmo tempo. Quem dera o filho fosse a metade do que o avô era quando crescesse... Honrar o nome, admirava tanto o sogro...

- Mas o que é isso, menina, está chorando por quê? Vai ver é de saudade de mim, não é? João Belo gracejou.

- Ah, Sr. Joãozinho, antes fosse. Quer dizer, senti muito a sua falta, sabe? Bem, não era isso que eu queria dizer. Ai, que confusão!

- Ô, menina, se aperreie não. Você me conhece, sabe que não tem frescura comigo, não. Olhe, acabei de chegar de Palmeira e estou com o carro cheio de pinha, não quer não? Vou pegar mais pra mandar pra Maria Tereza...

Rosilda soluçava, tremia os ombros. Abraçou-se com Sr. João Belo, abraço longo, gostoso, desses que se dá quando nunca mais vai ver, ou quando já faz muito tempo que se viu.

- Diga, minha menina, o que é que está acontecendo? Estou ficando preocupado com você.
- É o Major, Sr. João. Ele está lá na São Sebastião, aquela clínica do centro, teve um derrame...

João Belo sentiu uma tontura.

- Ai, meu Deus. Mas então eu vou correndo pra lá agorinha...
- Não, Sr. João. Ele está indo para minha casa daqui a pouco.

Maurício entrando no quarto, falou com João, Venúzia, Gilvan, em seguida, chamava o médico. Emerson chorando no canto, baixinho, não tirava o olho da cama do pai. João se aproximando, segurou no braço do irmão, não caía lágrima. Venúzia, muda, olhava as paredes, o chão, abraçou Gilvan.

O Major abriu os olhos, João, Maurício, porta. João entendeu, chamando Emerson, que levantou, bateu de leve no ombro de Maurício. Ficaram os dois: neto, avô.

- Eu quis muito lhe ver.

- Eu sei, vô.

- Senti muito sua falta.

- Psssi, vô, não fale muito não....

- Será que foi por causa daquelas injeções que eu tomava? As que levantam as coisas...

- Major, o senhor não tem jeito não, Maurício ria junto com o avô.

- Eu queria lhe dizer... que você soubesse... tenha certeza...

Maurício colocou a mão na boca do avô, com cuidado.

- Vô, não precisa dizer nada. Passou, é passado. O que importa agora é você, ficar bom logo, lágrimas caindo no rosto. Pronto, está vendo o que o senhor fez, estou chorando que nem mocinha...

Maurício vendo o Major dar uma larga risada.

- Mas pra isso você não leva jeito não, viu?

Seu Biu dirigia calado para a casa do Dr. Olival. Maurício também não dava um piu. Mas eu sou metido mesmo...

- Oh, Doutorzinho, que é que achou do Major, vai ficar bom, não é?

Maurício demorou um tempo, a garganta dava um nó. Não era mais o avô, era outra pessoa. Cadê o homem forte, invencível? Não, não era ele, um resto, quase nada. Tão pálido, magro. Não era tão simples assim, um sentimento, o tempo dele indo embora...

- Biu, quer saber de uma coisa? Não deveria ter ido...

Rosilda retirava a cama de Patricia para dar mais espaço ao quarto. De repente, parecia tão menor, o quarto das meninas. Sempre cabia tanta gente, mas naquele dia parecia minúsculo. Não, não é isso que está apertado, é outra coisa, o peito.

Devagar, os enfermeiros foram trazendo a maca, o Major gemendo, uns grunhidos, ninguém entendia. Estava dormindo.

Patricia escondeu-se atrás do guarda-roupa. Logo cedo viu o movimento todo, entra e sai de gente, alvoroço, ficou prestando atenção nas conversas. Ia na cozinha o tempo todo, beber água. Ouvia Maria Lúcia falar com Celita que o Major ia chegar, se apressasse, varrer a sala, limpando logo o quarto das meninas.

- Vamos, mulher, rápido, a Doutora está já chegando, e o Doutor telefonou dizendo que já saíram de lá, da clínica.

- Ô, sua anta, clínica, é clínica. É nisso que dá ser anarfabeto, pelo menos eu fiz o Mobral...

- E tu falando a-nar-fa-be-ta. Pior tu, pelo menos eu não fiz Mobral nenhum e falo errado. Já tu, com Mobral e tudo...

- Voinho tá vindo pra cá hoje é, Maria?

Nem percebera a menina quieta ouvindo tudo.

- Ô, Patinha. Você estava aí? Pois é, o Major está vindo sim. Mas é pra ficar bem caladinha, viu? Não fique falando, nem perguntando muito não, tá? E nem vá pro piano, já tranquei.

- Ah, Maria, mas eu queria tanto mostrar pro vovô a música que vou tocar no teatro. Ele vai gostar, você vai ver.

Maria se ajoelhou, ficou do tamanho da pequena patroa.

- Minha lindinha, olhe, ouça o que a Maria está te dizendo, fique bem caladinha que eu faço aquele doce de leite de bola só pra você, tá? Nem digo pra Lu...

- Então tá.

- Vê, Celita, lá vai a menina correndo. Essa daí não tem jeito, não... A Doutora vai ter que botar um esparadrapo na boca dela pra num sair por aí perguntando as coisas...

A mãe saiu do quarto, Patricia chegou perto da maca. Passou a mão na testa, no cabelo. Orelhas. Achava-as tão grandes, pareciam com as do lobo mau. Mas ele não era mau, era tão bom com ela... Lembrou-se, então.

Estavam na varanda da Casa Grande. Tardinha, o céu já escurecendo, os pombos passando em revoada. Ele apontava para a mata. As mãos, estavam sujas de graxa. Ela não se importava...

Tão pequena, grandes óculos, arame atrás das orelhas para segurar. Melhor parte do dia, colocar no colo a Professorinha, apelidou. Contar histórias, repetia sempre a mesma e ela nem percebia. Tomara que não descubra, tomara. Não sabia tantas histórias bonitas, vida difícil. As mãos pequeninas sumiam nas dele, rudes, tanto trabalho, pouca instrução.

Não se arrependia de nada, necessário. Era para eles, para ela. Saber que teriam vida melhor, conforto, segurança. Foi duro: noites na moenda, andar léguas de chão batido, brigar pelo que era seu. Valente, cabra da peste, diziam.

Mas e a brabeza? Sumia quando para chegar na hora, fim de tarde, corria, dava um abraço apertado. Pegar no colo, cheiro de banho, lavanda, cria do seu doutor, quanto orgulho do filho. Mas não sabia dizer isso, não era

coisa de macho. Com menina podia, ninguém falava não. Era até galante, a fama que tinha, ria pensando.

Dava as mãos para ela brincar, alisava com os dedos finos.

Tocava as mãos, grossas. Olhos profundos, alegres, tristeza. Adorava observar as orelhas, enormes, dava para ouvir o mundo. Abraço forte, nada lhe aconteceria. Tão alto, quase um deus. Sério, não ria muito não. Mas era tão divertido. Pedia mais, que repetisse a história, amava ouvir muitas e muitas vezes. A mesma, a da corujinha. Defendia seus filhotes, eram tão feios pros outros. Pra ela não, eram os mais belos do mundo.

Amava-o desde que se lembrava, parava para contar as histórias, todo sujo de graxa, lama. Não ligava não, até gostava do cheiro de terra, daquele caldo, como é mesmo o nome? Ah, vinhaça. Mesmo chapéu, não tirava da cabeça, deixava que pegasse, colocava na cabeça miúda, engolia os olhos. Enorme. Tudo enorme. Era de tarde, já estava quase anoitecendo. E para onde iriam as corujinhas, estavam a salvo? Outro dia, outro dia. E será que agüentava a espera, a saudade?

Céu rosado, sol indo embora. Eram mesmo um do outro. Talvez outras vidas, acreditava ele. Vai ser assim sempre, sonhava ela. E Deus, generoso, observando os filhos amados, abençoava com a promessa que ficariam juntos, de alguma maneira, para sempre...

- Minha filha, o que é que você está fazendo aí? Venha para cá, venha. Silêncio, não vamos acordar seu avôzinho.

- Mas, mãe, por que ele tá dormindo? Por que não acorda? E o que é aquilo enfiado no nariz dele? E...

João falava ao telefone com Dr. Gustavo Trindade, queria que fossem o mais rápido para Recife, insistia precisava ver o Major. Os médicos de Maceió detectaram um derrame. Dr. Trindade e Dr. Alcides Codiceira precisavam examiná-lo.

João Belo tocou a campainha. Duas, três, já ia para a quarta quando o já vou de Celita fez ele parar. Estava agoniado, queria ver logo, falar, saber.

- Ô, mulher, é pra hoje? Deixe eu entrar logo.

- Já vai Sr. Joãozinho, vai entrando... Ele tá no quarto das meninas...

- Tá, tá, tô indo.

João apertou a mão do amigo, tapas leves no ombro. Em um canto da sala explicou a situação. Todos os irmãos estavam no gabinete, telefonou para Dorinha, estava vindo no próximo avião.

- Ô, João, será que dava pra eu falar com ele? Só um pouquinho?

- Claro, Belo. Vamos juntos, ele vai ficar muito feliz em vê-lo.

O Major abriu os olhos, fez uma cara satisfeita.

- Seu vagabundo, demorou tanto pra vim me ver...

- Ô Major, não fala assim não que eu me fodo...

- Que conversa é essa de se foder, homem?

Os três deram boas gargalhadas. O Major olhando para o filho.

- Ô João, você deixa eu ficar sozinho com Belo?

- Pois não, meu pai. Fiquem à vontade...

Emerson achou estranho João saindo do quarto sozinho.

- Cadê o Joãozinho?

- Ficou lá com o papai. Acho que ele queria falar sobre aquele assunto... São tão próximos...

- Ah, bom...

Ficaram um olhando para o outro por um instante.

- Belo, eu tô precisando de um favor seu.

- Ô, fale Major, é pra já. O senhor sabe que o que me pede chorando...

- ...você faz sorrindo, não é? É, eu sei... Mas esse pedido é muito difícil de atender. Não sei se você vai ter condições, não.

Belo esperou o Major continuar.

- Olhe, parece que estou indo pro Recife, o João disse que falou com o Gustavo, quer me ver. Belo, eu não sei bem o que é que eu tenho, mas acho que é coisa séria. E você sabe, eu não quero ninguém encangado comigo. Os veados desses enfermeiros com o pé no meu saco, não dá não.

- Continue, Major, continue, deixe eu chegar mais perto.

- Belo, fale com sua patroa, se prepare. Se eu não voltar andando quero que você fique comigo, entendeu? Você. Não quero esses veados, tá me entendendo? Comigo, ficar lá na usina, morar lá, dormir no meu quarto, andar comigo, me carregar...

- Pare, pode parar, Major, eu já entendi, não precisa falar mais nada, já entendi. Vou ver tudo, tomar as minhas providências, pode deixar. Tá combinado, não precisa dizer mais nada.

- Obrigado, Belo, e não precisa chorar não. Eu sabia que você ia dizer isso. Ah, tem mais uma coisa, meu filho.

- Pode dizer, Major, pode dizer que não vou mais chorar.

- Isso tudo é um segredo nosso.

Na sala, todos ficaram olhando para João Belo. Parecia transtornado, óculos suados, corpo, camisa ensopada.

- E aí, Joãozinho? Que é que ele queria com você?

- Ô, João, deixa Belo falar. O que foi?

- Olhem, seus meninos, Emerson, João, vocês vão me perdoando, viu? É que...
é que... É um segredo nosso.

Recife

Março, 2005

Sentiu um aperto no peito, pensou que iria sufocar. Era muita ousadia, impertinência. Pedir? E pode? Não pode? Era doida? Ou deveria partir do homem? Mas e esse sonho, independência, iniciativa? Ora bolas, porque tinha que ser sempre o homem? Feminismo à parte, querido. Não, não era feminista. Nem comunista de beira de piscina era mais. Nada de lemas. Tá, talvez um ou outro, não faça aos outros... água mole... essas coisas, essas coisas.

Não foi tão ruim assim, Patricia. Espere aí. Você foi lá, não foi? Perguntou, cinqüenta por cento de chances, querida. Cinqüenta por cento. Riu ao pensar nas estatísticas, pelo menos para alguma coisa serviu a bosta do curso de Análise de Sistemas...

Atravessou a rua, pegou o carro. Ouvia Lulu Santos... Quando um certo alguém desperta um sentimento, é melhor não resistir e se entregar... Merda, merda, foi ouvir aquele cara. Merecia, tinha que deixar de ser a última romântica. Chorava, ria, cantava a música, bem alto. O rapaz no carro ao lado não entendia nada, deve ser uma louca. E kiko?

Ligou para os filhos.

- Vamos pro cinema, Vitinho?
- Pro cinema, mãe? Assistir o quê?
- Qualquer coisa.
- Mãe, é que eu estou com dor de gargan... Mãe, que é isso? Tá chorando?
- É, meu lindinho.
- Não deu certo, não foi? Aquilo que você disse pra eu torcer, tá chorando.
- É, filho, deu nada...
- Ô mãe, fica assim não. O que é? Diz pra mim.
- Meu querido, eu falei, é só pra torcer, não pergunte nada, tá?

- Tá, tá. Então vamos pro cinema. Vou chamar os pirralhas pra se arrumar...

Deu um beijo em cada um dos três, desejaram sorte, curtiam cada coisa que a mãe inventava. Livraria, pular de asa-delta, começar a escrever... A filha Maria Eduarda estava imitando, Bruno com ciúmes. Mas deixavam, sabiam que ela estava bem. O mais importante.

Sozinha, quatro dias, escrever sobre o avô. O Major. Foi um convite e tanto, esse do pai, mãe. A Fundação, o livro. Descobrir a vida de um homem. Só lembrava das coisas boas. Mas não se enganava, havia mágoas, intrigas escondidas.

- E aí?

O Boteco estava lotado. Dava para ver o mar, a lua. Nascendo, cheia, ouro, linda, admirava Patricia. Gostava tanto da lua... Uma atração, mistério. Confidentes, pedia, ilumina, vai, me mostra o caminho. Será que ele está olhando também?

- Ahn... Ah, tá. Que é que eu estava falando mesmo, Clara?

- Alôo, do convite, Paty, do convite, pai, mãe, avô. Você tá uma graça, muito voadora esses dias. Já sei...é o tal carinha, não é?

- Mulherzinha, não fala não. Eu preciso me concentrar, parar de pensar besteira. Não dá, desse mato não sai coelho não, minha filha. Olhe, vamos voltar pra história. A propósito, obrigada por ter vindo, tá?

- Menina, pare com isso, você sabe que é qualquer hora, não é? Amiga...

- ...é pra essas coisas. Você é muito lindinha...

- Você sabe, liga pra mim, não liga pra ele, não é?

- É querida, nosso lema...você me faz rir. E você com o Marcelo? Te ligou novamente?

- Não, menina, graças ao bom pai. Tô fazendo que nem você me ensinou... Dar uma de árvore, já estou quase uma Floresta Amazônica.

As amigas riram, Patrícia, Clara brindando.

- Mas me conta, seus pais lhe convidaram pra escrever um livro sobre seu avô?

- Pois é mulherzinha, estou tão feliz.

- Imagino.

- Mas ao mesmo tempo eu vou estar mexendo com coisas muito dolorosas, pra mim, e de outra maneira, pra família, também.

- Não entendi, porquê?

- Pra mim, você sabe, lhe contei das minhas neuras.

- Ai, Paty, lá vem você com os seus traumas. Menina, você está tão mais descolada, resolvida. Não acredito que ainda pensa nessas bobagens de que lhe valorizam só por causa de você ser filha de quem é, usineira, e esses grilos todos, não é?

- Clarinha, você não entende. Não é nada disso, não. Eu saí de Maceió, vim pra cá, queria ser alguém, independente, ter luz própria, e não a sombra de papai, mamãe. Estavam me engolindo, sufocavam. E consegui. Hoje tenho meu negócio, lá com meu pós. Não preciso mais deles...

- Pós? Paty essa é nova.

- Não, mulherzinha, eu já lhe contei. Você que não lembra. Aquela história que eu li, nem me lembro onde, achei o máximo, falava sobre a diferença entre ex-mulher e pós-mulher: a ex fica presa ao passado tal cordão umbilical, enquanto que a pós aprende com a experiência que teve com o seu antigo companheiro e cresce, torna-se mais sábia, supera e até se sente privilegiada por ter vivido tudo isso...

- Paty, você não existe. Agora sou eu que não consigo deixar de rir...

- É, mais não enrole não, volte para o assunto, Paty. Você sabe que ter saído de Maceió e tudo mais foi fuga, não é?

- Agora fui eu que não entendi.

- É, fuga sim, Paty. Ouça bem, existem dois tipos de escravidão. Não é escravo somente aquele que abaixa a cabeça e obedece, se acomoda, vive uma vida passiva, ou melhor, sobrevive, sem ter brilho, luz própria. Também é aquele que tudo faz para ser diferente, lutar contra uma estrutura, uma tradição. Você viveu querendo provar aos outros, antes de a você mesma, que faria de outra maneira, para não se sentir sufocada, engolida por eles. Engraçado... Pois é exatamente como lhe sinto agora, sufocada.

Patricia abaixou a cabeça, a amiga estava certa, não era totalmente livre. No entanto, não era mais tão escrava. Caminhou tanto... Cresceu, mas precisava enfrentar mais essa etapa, era o final, a pós-graduação, riu.

- Clara, tem mais, a minha família... Comecei a conversar com eles, estão animadíssimos, mas ao mesmo tempo com medo. Estou procurando ser o mais neutra possível. Vovô é uma lembrança muito forte na vida deles, mas não é um deus ou Madre Tereza de Calcutá. Todo mundo sabe disso. E estão querendo que eu só coloque as coisas boas, as qualidades. Aí eu não concordo, vai ficar uma bosta, merda mesmo. Andei lendo umas biografias, a de Olga, a de Chatô, de Fernando Moraes, você conhece?

- Eu sei, devorei as duas.

- Eu também. Achei bárbaro a maneira com que Fernando Moraes despiu Assis Chateaubriand. Mostrou ele nu e cru...

- É, Paty, mas depende do propósito que você vai escrever o livro. Usando esse exemplo aí, o de Fernando Moraes. Compara Olga com o Chatô. Ele escreveu Olga com o propósito de enaltecê-la, era fã da vida daquela mulher. Em Chatô, tratou de maneira jornalística, não existia envolvimento emocional. E acho que isso também se aplica a você, aliás, a vocês.

- É, pode ser...

- Você quer escrever sobre uma figura que gerou, foi a gênese de tudo isso, da usina, o grupo de empresas. Ele que começou, construiu. Se foi certo ou errado, não importa, ele fez o que podia.

- Era o momento dele, a condição.

- É, só podia dar no que deu. Magoou gente, deixando traumas, tristezas, ressentimentos.

- Mas a gente não ama apenas o perfeito, o certinho, Clara. Amamos por inteiro, pacote fechado. Pois é, amo meu avô do jeito que foi, e me pareço tanto com ele em algumas coisas... Mesmo que o convívio tenha sido pouco, a imagem, o sentimento que tenho por ele é mais forte que tudo, erros, besteiras que fez. Pra mim, ele foi maior que tudo isso.

- Então, minha querida, você já respondeu às suas dúvidas, pare de se preocupar, vai ficar lindo. E eu quero ser a primeira, com canetinha na mão e tudo, quando chegar o grande dia.. Vai ser nesse ano ainda?

- Vai sim. Ele estaria fazendo cem anos dia cinco de novembro...

Estava sentada na frente do computador. Lembrou de tudo que aprendera, a livraria, seu Mestre Carrero, a Oficina. Clara tinha razão. Chegara o momento, devolvia tudo o que recebera, gratidão. O mínimo que se pode fazer por alguém que a levara até ali. Escolhas, seguiu o caminho mais difícil, ele também não foi por aqueles mais leves. Lembrou da cena da pergunta, mesma semana. Riu, seu avô também acharia engraçado, parecido com o jeito de ser.

De repente, sentiu-se preenchida por uma força. Tantas vezes experimentou essa sensação. Braços lhe envolviam, calor, não estava só. Sentia a presença, o toque físico. Chamava, pedia. Ajudar a contar a história, unir família. O maior bem, patrimônio. O nome.

Seguravam nas mãos um do outro, não mais pequenas, gente grande, estava pronta. Maior prazer, mergulhar na história, esmiuçar, descobrir verdades, tal livros que devorava quando pequena, por isso o apelido: Professorinha.

E começou a grande viagem. Quem foi o Major? O que fez? As glórias, os insucessos. O homem, pai, político, empreendedor. Os amores, decepções. A vida.

Patricia apresentava: Eis o homem...

Engenho Estrela

Novembro, 1905

Mangueiras carregadas, coloridas, avermelhadas. Ai, Padrinho Cícero, vai ser outro ano de seca, não agüento mais, santinho! E esse calor, mais parece tampa de chaleira. Pingava, suor escorria pela barriga enorme descendo pelas pernas. Inchadas, pareciam batatas. Precisando chegar logo na Casa Grande, não daria conta. Lá eles podem, sim, vão cuidar, vão, vão. Senão o quê, criar assim com tanta fome, sofrimento? Não merecia...a criança. Mãe sabendo o que iria ser; se macho, carrear boi, cortar cana; fêmea, lavar, cozinhar, cuidar das crias dos patrões. Pedia ao Padrinho, que sejam bons, não judiassem da criança, não maltratar.

Avistou o pé de Tamarindo, estava chegando, ai meu santo, me dá força, só mais um pouquinho, pouquinho, ai, piorou, que dor da gota serena, e o que é isso, um mundaréu de água, como é que pode? Estou com uma sede dos diabos e mijando? Ai, tem troço aí, não tá certo... Que coisa boa, estou vendo Dona Aninha.

- Ajuda, Dona Ana, acode aqui.

- Virgem Santa, mulher do céu, o que é isso? Parece que já vai parir. E não é que vai mesmo? Nêna, corre, ajuda.

Corre, corre, bota bacia, tira bacia, mais água, esquentá, não, é pra esfriar, pega toalha, mais toalha, já ferveu a tesoura? E a parteira, mandou chamar? Ai, Nêeena, não bate, cuidado com minha barriga, ai, já chegou?, Ainda não. Corre vai chamar o Coronel, corre, tá doendo, apresse, apresse, a minha também tá doendo, Virgem Santa, arruma minha cama. É pra já. Acho que chegou a hora. Santa Maria, acode essas duas...

Coronel João Tenório deu a volta no alpendre, emburacou na sala.

- Cadê, Nêna, onde é que está, não me diga que vai ser igual à outra vez, antes de ontem? Parece até que esse cabra tá encruado.

-Tá não, Coronel, agora é de vera, não é de brinca. Patroinha tá se rasgando toda, parece que o menino é dos grandes.

- Queira Deus seja macho, já tem fêmea demais nessa casa, não agüento mais tanta rezenha, reza,... Ei, desça daí Gastão.

- Diz isso não, Coronel, bate na boca, valha-me Deus, Ele castiga.

- E eu lá acredito nessas coisas, mulher. O que eu sei é que quanto mais filho macho, melhor, fazem crescer as terras, ajudam na lida. Eu mesmo fui assim, nem pude acabar meus estudos, voltei pro Engenho Estrela, meu pai chamou, não tinha condição de sustentar. Hoje eu sei, lugar de macho é na terra, cavucando, e não me arrependo, não. E fêmea, só pra dar cria, não é mesmo?

Nêna ficou calada, cabeça baixa.

- E vamos parar com essa conversa fiada. Vai, vê o que acontece lá dentro, essa parteira é meio lerda.

Josefa Felizdona. É, Felizdona, vai ser muito feliz, a menina. Se Deus quiser, vai querer, quer. Não para de chorar, bonitinha a danada, boca, olhos, orelha tão miúda.

- Tem certeza, filha? É isso mesmo que você quer fazer da vida?

- É isso mesmo, dona parteira, fazem nove meses que não penso em outra coisa. Ela fica, eu vou. Não tem jeito não, está certo.

- Mas depois não me apareça aqui com essa cara de pidona, não vai nem ver a menina, ouviu? Não é mais sua, Dona Ana vai saber criar direitinho.

- Eu sei, sei. Mas me deixe só ficar um pouco, mais um bocadinho...

Ana puxava o lençol, a camisola toda empapada de suor, sangue por todo lado. Esse cabra não sai, não sai, minha Santinha, ajuda.

- Ô, Dona Ana, só mais um tiquinho, já está coroando...

- Tu já me dissesse isso faz tempo, mulher. Vem, sobe aqui, vai, empurra, ajuda, lembra, o outro, igualzinho, esses cabras só saem assim, a pulso.

- Vá... respire... isso... mais... de novo... agora vai...isso...sai...sai... Saiu, nasceu!

A parteira abriu a porta do quarto, gritava.

- Coronel, é macho, é ma-cho.

Coronel João caiu na cadeira de balanço, parecia que era ele que estava parindo. Que agonia, aquele demorou. Os meninos se aproximavam, pulando ao redor.

- Pai, pai, nasceu? Cadê, cadê?

- Ei, calma. Um de cada vez, passe pra cá, Abel, não deixe...Aníbal pare... Nasceu, Nazinha, Lili, nasceu sim e é macho. Ainda bem, ainda bem.

Nazinha não entendia, porque ainda bem? Se fosse fêmea, que nem ela, que é que seria? Ah, o pai tem cada idéia.

Lua cheia, prateada, entrando nas duas janelas. Felizdona dormia, serena, nem parece que chorou tanto, a mãe cantava, suave, as lágrimas caíam, os dedos seguravam os dela, forte. Forte, ser forte. Não amolece, mulher. Melhor assim, melhor...

Bênção mamãe lua
Me dá mel com farinha
Pra dá pra minha galinha
Que está presa na cozinha

Ana ouvia a cantiga de adeus. Vida, partida, chegada. Coronel João quebrou o silêncio.

- Vai se chamar José... José Tenório de Albuquerque Lins. E tenho dito.

Bateu cansaço em Dona Ana, sono. Tranqüila. Começou a sentir, não sabia o que era, deve ser a menina, porque mais seria? Olhou para o filho: Deus, protege esse menino. Faz dele gente do bem. José abriu os olhos. Os outros nunca abriam com menos de um mês! Pressentimento, coisa de mãe. Não se atreveu a abrir a boca, dizer pro João, nem pensar, vai dar um labafiro.

O vento soprou. Balançava as flores brancas, cheirosas, erva doce. De longe, ouvia-se um apito, do engenho, moenda, rápido, insistente, insistente. Choro, duas vidas. Destinos, escolhas.

Só o tempo, trazendo o caminho, surpresas. E o apito não parava, grito, grito, grito...

Patricia folheava a revista, de trás para frente, pula página, volta página, o que é mesmo que está escrito, volta, lê de novo, o relógio, já é isso tudo, vou embora, o livro está me esperando, tão gostoso... e para quê conversar, quer dar uma de doce ou o quê? Ah, me lembrei de uma coisa, deixa eu anotar, meia hora, já basta o outro dia, de novo, não, fica fria, não deixa ele notar, vai ver se arrependeu e...ai, menina, deixa de ser boba, está vendo que não é nada disso... Lembra, lembra...

Mãos trêmulas, frio percorrendo corpo, alma. Medo, ansiedade emanando nos poros, na pele áurea. Momento tão decisivo, marcante. Poder dizer um ao outro, sentimentos, verdades há tanto escondidas.

Local, hora, precioso, preciso. Escolhas, certeza. Destino, um para o outro. Tocar, sensualidade à flor da pele. Pungência, mundo vai acabar amanhã, será? Na dúvida...

Afoita, inusitada, vanguarda. Pergunta, tão diferente. Padrões, modelos, paradigmas. Render-se a desejos, vontades. Carmas, traumas, fantasmas. Enfrentados, diminuídos, já não existiam.

Sabia-se, barro, construído, moldado, tomando e tomando forma, crescendo, transformando-se no ser querido, esperado. Cumpriram papel: amigos antes, criatura, criador. Agora, se darem o direito, felicidade, degustar cada gota, presente, presente, presente...

Urgência, piedade. Satisfazendo sonhos, bocas, olhos, beijos, carícias. Poder fazer-se um, pernas, braços, dedos. Cheiros, paladar, ritmo. Cadência, pulsação. Movimentos sincronizados, sinergia. Ápice, clímax. Chegar ao céu aqui na terra. Milagres. Agradecer paraíso, imortalidade. Querer, distribuir, ser dele, doce prisão. Não mais querer voar, aninhar-se, voltar para casa. Toda eternidade pertencer...

Estava ali, momento único, especial, vida inteira. Iniciativa, arriscar, pergunta. Vontade de fugir, e se negar? Fantasia, querer vivê-la, sentido, esperança. Valia, sem preço. Poder tentar, sendo maior, infinita.

E o instante tão aguardado se aproximava e a pergunta pairando no ar, tal fumaça, esvaindo-se, tênue, invisível aos olhos, inquérito ao coração. Suspense, podia cortar o ar.

De repente, força, coragem: lutar, direito. Entrega, maneira profunda, imediata. Procurar sol, espaço, tão almejada e simples felicidade. Contenta-se apenas com o que pode dar. Dispensa orgulho próprio, do que herdou. Passado, passou. Abrir espaço, agora, chance:

- Quer namorar comigo?

José pegou o taco de cigarro. Achou perto da cacimba, quase apagado. Dá pra fumar, não posso deixar o Coronel ver, senão vou lavar no coro, palmatória, cinturão. Da outra vez escapei por pouco, sobrou pro Abel, lembrava rindo, também quem manda ficar bestando?

Cheiro gostoso, mel fervendo no tacho, acorrou perto da mangueira, olhando as rolinhas, precisava voltar, acabar lida, usando vara para medir as contas que encostou no tronco da árvore. Vamos embora, Zé, não é pra descansar muito não – se estica, levantando – desse jeito fico preguiçoso, quero não.

Zefa se aproximou do patrão menino.

- José, você viu seu irmão? O Luiz?

- Vi não, Zefa, vai ver tá lá na Ouricuri com Major Tenorinho. Foi com o caminhão.

- Vai chamar ele, vai, Dindinha tá procurando por ele.

- Tô indo agora mesmo.

Queria era estar no lugar de Luizinho. Mexer nas moendas, apertar parafuso, saindo todo sujo lá do meio. Isso é que é trabalho, o resto é besteira. Não estou reclamando, eu sei, é o jeito, fiquei triste quando tive que voltar de Maceió, estava aprendendo tanta coisa, aqui era só um tal de juntar as letras, na cidade grande não, havia novidade, tudo diferente...

Mas não ia ficar nisso, não. Ia ser que nem o irmão, Major Tenorinho, aí sim, dono de terra, dele, não dividia com ninguém...

Espreitava o veado, não dava pra ver bem, devia ser mais de quatro da madrugada. Demoraram muito daquela vez, a perna dormente.

- Que câimbra desgraçada, Antenor. Vamos ter que matar logo esse desgraçado, não agüento mais.

- Calma, Zé. Quem esperou até agora, espera mais um pouco. Ele tá entrando na mira boa agora.

- Então tá certo. Quem pega, eu ou tu?

- Vai tu dessa vez, tô sendo bonzinho...

- Ah, Antenor, seu filho da puta.

- Olhe, respeita minha tia, homem, irmã de puta, puta também é...

Riram.

Na Casa Grande, Nazinha ajudava a mãe. As irmãs estavam junto. Que corre-corre medonho. Tive que levantar às quatro da matina.

- O povo vai chegar na hora do almoço, Nazinha. Vê se apressa, ainda tem esses bolos de mandioca, e quando terminar tem que ajudar Iaiá, mexer o doce de leite, ela não sabe fazer muito bem, não. Da outra vez embolou todo.

Nazinha tentava se concentrar. Ficava nervosa toda vez que havia festa na fazenda. Vinha tanta gente, e os rapazes, ah, os rapazes... São muito enxeridos pro meu gosto. Ficam com aquela conversa mole, me convidando pra dançar. Eu sei que não sou de se jogar fora, ajeitou a cintura do vestido, mas não quero essa vida de minha mãe, só recebendo ordem, faz isso, faz aquilo. E os esporros? O pai não é nenhuma cocadinha de sal, tem dia que até vai, mas quando tá de lua, de ovo virado... Sai de perto. Pois então que fosse assim, não quero saber de homem, não, e... De repente, o estrondo.

- Ai, Virgem Santa, que susto, quase derrubo a bacia do bolo. Isso só pode ser serviço do Zé mais o Antenor. Aqueles dois me pagam, vão ver só...

- Ih, Nazinha, parece que tá amando. Quem é o felizardo?

- Dona Ana, que felizardo, que nada. Não tem ninguém.

- Ih, ficou vermelha.

- É mesmo, Lili... Ei, Nazinha, não pára de bater o bolo, não.

- Vocês duas aí, podem tirar o cavalinho da chuva, não caso e pronto, vou ser freira.

- Só se for em convento com uns vinte padres!

Nazinha, largando o bolo na mesa, partiu para cima da irmã. Vou esganar essa desmiolada. Dona Ana gritava.

- Nazinha, Lili, se contenham, deixem de besteira, que coisa, nem parecem duas moças, Lili até noiva está...

- Desculpe, Dona Ana, não sei o que deu em mim, acho que estou chegando naqueles dias...

- Olhe, Nazinha minha filha, isso é coisa de cabeça desocupada, vira casa do diabo, sempre digo. Vamos embora trabalhar que é o melhor que a gente faz.

Não quero estar na hora da festa ainda fazendo comida. E vem hoje um pessoal que eu não conheço bem, lá do Pilar, gente de posse, comerciantes ouvi dizer, tenho que fazer sala.

Pobre da mãe, ninguém merece. Mas comigo vai ser diferente, eu sei, vai sim!

José e Antenor chegaram, dia raiando. Derrubaram o veado na porta da cozinha. Todo ensangüentado.

- Ai, Dona Ana, vê alguma coisa pra gente comer. Saqui a pouco como esse veado, cru, com couro e tudo.

- Deixa de exagero, José. Tá vendo que não precisa disso tudo? Entrem, e...

Dona Ana estendeu o braço.

- Podem parar. Com essas botas imundas não entram não. Tratem de lavar a cara, tirar o sangue do veado, estão fedendo mais que ele.

- Mas, senhora minha tia, também não é assim não, meu suvaco nem tá cheirando tão mal assim.

Todos riam de Antenor levantando os braços.

- Tem ainda da galinha guisada de ontem, Nazinha?

- Tem, José, mas vão logo fazer o que Dona Ana mandou.

Tomou um bom banho na cacimba: a cuia de queijo do reino para água, sabão de pedra para se lavar. Não é só por causa de Dona Ana e de Nazinha me aporrinhando. Não quero perder, hoje vai ter guerreiro, e da outra vez vieram umas caboclas jeitosas.

Elita e Lucila entravam pela janela aberta. Que sorte, D. Silvina nem percebera que as duas estiveram fora tanto tempo.

- Mas mulher, que doidice a da gente.
- Ah, Lucila, é bom demais... E você ainda tacou um beijo no Juca, heim? Acho que ele ainda gosta de você...
- Que nada Elita, você não viu na festa de São Sebastião do ano passado, ele estava com aquela horrorosa, filha do Coronel Gondim.
- Ei, não chame minha amiga de horrorosa não, viu? Não é nada feia, é até muito bonitinha.
- Bonitinha é irmã de feia, sabe?
- Menina, para de rir e deixa de ciúmes do meu irmão. Lembra, foi você que acabou o romance com ele.
- Também, com mãe pegando no meu pé o tempo todo, não é, criatura?

A porta se abriu de uma só vez. D. Silvina não estava com cara de bons amigos.

- Onde é que as duas andavam?
- A gente estava aqui, D. Silvina, o tempo todo...
- Elita não minta para mim, você me deve respeito, sua cabrita.
- Mas a Elita está falando a verdade, D. Silvina, a gente não saiu um instantinho sequer desse quarto.
- Ah é? E esses vestidos cheios de carrapicho, de onde foi? Da roseira da janela? Olhe, menina, eu não quero mais confusão com a senhora sua mãe. Da última vez que me encontrei com ela, virou a cara, nem me cumprimentou. Parece até que sou eu que saio por aí fazendo trela... E a senhora, D. Elita, trate de tomar um banho, se arrumar, temos que sair daqui a pouco para o Engenho Estrela do Coronel João Evangelista, seu pai e irmãos já estão quase prontos.

D. Silvina saiu, mesmo jeito que entrara, a porta batendo ainda mais forte.

- Ai, Lucila, tô com o coração na mão. Acho que ela só não me deu uma surra porque você estava aqui. Ela quis dar uma de boa mãe...

- Menina, deixa de chorar de barriga cheia, você não sabe o que é ter mãe braba não.

- Mulher, vai embora, vai. Você ouviu, tenho que me arrumar rápido e eu nem estava com vontade de ir pra essa festa, só deve ter peão, uns homens feios...

- Nada, menina, quem sabe você arruma coisa boa hoje, heim?

O chapéu de Maria da Fava reluzia no sol a pino. Lantejolas vermelhas, amarelas, azuis realçavam os cordões encarnado, anil nos vestidos das caboclas do pastoril. Caminharam por uma hora, o mocotó estava doendo. Não importa, a roupa que comadre Filó fez pra esse ano está a mais bonita que nos outros, que todas as festas. E tem uma coisa me dizendo que a gente vai ganhar um dinheiro a mais hoje.

Engenho Estrela, uma só alegria. Na entrada, montaram um parque para as crianças, de tudo um pouco, pescaria, cavalinhos, barquetas. Chegavam os mateus avisando o Guerreiro, cantavam, atiçaram os peões, gracejando com as donzelas. Na varanda da Casa Grande, Dona Ana e o Coronel esperavam a chegada de Maria da Fava, começava a defender o Estrela nas competições daquele ano.

Nêna veio chamar Dona Ana.

- O pessoal do Pilar chegou, estão descendo dos cavalos.

- Traga a limonada pra aqui, na mesinha, Nêna.

- Pois não, Dona Ana.

Ficou observando o quanto José estava bonito. Vinte anos, hora de arrumar alguém para aquele menino. Os outros filhos na mesma idade já eram pais de família. Mas parece que ele é meio raparigueiro, não fica numa só, vi quando olhava para as pernas das caboclas do pastoril, cara de sem-vergonha, ah, meu Deus. Guardava a lembrança de quando nasceu, olhos abertos, se arrepiou.

- Tomara, meu Deus, tomara...

- Que é que você está falando, Dona Ana?

- Nada, Coronel, nada. Estava pensando alto, só isso, pensando alto...

Dr. Felipe e D. Silvina subiam as escadas da Casa Grande. Passos atrás Elita acompanhava, devagar. Os irmãos, na varanda, faziam reverência a Dona Ana e ao Coronel.

- Vamos, menina, que moleza é essa? Já não basta o atraso que você nos deu...

- Desculpe, senhor meu pai. Estou indo, estou indo.

Dr. Felipe estendeu a mão, aperto forte.

- Coronel João, que prazer em revê-lo.

- Imagine, Dr. Felipe, o prazer é todo meu. Essa aqui é minha patroa, Dona Ana, e essa deve ser...

- Sim, perdão, essa é D. Silvina. Desculpem o atraso, mas mulher é um bicho meio lerdo, o senhor sabe, não é?

Riram, os homens.

- É. Mas é para elas que trabalhamos tanto, não é verdade?

- Verdade, Coronel, o senhor não está dizendo?

Coronel João olhou para Elita.

- E quem é essa mocinha tão bela?

- Ah, essa é a minha filha Elita. É meio bicho do mato, mas é muito prendada.

- É, estou vendo...

Elita não gostou do jeito que o Coronel lhe olhou. Ai, menina, deixa de besteira, você devia era de achar bom, o Coronel está é lhe elogiando... Será?

- E esse aqui do lado é meu filho José, braço direito aqui no Estrela. É ele que toma conta de tudo aqui pra mim hoje em dia. Cabra muito trabalhador esse. Dos bons.

Elita se animou quando viu o rapaz, que homem bonito. Sentia as bochechas queimando, baixava os olhos, soltou um riso nervoso. Bem que Lucila falou, quem sabe arruma coisa boa...

- Prazer em conhecer, Sinhazinha Elita. Espero que goste da festa daqui do Estrela.

- Encantada, Major José...

... Major José, gostou do nome... Era a primeira vez que alguém lhe chamava assim. E era tão faceira a morena, andava devagar, jeito gostoso, imaginava sem aquele vestido florido, aqueles peitinhos duros, bons de...

- José.

- Pois não, Coronel.

- Leve a menina pra ver o Pastoril; vai começar daqui a pouco.

- Sim, senhor.

Desciam os degraus da longa escada.

- Manda quem pode, obedece quem tem juízo.

Elita deu gargalhadas com o jeito de José falar. Ainda por cima era engraçado...

A música convidava, calor no corpo. Será que é o sol, ou ela, esse jeito de olhar... Espero que não me chame pra dança... mas se pedir, não tem problema, dou um jeito. É só imitar o Major Tenorinho, não dança nadica de nada e parece que nasceu dançando. Um pra lá, volta outro, não requebra muito não, deixa que ela requebre. O suor escorria no cangote, coração pulava. Nunca sentiu isso, nem por aquela outra cabocla de quadril largo que sabia mexer, deliciosa, sim, deliciosa... Mas Elita era diferente. Ele se arrependia dos pecados, dava até pra ser padre se ela quisesse. Não, ela não há de querer não...

Borboleta pequenina,
Que vem para nos saldar,
Venha ver cantar o hino
Que hoje é noite de Natal

Eu sou uma borboleta
Pequenina e feiticeira
Ando no meio das flores
Procurando quem me queira

Borboleta pequenina
Saia fora do rosal,
Venha ver quanta alegria
Que hoje é noite de Natal

Borboleta pequenina
Venha para meu cordão
Venha ver cantar o hino
Que hoje é noite de Natal.

Elita não tirava os olhos dele, certeza, o amor de uma vida inteira. Era dele, pra sempre e sempre, sua borboleta pequenina. Pequenina, feiticeira, José pensava, venha para meu cordão... Corpos, corações pediam, solicitavam, uma urgência tomando alma, nunca mais ficariam longe um do outro...

- Sinházinha Elita, você quer casar comigo?

O cheiro de jasmim estava em todo lugar. Dona Ana cuidava de todos os detalhes, que tudo fosse perfeito. Confeitou o bolo, parecia com o que fez quando se casou, dois andares, flores de goiabeira enfeitando. Precisava ver se José já estava pronto. Preferiu o casamento, ali no Estrela, esse meu menino. D. Silvina até ofereceu a casa no Pilar, muito bonita, conheceu no noivado. Mas o filho preferiu ali, onde nasceu, não queria sair da terra, não era muito de seu feitio.

Elita andava de um lado para o outro no quarto de visitas da Casa Grande.

- Ai, meu Deus, tomara que passe logo, aquele mundaréu de gente lá fora, não conheço nem a metade.

- Fique quieta, Elita, desse jeito vai ficar toda amassada, pare de enrolar o véu com as mãos. E não se esqueça do que lhe falei, não deixe o rapaz pegar muito em você, desligue a luz, viu, não é pra ver nada e fique quietinha, num instante passa, e...

Elita olhava pra mãe. Devia ser tão infeliz, a coitada, não sabia o que estava perdendo. Não, virgem ainda era, mas já dera uns amassos no filho do delegado, ai, que a mãe nem saiba, ia lhe chamar de puta.

- ...e trate de ficar logo prenha, isso segura homem.

O casamento foi celebrado na capela do Engenho. Padrinhos, pais e noivos dividiam o pequeno altar. Major Tenorinho foi o primeiro a saldar o irmão na saída da igreja.

- Vê se agora toma juízo, se apruma, homem.
- Parece até que não tenho prumo, Major.
- É, agora tem família pra criar, é cabo de enxada, estou falando sério. Espero por você na segunda-feira pra começar o serviço comigo, ouviu?
- Pode deixar, Major, estarei lá sem falta.

Patrícia esperava. Ai, vô, me ilumina, parece que tem que ser assim sempre, lutar pelo que quero, mas espere aí, parece que é exatamente isso, ser desafio, difícil mesmo, fácil não tem graça, e afinal, pedi por isso, amar, ser amada, cuidado com seus desejos, menina, pareço ouvir vovô no meu pé de ouvido, um sussurro, sinto até a presença física, tão engraçado... Bom, gostoso, proteção, nada, ninguém pode me machucar.

A casa que Coronel João Evangelista deu para o filho possuía dois cômodos, cheirava a reboque novo. Na sala, uma pequena mesa, arranjo de flor, tamarineira, o corredor, cozinha. A uns cinco metros da casa - o banheiro, bem posicionado. No quarto do casal, a cama forrada, lençol que D. Silvina bordara para a filha, tecido de Maceió, linho, coisa fina, comentou a mãe chegando com o enxoval para a filha.

A lua estava cheia, plena. José fechou portas, janelas. Cansado, passei o dia inteiro esperando por esse momento, quero que seja tudo bom para ela, eu sei, ainda é virgem, não entende dessas coisas, não posso fazer as coisas que faço com as raparigas, é minha esposa. Respeito, José, respeito. As velas vermelhas, colocou nas mesinhas de cabeceira. Incenso no ar, que bom, Zefa fez o que pedi.

Elita retirando o véu, colocou na cadeira. Os sapatos, na sala. Virou as costas para a porta, sentiu que José entrava, começou a desabotoar o vestido. Tanto botão, meu Deus... Ai, minha santinha, tá dando um frio na barriga, fazei que ele seja bom comigo, não sei pra quê fiquei ouvindo aquela conversa de mãe, devia ter é tapado os ouvidos, ou então, dito que era pra ela parar, mas como dizer pra mãe parar, não podia, era falta de respeito, de respeito, e...

Momento tão esperado, desejos contidos, beijos guardados, carícias sublimadas. Olhares vagueando pelos recantos mais raros, intocados, ardentes deste contato. Clamavam por toque, palavras calando nas gargantas, não eram necessárias, comunicação.

– O mundo não existia, o que vale, apenas ali, aquele instante, sagrado e pagão, proibido e abençoado, feito para eles, somente eles. A lua enchia-se em dourado a banhar-lhe os corpos, (se desnudando). Aos poucos, aos poucos. O tempo se eternizando, fazer das horas suficientes para alimentar almas, aquietar espíritos, suportando momentos de ausência. Vestido aquecendo o peito, (âmago queimando a seda). Fogo, brisa nos longos cabelos, macios.
– Paz e guerra em dois corpos, buscar apenas aquele prazer, o auge.

– Beijos percorrem dedos, nuca, ombro, seios, ventre, suaves, quentes, doces. – Olhos, queixo, peito, umbigo, lado, abraços, costas, desbravadores um do outro, (ela pedindo calma), ele, pressa; (delicadas roupas ao chão, esquecidas). – Mais tarde, mais tarde, convite, ninho, entrega; (nas paredes, vultos desenhando, quase se alcançam, dança de chamas, cor de fogo se deliciando, formam uma concha, um corpo só, único, se misturando, não saber onde começa um, termina outro, almas conversando). – Embalos crescentes, (satisfazendo o ser amado). – Prazer maior, (ondas lentas). – Atrasadas para provocar mais, (desejando mais), – prolongar, (deslizando nas horas), até tornar-se cada vez mais, e mais, e mais... (Insuportável, pungente, avassalador, e somente então)... – Clímax, suave dor, abraços, entranhar-se mais, (as peles não se distinguindo).

– Respiração, ar, falta, (saudade), abraçavam para acalentar, repousam, (querendo mais), – não acabar, (eternizando); – (olhavam juntos as velas vermelhas queimando, teimavam, pedem); – (olhos, bocas, mãos suaves deslizando, acariciam)... Novamente... (Aurora trazendo a lembrança do tempo, mais um pouco)... – Brisa pára, (permitindo mais), demora, tão devagar... – (Para sempre)...

Valera, tanta espera. Sabia que amada, estava no paraíso. Para sempre dela, lhe pertencia, nada, ninguém tomaria. Abraçava-lhe, nunca antes ficava abraçado. Que mulher. Com nenhuma outra fora assim, sabe o que quer, enfeitiça, deixa louco. Será que pode ser assim? Tão diferente... Iniciativa dela... Não pode fazer essas coisas... É melhor disfarçar, que ela não fique sabendo.

O dia amanhecia. Patrícia nunca estivera tão feliz, se morresse agora estava satisfeita... Ei, menina, que história é essa de morrer agora, quero mais e mais e mais...

Elita acabava de varrer a casa. Pensava na mãe, tão boba, ah, se soubesse... Olhava José colocando as botas, ia começar a trabalhar com o Major Tenorinho.

- Onze horas tô aqui pro almoço, viu, Dona Elita?

- Sim, senhor, Major José.

José fez uma cara séria para o sorriso da esposa, mas queria mesmo rir. Deixa pra lá, pense que não gostei, mulher não presta com muita segurança.

Olhava para a Ouricuri. Ainda vou ter uma dessas, que sorte do Major Tenorinho. Sorte? Nada, foi trabalho mesmo, e isso eu sei fazer, ah sei. Então, vamos embora ver no que vai dar. Pegou o alicate, a moenda estava parada desde sexta-feira.

- Preciso consertar logo, os carregadores vão chegar daqui a três dias, o açúcar quebra quilo tem de estar pronto...

Nena bateu na porta da biblioteca.

- Coronel João, sua licença, tem uns homens de lá da Atalaia pra falar com o senhor.

- Deixe entrar, Nena. Vou pra sala de visitas. Traz um cafezinho pras visitas.

- Na xícara, Coronel?

- Não, mulher, joga no chão e trás no rodo. Mas que pergunta mais idiota, é mesmo uma jumenta.

Nena saiu rápido para chamar as visitas, enquanto o dono do engenho resmungava.

Que é que esse povo quer? Não sabem que não me interessa mais por política? Dois senhores, um, alto, esguio, paletó de bom corte, costeletas grossas; o outro, baixo, gordo, de chapéu e bigode.

- Coronel João, quanto tempo, não é mesmo?

- Pois é, Coronel Gondim. E o senhor, Dr. Eurico? A que devo o prazer desta ilustre visita?

- Então, Coronel, deixe que eu fale pelo Dr. Eurico, viemos aqui porque estão acontecendo umas coisas aí nas redondezas, não estou muito satisfeito não.

- Que coisas, Gondim?

- Parece que um bando de ladrão de cavalos está invadindo as terras de uns compadres meus. Imagine, aonde é que isso vai chegar?

- Não me diga, Coronel. Mas é daqui mesmo, esse povo?

- Sei não, Coronel João. Ouvi hoje no boticário quando fui aviar umas receitas.

- E o que é que você entende dessas coisas, Dr. Eurico? Pensei que só soubesse de nome científico de bicho.

- Coronel João, alto lá. Trouxe aqui o Dr. Eurico para ser testemunha de que o assunto é sério e só vim porque lhe devo muita consideração, o senhor sabe.

- Calma, Coronel Gondim, calma. Isso não vai resolver nada e já conheço o jeito do Coronel João, isso não me atinge, tenho muito orgulho de saber dos nomes científicos dos... como disse? Ah, bichos.

- Bem, então vamos ao que interessa. Porque vocês dois vieram aqui?

- Queremos que o senhor, por ter sido Chefe Político de Atalaia, nos indique um cidadão para ser Delegado. O Ismar de Góes Monteiro pediu, pessoalmente, que eu interviesse. Mas tem que ser alguém de pulso, cabra macho, o que está agora parece um banana...

- Dr. Gondim fala isso, Coronel João, porque não estão sendo tomadas as providências necessárias, apenas algumas paleativas, resumindo, não se prendem esses bandidos, a delegacia está às moscas.

- Um nome? Mas e quem? Não conheço mais tanta gente desse meio. E é uma coisa de muita responsabilidade...

- Ouvimos falar que tem um filho, parece que é o caçula, muito brabo e que não é de falar muito. Qual o nome, Dr. Eurico?

- Seu filho José. Outro dia contaram que apartou a briga de uns peões da Usina Brasileiro quando foi negociar cana por aquelas bandas. Parece que nem usou arma, foi só no grito.

- Ele não é o meu caçula, não, tem outro depois. É, estou sabendo dessa história, mas não acho que isso seja suficiente. Tenho filho mais brabo, o Aníbal, por exemplo. Mas... Pensando melhor, é cabeça dura, não vai obedecer.

- Tem que ser alguém que o senhor mande, senão, perde o controle, não dá certo.

- Nisso o José tem mais jeito. Vou falar com ele, podem dar o assunto por encerrado.

- A gente sabia que o senhor resolveria a contento, Coronel João. O senhor sempre é muito providente.

- Agradecido, Dr. Eurico, agradecido. Mas vamos tomar logo esse café, só presta pelando a língua...

Elita olhou o relógio na parede. Já é tão tarde assim? Cadê o José, inventou de ir sozinho pra Atalaia. Desde que Coronel João botou ele pra ser Delegado, não pára mais em casa, só vive na rua.

Olhou o filho dormindo. José Ivon, parecia tanto com o pai... Alisou a barriga, já estava redonda, queria uma menina, para fazer-lhe companhia. Tanto carinho para dar...

Ouviu o barulho do Forbigode chegando, sempre rabiava com o carro, sorria Elita. O Major entrou na sala, rodopiava ao redor da esposa.

- Borboleta, pequenina... Saia para o meu curral... Venha ver quantas estrelas... Hoje é noite de rosal...

Começou a jogar flores sobre Elita.

- Que é isso, José, de onde trouxe essas flores? E que horas são essas de chegar?

- Venha pro cordão encarnado... Venha ficar agarrado...

Elita apanhava as flores, jasmins e margaridas.

- José, me largue, minha barriga. Isso foi de onde, pastoril? Ah, eu não acredito, é muita cara de pau, não respeita nem meu estado...

- Venha cá, minha borboleta, venha que o meu cordão já se animou...

- Saia de perto, não toque em mim seu cabra de peia.

- E você não me repita esse nome, não lhe dei esse direito.

- Direito, direito. Pois eu vou dizer quem já perdeu o direito... Vai dormir é aqui, na sala mesmo. Não chegue mais perto, nem um passo, ouviu? Seu raparigueiro.

Nazinha entrou na sala na hora exata que José partia para cima de Elita.

- Que barulho é esse? Dá pra ouvir lá da Casa Grande. E você, José, tá ficando doido? Não está vendo o estado da sua mulher? Saia daí, e nem abra mais a boca, passe pro banho, estou mandando.

José saiu com tudo, quem Nazinha pensa que é Dona Ana? Que mania de se meter na sua vida.

Acordou com dor no pescoço. Também. Dormir daquele jeito, no quarto do Ivon, Elita me paga. Não, Nazinha. E ainda aquele diabo de carro, quebrou de novo, precisava consertar ali mesmo. Diacho, tenho que chegar logo na Usina Brasileiro.

- Mas a gente tem que dar um jeito nesse cabra. Agora só quer dá uma de justiceiro, todo certo, não arreda o pé.

- Temos que enquadrá-lo, quem ele pensa que é? Foi de quem a idéia de botá-lo na delegacia?

- Foi do Gondim, não sei o que deu nele. Vai ver, queria babar o ovo do Coronel João e nem precisa. Ou então quer se candidatar no próximo ano a alguma coisa na cidade.

- Mas não vai ficar assim, não. Vamos ter que dar um jeito nele...

Entendia mesmo de carro, riu orgulhoso. Estava todo melado de óleo, que importância faz? Procurou a chave, ainda dava tempo de levar as canas para a Brasileiro. Apressa, homem, apressa. Não percebeu que dois homens se aproximaram, tangiam jumentos. Dez. José se levantou para falar com os peões.

- Bom dia, seu Doutor.

- Bom dia, podem me chamar de Major. Vocês estão indo pra onde?

- Estamos levando esses burros pra tentar vender na Usina Brasileiro. A gente está meio perdido, o senhor sabe dizer se é nesse caminho que nós estamos?

- Pois olhem que coincidência, acho mais que é sorte dos senhores. Estou indo pra aquelas bandas, vender essa cana... E esses burros, já sabem preço?

- Ah, o preço que oferecer, Major.

- Agüentam carga? Já carregaram ancoretas?

- Perdão, Major, e o que é isso?

- Ih, se nem sabe o que é ancoretas... Não devem ter carregado barril de cachaça, não...

- Ah, barril de cachaça já carregaram, sim. Perdoe a ignorância, Major. É que a gente não é daqui, não sabe desse palavreado.

- Sei... Então me sigam. Quando chegar lá a gente resolve.

Usina Brasileiro. Ajudaram a descarregar a cana, colocavam no chão, entrada da moenda, ficaram esperando do lado de fora. O Major demorou uma hora, foi pedir logo adiantamento, queria comprar os jumentos. Contou as notas devagar, separava uma porção, dobrando com cuidado o resto, enrolou em um barbante, amarrando bem, colocou no bolso. Estendeu a mão com um punhado de dinheiro para os peões.

- Olhem, isso aí deve dar.

- Obrigado, seu Major, mas não precisava disso tudo.
- Não tem problema, baixinho, me devolve, então.
- Não, não, tá bom, assim tá bom.
- Então me ajudem, subam na carroça os jumentos, caminhem, vamos, depressa, quero levar logo pro estábulo, devem estar com fome. Faz tempo que comeram?
- Faz um pouco, seu Major, não me lembro bem...
- Tá, tá. Quando chegar lá eu vejo.

O Major se despediu dos peões. Não deu um quilômetro o carro morreu de novo.

- Eu não acredito. Que é que essa mundronga tem hoje? Desse jeito não vou chegar nunca no Estrela...

Abriu a tampa do motor, virou, mexia, ligou a ignição. Nada. Acho que esse bicho tá no tempo de trocar.

- Major José, é o senhor que está aí?

Levantou a cabeça de uma vez, bateu na tampa. Vai dar um puta galo. Merda, viu dois senhores, montavam alazões, um marrom e o outro cinza.

- É, parece que sou eu mesmo. Vocês são... ah, têm passado bem? Quase não os reconheci...

- Pois é, faz muito tempo não é, Major? Como vai Dona Elita, bem?

- Vai bem, já está prenha do segundo, acho que chegaram a conhecer o José Ivon, no batizado, não foi mesmo?

- É... o senhor lembrou bem, foi no batizado. Pensei que fizesse mais tempo.
- Mas os senhores, indo para onde?
- Justamente, a gente tava indo pra Atalaia, na delegacia ver o senhor.
- Foi mesmo? E o que aconteceu lá pras bandas das suas terras?
- É sobre...
- Ô, Major, esses jumentos, o senhor arrumou onde?
- Esses jumentos? Ah... São meus, acabei de comprar, dois sujeitos estavam indo oferecer pro pessoal da Usina Brasileiro.
- Mas, Major, esses jumentos...
- Sim? O que é que tem os meus jumentos?

Os dois cavaleiros falaram juntos. Finalmente.

- Esses jumentos são nossos.

Major levantou mais. Será que os dois estavam doidos? Aqueles jumentos não podiam ser deles.

- Os senhores têm certeza que esses jumentos são de vocês? Prestem bem atenção, isso é coisa muito séria...
- Temos Major, estávamos indo pra Atalaia, já dissemos antes. A gente ia prestar queixa, lá com o senhor.
- Mas será o Benedito? Não é possível que esses cornos tenham me enrolado.
- É Major, acho que lhe pegaram nessa mesmo. Sinto dizer.

- Ah, mas isso não vai ficar assim, eles não perdem por esperar. Olhem vocês vão me acompanhar, ajudem aqui, vamos botar pra funcionar esse carango, vou deixar lá no Estrela, a gente segue atrás desses cabras.

O cavaleiro do cavalo marrom olhava para o outro.

- Ahn... Sim, claro, sim. Ajudamos com o maior prazer, Major...

Conseguindo colocar o Forbigode para funcionar chegaram no Engenho Estrela. O Major pediu para o vaqueiro descer os jumentos, dar água, comida. Pegou Gato Preto na cocheira, alazão vistoso, pelo brilhante, acabara de ser escovado. Chamou o capataz que subiu em outro cavalo

- Vamos, falou a todos. Vamos achar esses cabras de peia.

O Major, trotando na frente e logo atrás seguiam os três. Após meia hora, avistaram dois cavalos amarrados em uma moita.

- Devagar, devagar, vamos apear aqui, são eles.

- Major, eu ainda acho que a gente devia chamar reforço. E se esses cabras estiverem armados? Eu não sou muito bom de mira...

- Não se preocupe não, homem, eu tô armado, qualquer coisa atiro. E Sebastião aqui é meu melhor homem nessas coisas. Mas não há de precisar, esses aí são uns frouxos.

Descendo dos cavalos, amarraram em uma árvore próxima. Meio agachados, arrodaram a mangueira onde os ladrões estavam deitados à sombra. Ainda havia resto de comida nos pratos deixados de lado.

O Major espumava. Aqueles filhos da puta, iam ver só, pensam que podem sacanear assim, estão muitíssimos enganados. Foi em cima do galego, deu-lhe uma chave de mão. Sebastião pegou o outro, não reagiram. Os dois cavaleiros ficaram parados olhando.

- Major, o que é isso, Major? O que foi que houve?

- Que foi que houve, nêgo? Seus filhos da puta, cangaceiros, merdas. Querem me foder? Querem me foder?

- Calma, Major. Ai, moço não aperta muito aqui, não. Tô engasgando.

- Não tenho calma, não, galego. Agora vocês vão ver com quantos paus se faz uma jangada. Sebastião, dê uma coça nesse miserável, uma cambada de pau.

O capataz começou a bater no moreno. Antes de contar dez cacetes, o galego se agarrou nas pernas do Major. Os dois cavaleiros pularam para trás.

- Não faça isso, Sr. Major, não quero morrer aqui. Olhe, a gente é pau mandado, não fez isso só... Olhe, foram esses daí, esses doutores, estão andando de costas, vieram, chamaram a gente, diziam que era pra fazer esse serviço, pagavam com charque. Major, o senhor não sabe o que é que não se faz por comida, até passar fome a gente passou...

O Major olhou para os indicados. Já estavam próximos aos cavalos.

- Ei, vocês dois aí, parem agora mesmo. E vocês, seus paus mandados, vão ser presos do mesmo jeito, sabiam?

- Sabia, Major, eu só não quero é morrer de cacete. Mas eu juro, juro pela saúde de meus filhos, que é por isso que tô nessa lida, pra arrumar comida... Oh, Major, o senhor é um homem de bem, a gente sabe. Esses dois queriam sacanear com o senhor, até estranhei, nem tinha precisão. Mas serviço não se escolhe, faz e pronto.

As bochechas do Major pareciam duas bolas de fogo. Virou para os fazendeiros.

- Pois então vocês vão me acompanhar, sim. Pra delegacia. Afinal de contas, não era pra isso que vocês estavam atrás de mim?

A delegacia ficava uma esquina antes do matadouro. Major seguia na frente, sorria, retirava o chapéu para as senhoras, na mão direita segurava as rédeas de Gato Preto e uma corda, Sebastião, final da fila, segurando a outra

ponta. As pessoas se aproximavam, uns riam, outros faziam sinal da cruz. O vigário saiu da igreja, ficou na calçada impressionado com o que via.

Ladrões na frente, fazendeiros atrás. Cavalo marrom, calda amarrada na corda, desce para cintura do ladrão moreno, corda, cavalo, calda, ladrão louro, corda, cavalo, calda, um fazendeiro, corda, cavalo cinza, seu dono. Pararam na frente da delegacia. O Major olhou para trás, os atalaienses em procissão. Subiu na calçada, mão em cima dos olhos, sombra para enxergar, sol forte encandiaava.

- Cidadãos de Atalaia, o que vocês estão vendo aqui é um exemplo para quem pensa que pode enganar a lei e os homens de bem desta tão honrada cidade. Aqui era casa de Mãe Joana, já não é mais, vocês agora têm delegado que pega esses cabras de peia. Até ladrão disfarçado de gente direita tinha.

O burburinho era geral. As senhoras, mãos sobre a boca, cochichavam umas com as outras. Os cavalheiros, mais enfáticos, falavam alto. O Major olhava para todos, cumprimentava com a cabeça. Serviço cumprido.

Gastão saíra da fazenda, meio da tarde. De Murici para o Estrela, uma hora de cavalo. O vaqueiro seguia, montava o pangaré. Na garupa, um embrulho grande: galinhas de angola. O mano vai gostar, Gastão sorria. Nunca vi sujeito pra gostar tanto de bicho feito aquele cabra.

Elita passava a escova nos cabelos, imagem no espelho da penteadeira. O marido ia para Atalaia, mais um pastoril. O dia não havia se despedido, tons rosas pintando o céu. Usava um roupão por cima do vestido, riu com a idéia. Ah, Major, não vai ficar assim desta vez não.

O marido passando gel no cabelo, lavanda no pescoço, se olhou no espelho. É, está bom assim. Ajeitando o chapéu na cabeça, falou com Elita.

- Já estou indo pra Atalaia. Não volto cedo, vai ter reunião até tarde na casa do Coronel Gondim. Querem ver o que vão fazer com aquele caso dos ladrões de

burro. E, ainda por cima, pra piorar, tem vigário falando mal de mim no sermão, me esculhambando...

Elita viu quando o Major passou para a cozinha, sempre tomava um cafezinho no final da tarde. Era agora ou nunca. Tirou o roupão, calçou os sapatos, saía na ponta dos pés, pegando o cobertor preto, separado desde cedo. Vamos, rápido. Antenor entrou no carro, não iria vê-la subir na carroceria do Forbigode. Devagar, a barriga estava enorme, não ajudando. Deitou perto da janela próxima à cabine, se acomodando, puxou o cobertor até se esconder, por completo. Coração aos pulos, ah, se ele me descobre, estou perdida, perdida.

Podiam avistar o Estrela, o cavalo de Gastão se inquietava.

- O que é isso, Raio de Trovão? Fique quieto, estamos quase chegando, quase chegando.

Os cochilos do vaqueiro despertaram quando o pangaré que montava puxou para a direita, forte, empinava, gaiola abriu, galinha voando para os lados, a cobra jararaca, o vaqueiro, tiro, Gastão caindo do alazão, vaqueiro descendo de pangaré, desespero, puxar patrão, colocar no dorso de Raio de Trovão, seguir para o Estrela.

Elita, devagar, retirou o cobertor do rosto. Já poderia se levantar, ver onde estava. Os dois, próximos a uma roda. Outros homens, quem eram? Antenor e o marido, um palco improvisado, não enxergava bem daquela distância. Mas dava para ver os chapéus das pastorinhas, quando o Major tirou do bolso dinheiro oferecendo à líder do cordão encarnado a qual agradeceu em flores. Ah, as flores de onde eram. As que jogou em cima dela, ah, danado!

Abaixou a cabeça rápido, Antenor, olhos apertados, virou-se para o lado do Forbigode, Elita se encolhendo, rezava para não ter sido descoberta.

Sebastião viu quando o cavalo do Major Gastão e um pangaré chegaram. Havia alguma coisa em cima do alazão... um lombo de bicho... talvez... Segurou grito. Que lombo de bicho que nada. Era o próprio Major Gastão, Virgem Maria!

- Zefa, Nêna, ajudem, venham ver o que está acontecendo, corre, corre.

Saíram atazanadas da cozinha, depenavam galinha. Largando tudo, correram atrás de Sebastião que já alcançava o vaqueiro e ajudou a descer Gastão. O peão desesperado.

- Aconteceu...tudo rápido... não sei bem como foi...só sei que quando vi, o cavalo empinou, vi a cobra, o Major caindo...eu, eu...não tive culpa, Sebastião, o revólver disparou, não tive culpa...

- Calma, homem, vê se acalma. A gente tem que chamar o Major José. Vamos, Nêna, ajude o homem levar o Major Gastão pra Casa Grande. Zefa, vai antes, vê se Dona Ana está em casa, mas cuidado com ela. Tenho que ir atrás do Major José.

O vaqueiro soltou um grito:

- Tá doido, homem! Ele vai me matar, tirar a minha pele! Não faz isso comigo, tenho família, não faz, faz não.

- Não tem jeito, homem. Tem que chamar ele, sim. Assuma. Você matou um homem, ele é delegado, se tiver que pagar vai pagar e pronto.

- Mas ele vai me matar, Sebastião, e não foi minha culpa. Zefa, fala com ele, ajuda, pelo amor de Padrinho Padre Cícero.

Felizdona alisou o braço do peão.

- Não tem o que fazer não, homem, nem jeito tem. Escuta o que Sebastião tá dizendo. Tem que chamar o homem, o Major tem que saber, ele é quem decide. Deus tenha piedade de sua alma, homem.

Elita ouviu um barulho, gente se aproximando, uma conversa rápida, a voz de Sebastião, a história, tiro, Gastão, o vaqueiro, o que estavam falando? Então, silêncio. Levantou os olhos, o Major, Antenor, ela.

- Só não lhe dou umas tapas, Dona Elita, porque está buchuda e tenho mais o que fazer. Vamos embora, saia daí, o Antenor vai atrás no seu lugar. A gente vê depois, conversa...

Um canto escuro do estábulo. O vaqueiro tremia. É o fim, nem vou poder me despedir da mulher e dos meus filhos... Quem vai criar, quem? Virgem Santa, Padrinho Cícero, ajudem, tenham piedade... O Major chegou, encolheu-se mais ainda.

- Major, esse é o homem. Foi ele que deu o tiro no Major Gastão, está na mesa da Casa Grande, Dona Ana é um desespero só.

O Major chegou perto do homem que fechava os olhos, chorando baixinho. Não tem mais jeito, acabou, acabou... Deus tenha pena de mim. O Major segurou o braço do vaqueiro, levantou-lhe a cabeça.

- Calma, homem, não vim fazer nada com você, acabou, ninguém vai trazer ele de volta. Vamos nos equilibrar, é só o que a gente tem pra fazer. Trabalhar, criar os filhos dele. Não vou fazer nada com você, não, fique calmo, fique calmo.

O vaqueiro abriu os olhos, a luz por atrás. Aquele homem, um santo. Obrigada, Virgem Maria, Padrinho Cícero. Vou pagar promessa, juro, vou a pé até Juazeiro, fazer romaria...

- Major... O que é que eu faço pra agradecer essa caridade? Me diga, qualquer coisa. Olhe, eu trabalho aqui de graça, só preciso de um pouco de comida pros meus filhos e a mulher. Me arranjo com o que o senhor me der, diga, qualquer coisa.

O Major parou, soltava o braço do vaqueiro. Respirou fundo.

- Homem, Zefa vai trazer comida, um quarto de água e um dinheiro, mas você vai me fazer um favor, vá embora daqui agora. Não lhe mato, mas não quero o homem que apagou meu irmão por perto, mesmo que sem querer. Posso me arrepender depois...

Patrícia abraçou Clara, tantas saudades, notícias para contar.

- Menina, eu vim correndo quando você me disse. Que maravilha, me conta, quer dizer que vocês se encontraram?

- Pois é.. Senti agora uma pontinha de esperança. Chamei pra ir comigo ao show do Lulu Santos, ele disse que ia pensar, talvez fosse viajar a trabalho, não deu certeza. Então, fiz a maior loucura: deixei meu CD do Lulu no escritório dele, uma carta, a letra de Um Certo Alguém, palavras chave em negrito, ver se caía a ficha... Isso foi de manhã cedo. À noite eu fui ao La Cuisine com meus irmãos. Sabe aquele bistrô gracinha na beira mar? Clarinha, eu me vesti como se fosse encontrar ele. Todo mundo super simples e eu produzida, o Zé até perguntou se eu ia pra uma festa. E aí, adivinha o que aconteceu?

- Ah, tá na cara, não é Paty: você se encontrou com ele.

Patrícia jogou a cabeça para trás, tamborilava os pés no chão.

- E então, minha linda. Encontrei, só que fingi que “niente”, não tinha visto nada. E eu me achando, não é, Clarinha? Ele olhava, me observando... Ai, menina, coisa de louco. E aí, adivinha onde sentamos? Bem atrás dele, mulher, atrás dele. Ele estava numa mesa de amigos, tudo mais. Fiz de conta que não estava nem ligando...

- E então?

- Aí ele teve que ir no banheiro, não é? Passar por mim, falar comigo. Não deu outra, nêga, agiu como se não tivesse me visto também. Ah, Clarinha, eu estava tão grata a Deus, foi um presente, presente... E muito rápido, pedi no domingo, na missa...

- Ah, Paty, me perdoe, não acredito nessas coisas não. Parece que está tudo nas mãos Dele, não existe livre arbítrio...

- Não é nada disso, Clara. Respeito seu ponto de vista, mas acredito sim em uma força maior nos guiando, dá luz, mostra o melhor caminho, onde encontraremos maior felicidade, plenitude. E Ele quer que peçamos, minha querida, que entreguemos nossas vidas em suas mãos, sendo levados segundo a vontade dele. Acredito que realizamos essa vontade através de nossas escolhas, quando estão afinadas com as Dele. Não há falta de livre arbítrio, mas presença de entrega, despreendimento...

- Mas é o seu ponto de vista, não é?

- É, Clara, e eu não vou questionar o seu. Não. Você tem essa liberdade de acreditar no que quiser, e isso, minha querida, tenha certeza, também é um presente Dele...

- Mas, Paty, voltando pro carinha... Fico tão feliz com você, bem que falou, tem que esperar, ter paciência. E eu que não estava acreditando mais nessa história, achando ele muito complicado.

-É, mas ainda não estou satisfeita, não. Preciso ter certeza, entende, Clarinha. Certeza do que ele realmente sente por mim. Por que é que ele fica nesse lenga-lenga, não se decide. Mas não estou reclamando, não. Adorei. Acho que vou pedir mais uns presentinhos desses pro papai do céu.

Clara ria de Patrícia com as mãos juntas, olhando para o alto.

O Restaurante Chez George era famoso pelos pratos elaborados, perfeita combinação entre a culinária francesa e pernambucana. Não eram apenas os pratos, a decoração também favorecia, tons de alaranjado puxando para o cobre. Nas paredes, esculturas e pinturas de artistas locais emprestavam um exato ar de aconchego. Patrícia experimentava pela primeira vez em toda uma vida o amor, estar apaixonada. Realmente apaixonada. Queria gritar, espalhar para os quatro cantos do universo que a vida é bela, vale a pena, vale, vale. Não parava de falar, gesticulava freneticamente para a amiga... Uma sensação estranha. Coração disparou, uma energia forte tomando conta da alma. Sussurro, vire, vire. Patrícia, sem conseguir se controlar, virou o corpo, olhou para trás. Foi então que viu os dois, segurava a cabeça com as mãos.

- Clara, eu não acredito no que estou vendo.
- Paty, o que foi? Você está com uma cara, e sua mão está um gelo...
- Olhe pra trás, menina, veja quem está entrando.

Clara se virou, mesma direção do rosto pálido, um casal, procuravam mesa, entendeu a reação da amiga. Conhecia a acompanhante, ex-namorada dele. Ele que era a paixão de Patricia. Aproximou a cadeira, alisou o cabelo da amiga.

- Paty, ei, fique calma, calma.
- Eu estou calma, Clara... Ai, meu Deus, o que foi que eu pedi... Lembra, a gente estava falando disso agora mesmo...
- Menina, agora sou eu que estou arrepiada.

Lágrimas rolavam no rosto de Patrícia, era o fim, sabia. Passou a mão nos olhos, virando o rosto, não queria ver mais.

- Pelo menos ele se decidiu. Agora eu sei, eu sei.

De longe, ele a observava. Surpreso.

A romaria seguia, insistente, fé maior que os percalços. Acreditavam nos milagres, buscando vida melhor. Pedidos, desejos, só o Padrinho Cícero poderia ajudá-los, resolvendo problemas, cura, salvação.

Lia passava a mão na barriga, redonda, pesando. Estava nos dias, começando a sentir dores, enrijecia o ventre, qualquer momento, qualquer momento. Paciência, mulher, paciência, já estavam no meio do caminho. Sentia saudades de Dona Aninha, sua dinda querida. Que invenção do marido, pagar promessa justo quando o filho estava prestes a nascer. Se estivesse no Estrela, nada disso estaria acontecendo, nada disso.

O vigário observava a assembléia em silêncio. Todos esperavam pelo sermão, o que iria falar naquele domingo?

- Queridos irmãos, irmãs em Cristo. Estamos aqui mais uma vez, não apenas para sermos ovelhas passivas, pois não foi essa a missão que nos foi dada por Aquele que lutou contra as injustiças, os desmandos, a violência. E não podemos ficar calados, aceitarmos, abaixar a cabeça para o que não é certo, não é coisa de Deus. Eu, como representante máximo nessa cidade da vontade divina de nosso Salvador, vejo a verdade, o que Ele condena, despreza, repudia. Venho aqui, meus caríssimos irmãos, denunciar a barbárie que foi cometida contra homens de bem de nossa sociedade. Homens que tudo fizeram pelo bem-estar dessa população, dando emprego, comida, ajuda nas doenças dos mais humildes, mais necessitados. E então, vem esse monstro, vulgo Major José Tenório, se acha algum xerife dos filmes de faroeste americano e amarra os pobres coitados nos rabos de animais. É humilhante, meus irmãos, um abuso do poder, da autoridade que por nós mesmos foi proferida. Temos que tomar nossas providências, se não, no que vai acabar essa cidade pacífica, pacata, de gente de bem, respeitadores, ameaçados por tresloucados, que nada mais são que filhos mimados, usam a delegacia como brinquete, brinquedo de criança.

Debaixo da sombra da mangueira o Major esperava acorrido. Podia ver a casa paroquial, ficava a poucos metros da Matriz. Sebastião chegou esbaforido.

- Ele está terminando a missa, o sermão, a mesma coisa, Major, mesma coisa. Parece até que o homem é papagaio...

- A gente já sabia disso, não é? Olhe, os dois homens que eu lhe pedi, já estão prontos?

- Estão sim, Major.

- Diga para eles esperarem o movimento diminuir. Quando eu der o sinal, eles façam o que têm que fazer.

Lia acordou assustada com o barulho. Chegaram à noite naquele engenho. Ouviram falar, era gente caridosa, ajudavam os romeiros, dando comida, lugar para passar a noite, iriam sair ao amanhecer. Lia olhou pela fresta da janela, ainda não está claro... Então... cangaceiros... a história era verdadeira... os jagunços de Floro Bartolomeu, lutavam pelo Padre Cícero saqueando as cidades entre o Crato e Juazeiro. Defendiam o santo homem e os coronéis da região do Cariri das forças do Governador Franco Rabelo: as Tropas Legalistas da Política de Salvações do Presidente Hermes da Fonseca.

Mas espere aí, nós somos do lado do santinho, seu moço. Não ouviam, pegavam comida, carne de sol, farinha de mandioca, bolinavam as filhas do senhor de engenho, cabeça baixa. Filhos da puta, vocês me pagam!

Lia se abraçou com o marido. Encolheram-se no canto do quarto. Estamos presos aqui. E agora? O que vai ser da gente? E o meu filho?

Oh, que me abençoes,
Que me alargues as fronteiras,
Que seja comigo a Tua mão,
E preserves-me do mal,
De modo que não me sobrevenha aflição.

Ai, Padrinho Cícero, se o senhor tirar a gente dessa, lhe consagro a criança, vai ser afilhado do senhor e de Nossa Senhora...

O vigário aproximou-se da casa paroquial satisfeito, daqui a pouco serão tomadas as providências, tirar aquele maldito da Delegacia. Como podia fazer isso com seus amigos? Melhores dizimistas, gente simples, contribuía tanto com a igreja. Outro dia foi pedir para que ajudassem uma moça, estava grávida, que coisa, disse até que era dele. Aquela rapariga, deita com qualquer um, depois quer se fazer na vida, só porque me fez um favor? E quem me garante, no meio dos tantos, quem me garante? Mas teve o que merecia, levaram a puta pra fazenda de uns parentes deles, dos amigos, mandaram calar a boca, senão... O menino, pelo menos, vai ser bem criado, não morreria de

fome. A consciência estava tranqüila. A mãe não vale nada, aquela sem-vergonha, mas o garoto, o garoto não.

Abrindo a porta, ouviu um estalido vindo da mangueira, virou-se, o sol encandeando, não dava para enxergar, um vulto, dois, se aproximaram, agarrando, arrastavam, um saco na cabeça. Tudo escuro.

Não lembrava quanto tempo ficara no que pareceu ser uma boléia de caminhão. Mas havia um pressentimento, forte - melhor não parar, o pior viria então. O coração pulou, veículo parando, as mãos, pés, amarrados, tentava se soltar. Em vão.

- Pelo amor de Deus, o que é que vocês estão fazendo? Quem são vocês? Estão enganados, sou um homem santo, estão cometendo um erro...

Sebastião retirou o saco da cabeça do vigário. Viu então quem era o mandante.

- Major, eu já devia ter imaginado. É do seu feitio, não consegue agir feito homem sério, precisa de capangas pra pegar um padre indefeso, servo do Senhor.

- Cale logo essa boca, seu famigerado, padre raparigueiro, filho da puta!

- Alto lá! Cuidado com o que o senhor está falando! Isso é pecado, blasfêmia. Não se pode mexer com quem é de Deus, abençoado, não pode me tocar. Debaixo desse céu, eu represento a Ele, o todo poderoso. Estará cometendo pecado mortal se fizer qualquer coisa comigo.

Sebastião olhou para o Major. Queria saber o que faria, não posso ser exconjurado, a família é muito católica.

- Então está certo, Sr. Vigário, está bem. Eu ia lhe dar uma surra agora, assim desse jeito que o senhor está, pra aprender a não ficar falando calúnias de gente que consertou a bosta da Delegacia, prendeu quem não presta, protegeu os inocentes de verdade, botou ordem nesse lugar. Mas pra não ficar com a consciência pesada, Deus me livre de uma maldição... Vou dar uma surra no

senhor, sim... Mas é de cabeça pra baixo, pra o senhor ficar mais perto de quem lhe enviou aqui na terra de verdade: Satanás.

E Sebastião não teve mais dúvidas, apenas olhou para os jagunços, o sinal. Deram uma surra no vigário para nunca mais esquecer. Estavam protegidos, Deus não os amaldiçoaria.

Coronel Gondim espantou-se. Major José entrou, uma tirada só no meio da sala de jantar, a família reunida na ceia. Gondim engasgou-se.

- Major José Tenório, o que lhe trás aqui tão afobado, uma hora dessas? Mas me desculpe os modos... Está servido?

- Não, Coronel, o que eu vim aqui para dizer é rápido, nem vai esfriar sua canja. Estou lhe devolvendo a Delegacia da cidade de Atalaia. Cumpri minha missão.

E olhando para a cara abismada do Coronel, o Major reforçou.

- E tenho dito.

Saiu do mesmo jeito que entrou.

Zefa estendia as roupas no varal. Ao longe, viu um casal se aproximando, lentamente. Carregavam um embrulho, pacote pequeno. Zefa reconheceu Lia e Luís, saiu correndo feliz ao encontro dos amigos.

- Meu Deus, Lia, pensei que estava vendo miragem, vocês não deram uma notícia sequer. Achava que iam ficar lá morando com o Padrinho Cícero.

- Zefa, venha aqui, dê um abraço no seu compadre. Mas não é que foi quase isso que aconteceu mesmo. Ficamos presos num engenho, já chegando em Juazeiro. Os Jagunços de Floro Bartolomeu, minha filha.

- Não me digam!

- Pois não é? A sorte é que o engenho é de um pessoal muito bom, nos recebeu, deixou a gente ficar. Então, o menino nasceu, fiz promessa, consagrei pro Padrinho, pra Virgem Santa. Ele não é de muita saúde, não, veja, o pobre inocente... Por isso que voltamos, assim que conseguimos mostrar pro Padrinho.

- E como se chama o anjo? Deixa eu ver o rosto do pequeno.

- José Luiz. Nós o chamamos de José Luiz Valentim de Oliveira. Nosso Luizinho.

Elita procurando por José Ivon no quintal, entrou na cozinha, o filho estava atrasado para ir à aula.

- Onde é que se meteu esse menino? Será possível? Toda vez que está na hora de ir pra a escola ele some feito fumaça... Nêna, você viu o Ivon?

- Não, Dona Elita. A última vez que eu vi estava debaixo do caminhão mais o Major. O menino adora ficar remexendo nos troços com o patrão.

Elita riu. Era muito parecido com o marido. A mãe foi atrás do caminhão, o danado se levantando, todo sujo de óleo com os cabelos assanhados.

- Ô, menino, mas isso lá é jeito de se estar uma hora dessas. Olhe, vá pra cacimba agora mesmo, vou lhe levar uma muda limpa de roupa, sua irmã Edna já está pronta.

Obedeceu, José Ivon passava pela mãe, voltando, puxou o vestido para lhe dar um beijo no rosto. Elita corou, era sempre tão carinhoso, o filho. Nisso não era muito parecido com o pai. Olhava para o marido ainda debaixo do caminhão. Mas reconhecia, sorriu. Às vezes, ela se lembrava de como era bom o que viviam à noite quando as crianças já estavam dormindo...

Andava de um lado para o outro na varanda, os gritos de Elita, toda vez a mesma coisa, agonia, aquele parecia ser o mais difícil dos partos, quase perdendo a paciência, Zefa abriu a porta do quarto.

- Seu Major, seu Major, nasceu, nasceu o menino, nasceu...

Entrou feito um foguete no quarto, nem prestou atenção na parteira saindo, dava os parabéns para o dono de engenho. Elita dormindo, toda ensopada de suor. Major chegou perto, com cuidado alisou o cabelo da esposa, não queria acordá-la. Deve estar exausta, tamanho esforço. Olhou para o filho, sentiu uma emoção diferente ao vê-lo, calor enchendo o peito. Carinho. Bem querer.

Escrivaninha, o caderno de anotações. Lá estavam, datas, nomes, horas. O casamento, dia em que José Ivon nasceu, Edna, cada fato importante. Guardaria para sempre em lugar especial, precioso. Lágrimas desceram pelo rosto. Mãos tremendo, escreveu:

“Hoje nasceu o meu filhinho Jorge.”

Não era a primeira vez que desmaiava. Elita entregou Dorinha para Zefa, acabara de tomar o mingau, quase dormindo. Ajudou a colocar José Ivon na cama do quarto grande. Queimando em febre. Notou que o carço estava maior, vermelho. O marido entrando no quarto, veio da sala, falava com o médico.

- Elita, deixe o menino aí. Precisamos conversar.

Zefa ouvia tudo atrás da porta da cozinha. Elita não parava de chorar, não se conformava, o marido devia estar enganado, não, o médico é que devia estar. Câncer? Não podia ser. Não o seu menino, seu Ivon, tão carinhoso, meigo. Por que tamanha injustiça? Gritava para o Major, por quê? Por quê?

Zefa não agüentou ouvir mais nada, segurou o choro, saiu correndo para o quintal.

Era uma manhã de junho, chovia muito na Fazenda São Luiz. O Major estava muito grato ao irmão, Major Luizinho. Não queria enterrar o filho no Estrela, iria sempre vê-lo quando fosse consertar o caminhão, endireitar a moenda, tomar banho no açude, caçar tatu peba, já sabia usar a espingarda, aquele menino, mas isso nem passava pela cabeça de Elita. Uma parte grande dele estava indo embora, passariam um longo, longo tempo sem se ver. Mas em breve, se reencontrariam, no lugar que havia de ser reservado para eles. E então, poderiam se abraçar novamente, ficar juntos por toda uma eternidade. Consertar as moendas do céu...

Patrícia não dormira bem naquelas últimas noites. Procurava forças, pedia aceitação e coragem. Precisava enfrentar a perda, rejeição, de cabeça levantada, não tinha do que se envergonhar, nada de arrependimentos. Valeu por tudo o que aprendera, sentiu. Aquilo não tinha preço, guardaria por uma vida inteira. Mas não aceitava menos do que o que vivera, experimentou. Tornava-se mais exigente, riu, mas preferia viver aquilo, apenas aquilo, do que se contentar com menos. O meu está guardado, lembrou, quem sabe tenha sido apenas uma preparação para o grande amor de minha vida? Balançou a cabeça, não sentindo verdade no que dizia, não acreditava, seu coração reclamando, exigia que insistisse, não enxergar a verdade, se apegasse ao que já perdera, ou pior, ao que nunca tivera, grande ilusão.

Pensou em escrever. Preciso ocupar a mente, construir alguma coisa senão enlouqueço. Pediu ajuda ao avô, achava engraçado, sentia a proteção, lhe envolvendo, abraço, aconchego. Ao dormir, pior hora do dia, angústia maior, no acordar, coragem para viver, sacudir a poeira, deixar ir. Quanto mais absoluta a perda, maior a liberdade – tentava se convencer.

O milagre acontecia. Mergulhava na alma do avô, conversavam o tempo inteiro, diálogo imaginário. E, a partir desse encontro, começou a perceber o

nunca concebido, sequer pensado. Assim foi o início da cura, e o encontro do grande, maior amor de sua vida.

Carnaval em Atalaia. Cidade repleta de fantasiados, marchinhas ecoavam pelos quatro cantos, meninotes com sacos de farinha e ovos, corriam no meio da multidão, iriam ver quem acertava mais. Com sorte não eram apanhados pelas carolas da escola dominical, levados aos pais pelas orelhas para receber as devidas reprimendas.

A casa de Lucila não cabia de tão cheia. Abraçou a amiga Elita que estava com uma barriga enorme, fazia tempo que não se encontravam. Dorinha viu quando o Dr. Mariano, médico de muito tempo da família, chamou o Major para um canto. Tinha um mau pressentimento toda vez que via aquele homem. Edna disse que foi ele quem cuidou do irmão, José Ivon, chegou com a notícia ruim. Baixo, sempre com chapéu branco, bigode pontiagudo, dava voltas, e barriga que mais parecia com a da mãe. Como é que pode, se nem mulher ele é pra emprenhar? Sem que o pai notasse, escondeu-se atrás de uma coluna do alpendre na casa de Lucila.

- Major José, o senhor sabe que não sou de alardes, inventar o que não existe, mas estou muito preocupado com Dona Elita. Está com as pernas demasiado inchadas, a respiração mais ofegante que o normal. Não acredito que saia viva dessa gravidez.

O Major levantou as mãos.

- Mas o senhor é maluco, como é que vem com uma história dessas, assim, na bucha? Já não me basta o Ivon, agora o senhor me diz que não tem o que fazer com Elita. É muita incompetência...

O Major deu uma rabiada, colocou o chapéu na cabeça, pegando Elita pelo braço, mandava juntar os filhos, acenando para Lucila, entrou no Forbigode, saíram levantando poeira. A viagem de Atalaia até o Estrela foi toda feita em silêncio, ninguém se atrevia a falar. O Major pensava: na outra semana vou levar Elita para um médico em Maceió, ah, vou sim. Esse broco do Dr. Mariano vai dar com os burros n'água, ou melhor, vai estar é no meio deles, riu, chegavam ao Estrela.

Edna segurava na mão de Jorge que teimava feito mula para não andar, queria ficar mais um pouco na Fazenda Horizonte, gostava do tio, dos primos mais ainda. Carlito era o predileto, deixava montar no alazão, mostrava as plantações, dizia que um dia ele também seria um grande fazendeiro, dono de terras. E que a princesa, Dorinha, afilhada querida, também iria se casar com um usineiro muito rico, ter uns dez filhos, fazer bolos tão gostosos quanto a mãe, Dona Vanda. Dorinha entortava a cara, não queria ter dez filhos, nem tão pouco ficar na beira do fogão de lenha cozinhando. Tinha outros sonhos, queria casar, queria, mas não para ficar presa e sim para conhecer outros lugares, outras gentes.

Os três gostavam muito da Horizonte, Dorinha nascera lá, o pai trabalhou com o irmão Alfredo. Tinham boas recordações. Da Horizonte para o Estrela não era muito distante, um bonito passeio, mas a mãe estava muito cansada, a barriga pesando, quase se arrastava. O cunhado insistira em ficar, voltar no outro dia. Mas Elita já se despedindo, ia para casa esperar o marido, usava vestido novo, vermelho, queria agradecer. Ele estava meio arredio desde o dia do Carnaval. Foram para Maceió duas vezes, não entendia, toda vez ficava mais irritado.

Estavam a alguns minutos do Engenho e Jorge empancou. Edna não entendia, puxava o irmão, chamou a mãe para ajudar. Então, olhando na mesma direção que o menino, avistaram a vaca malhada correndo para o lado deles. Elita não teve dúvidas, agarrou o braço de Jorge, puxou Dorinha com o outro, danou-se a correr. A salvação seria chegar a tempo perto da cerca, a vaca não passaria, Deus queira se assuste com o arame farpado. Edna puxou a irmã para passar por uma fresta da cerca, voltou para pegar o irmão, a cena da mãe metendo a barriga no chão, puxava Jorge, grito de dor.

Edna, em casa aos berros, não juntava palavras. Jorge ficou com a mãe, segurava a mão de Dorinha toda assanhada, chorava baixinho. O Major pegou o carro, sabia que não deveria ter deixado Elita ir para a casa do irmão a pé. Que invenção!

Varanda. Jorge ouvia os gritos, mãe no quarto, ele do lado de fora, parecia que estava dentro. O pai chegou. Uma velha, usava roupas brancas, colares de várias cores. Viu quando Edna puxou Zefa para falar. Um segredo?

- Ela é do centro espírita de Chã da Branca. Pai toda semana vai ver as operações e me contou que conheceu essa daí tirando caroço da barriga de um homem que estava muito doente.

Chovia, trovões respondendo aos raios, riscavam céu, mais e mais rápido. Jorge tapava os ouvidos, não queria ouvir barulhos, trovão, mãe urrando.

Tentou lhe explicar, não voltara para a namorada. Em vão, Patricia não acreditava. Começou a sentir a perda, mas não podia fazer nada, mãos atadas, vazio. Uma força lhe prendia, lembrava-se dela, a esposa tão amada. Não queria sofrer mais, já fora suficiente. Precisava se proteger. Lembrou dos dias, tudo ao mesmo tempo, confusão. Sala de espera, médico se aproximando, levantou.

- Então, doutor, e a cirurgia, correu tudo bem?

O médico colocou as mãos nos bolsos do jaleco branco.

- Meu caro, infelizmente não trago boas notícias. Sua esposa está em coma, profundo. Quando a abrimos, encontramos o câncer generalizado, é metástase, caso perdido, questão de horas, dias. Não podemos fazer mais nada, sinto muito.

Eu sabia, não deveria ter deixado se operar, percebido antes, salvá-la então. Químio, talvez rádio. Sim, talvez. A culpa é minha, só minha. Sentou-se, colocou as mãos na cabeça, choro compulsivo. Não aceitava, a culpa, a culpa, minha... Não, do imbecil do médico. Levantou a cabeça, estava só. Desgraçado, filho da puta. Viu uma cruz na parede. Olhou para aquele homem. Para quê tanto sofrimento? Tanta dor? Se existia, porque deixou que acontecesse, por quê? Era uma boa mulher, boa mãe... Os filhos, de que maneira faria? Cuidar da educação? Não, nunca fizera isso antes, será que conseguiria?

Revolta amargando peito, raiva, raiva. Engolir? Não queria. Era ele, aquele da cruz, já não acreditava antes, agora, mais ainda. Injustiça imensa,

dor, faca atravessando alma, sufocante. Lançou-lhe um olhar de ira, era dele a culpa, dele, somente dele. Maldito seja.

Elita segurava na camisa do Major. Rasgou a gola, queimava de febre. Dr. Mariano balançou a cabeça.

- Major, eu lhe avisei, um caso perdido, sem solução.

- Mas o senhor viu, foi acidente... a vaca... Edna... o senhor ouviu, lhe contei toda a história...

A mulher de branco se aproximou, estivera calada durante todo o tempo.

- Filho, aceite, não tem jeito não. Ela tem que ir pra lá, o lugar dela. É a missão, o destino. Não lute contra isso, deixe ela ir, você a está prendendo aqui, solte, largue. Deixe...

O Major segurou as mãos de Elita. Pediu para o médico e a velha saírem. A porta fechou, as lágrimas caíram afinal. Molhavam todo o rosto, mãos de Elita, as próprias mãos. Alisava-lhe os cabelos, negros, longos. Deveria tê-los acariciado mais. Rosto agora calmo, parecia que encontrara a paz. Uma paz que o Major não conseguia sentir, revolta no peito, mágoa, raiva. Mas acreditou na velha, não queria prendê-la, nem podia. Falou baixo, mesmo sabendo que estavam sós, os dois, tal primeira vez, primeira noite.

- Não sei dizer essas coisas, minha Elita, você sabe, não sou assim. Mas a hora pede e vou falar: você foi o amor de minha vida, pra sempre, pra sempre. Vou lhe amar calado, como se ama as flores, aquelas que joguei em você um dia. Como se ama os bichos, que cuido, dou abrigo, comida. Ninguém irá saber, ninguém perceberá. Somente nós dois, nós dois. Até quando o meu tempo chegar. É uma promessa, quero que você me faça, minha querida: virá me buscar, levando pro mesmo lugar, e ficar lá pra sempre. E aí então, nunca mais vou deixar você ir embora, nunca mais...

Poucas pessoas no enterro de Elita, cemitério de Atalaia. D. Silvina, Dr. Felipe, os irmãos do Major, Major Tenorinho. Edna, Jorge, Dorinha, encostados ao pai. Dorinha chorava, Jorge calado, olhar fixo no caixão, Edna jogou um cravo branco. O primo, Juca Tenório aproximou-se.

- Meus pesares, primo. Você sabe que pode contar comigo sempre, não é?

- Obrigado, Juca. Eu sei, sei que posso contar com seu apoio. Sempre.

Major Tenorinho bateu leve no ombro do irmão.

- Ela está num lugar melhor, José.

- Eu sei, Major Tenorinho. E o Ivon também está, tenho certeza... Mas desse jeito não dá mesmo para gostar do mês de junho, não é?

Maria Tereza passava pela sala de leitura quando ouviu o padraço conversando com a mãe.

- Comadre Lúcia me disse a mesma coisa. Eu me preocupo muito com essa menina, Marido. Já está na idade de casar e não tem sorte com homem.

- É, Dona Nenzinha, não é todo mundo que teve a sorte que tivemos. Esse noivado tem que terminar por aqui, não vejo jeito. A senhora trate de chamar a menina para uma conversa, explique tudo, que esse tal não sai do bar, só anda com umas raparigas, não vai dar pra bom chefe de família. Ela não foi criada para isso, é uma menina de educação, toca piano, é instruída. Há de arrumar partido melhor...

O coração de Maria Tereza pulava, sentia um gosto amargo subindo na garganta. Não pode ser, não devem estar falando do Aurélio, não do seu Aurélio. Aquele que ao tocar-lhe a mão o corpo inteiro vibrava, o cheiro da loção que usava a deixava tonta, tonta... Chão começando a rodar, Dona Nenzinha, Major Zeca vindo, segurar, escurecia, vozes sumindo, desapareciam. Silêncio.

Acordou-se, um cheiro forte, Dona Nenzinha, chumaço de algodão com álcool, nariz da filha. Não era para ser assim, a mãe sentou mais perto, queria ter conversado direito, explicar a situação, talvez até descobrissem uma outra maneira de resolver, mas então a filha ouvira tudo.

- A senhora não tem jeito, Dona Maria Tereza. Sabe que não pode ficar atrás de porta nenhuma ouvindo conversa, que falta de respeito com a sua mãe.

- Perdão, Dona Nenzinha, não foi essa minha intenção. Estava passando, ouvi meu nome, andei mais devagar. Aí não deu, ouvi quando o Pai Zeca falou do Aurélio, como evitar? E de repente, tudo escureceu, e...

- Está bom, fique quieta, não quero mais ouvir falar nesse no assunto. Vou dizer pro Seu Ramiro levar você para a casa da Neves, lá em Maceió. Vai ser bom passar uns dias com sua tia, ela é tão religiosa, mesmo sendo dessa igreja, protestante, é meio diferente esse negócio, mas serve pra acalmar a alma, aquietar o espírito. E você vai precisar muito disso nesses dias...

Dona Nenzinha se levantou para sair do quarto, Maria Tereza olhava para a janela, olhar distante, perdido.

- O que vai fazer agora, Maria Tereza?

- Eu não sei, minha mãe. Não faço a mínima idéia. Quem sabe lá em Maceió eu resolva. Mas de uma coisa pode ter certeza: a sua filha não vai mais se casar. Acho que meu destino é ficar pra titia mesmo.

Voltou a olhar para a janela. Dona Nenzinha franziu a testa. Que idéia dessa menina. Imagina, vai casar, sim. Era só porque estava magoada com o tal do noivo. Deixa ela voltar de Maceió, daqui pra lá as coisas se ajeitam, a poeira baixa. Tudo se assenta...

Major Zeca da Liberdade chegou na fazenda do Major Juca. Estranhou o convite para o almoço. Amigos na infância, mesmo assim, não havia tanta intimidade, mal conhecia a esposa do anfitrião.

- Vamos entrando, Major Zeca, não fique aí encabulado, homem.
- Major Juca, quanto tempo, não é mesmo?
- É verdade, a vida vai passando e a gente nem percebe, quando vê já está velho, com um bando de filhos. Até netos, homem, até netos.

Major Zeca deu gargalhadas.

- Não é o meu caso, eu não tive esse trabalho todo, não...
- Mas você é um vida mansa, Major Zeca. Veja só: casa com a patroa, tudo pronto, filhos grandes, só tem vantagem, não é mesmo?
- É, mas não pense que foi fácil, não. Tem um filho da Dona Nenzinha que é brincadeira, o tal do José, chamamos de Zé Costa, muito brabo. O Nelson e o Arnóbio não implicam muito comigo. E a Maria Tereza, um doce de menina.
- É mesmo?... O senhor deve estar estranhando esse meu convite, não é verdade?
- Pra falar a verdade, Major Juca, estou estranhando mesmo...
- Pois então deixe eu ir direto ao assunto, já que o senhor que começou falando dessa menina... Sua enteada, Maria Tereza, não é assim que se chama?
- Maria Tereza, sim...
- Pois bem. Acontece que eu soube da história da sua enteada. Uns parentes meus lá de Maceió, me contaram que a menina está que é só desilusão, fazem meses que está lá na casa da Dona Neves, que depois que acabou o noivado com o tal do Doutor Aurélio, recusou bem uns cinco pretendentes. E era tudo partido bom, estou sabendo. Meus parentes são conhecidos da Dona Neves, é por isso que sei. E por um acaso desses da vida, estou com uma situação parecida na família.
- O senhor também está com uma filha assim desse jeito, Major? Quem foi o cabra safado que aprontou com ela? Me diga, a gente dá um jeito, sei como fazer a coisa toda...

- Não, Major Zeca, não é nada disso. Felizmente, não é uma filha minha que está desse jeito. É um caso bem mais fácil de se resolver e, entenda, vai ser uma coisa muito boa para os dois lados, o meu, o do senhor.

- Então me perdoe, Major Juca, não estou entendendo mais nada. Aonde o senhor quer chegar?

- Veja, eu estou com um primo que ficou viúvo há pouco tempo e está passando pelo maior aperto, três filhos, tendo que se virar com a ajuda do pai e da irmã. Não é lá coisa decente pra um homem da posição dele, sabe? Não é que ele seja de muitas posses, mas é um rapaz muito trabalhador. E promete, o menino vai longe. Bem, ele não é mais tão menino assim, tem trinta e poucos anos, mas me parece que a sua menina também não é lá muito nova, não é? Deu até o primeiro tiro da macaca?

- Major Juca, me respeite.

- Desculpa, Major Zeca, não pude evitar... Mas deixe eu falar sério outra vez. Estamos com dois problemas, eu com meu primo que precisa casar, não pode ficar a mercê do pai, irmã para criar esses meninos. É um homem forte, ambicioso, vai crescer, enriquecer, tenho certeza. E o senhor está com essa menina, com o perdão da palavra, que sem casar não serve de nada. Então juntando os dois, matamos dois coelhos com uma cajadada só. O senhor me entendeu agora?

Major Zeca ficou por alguns minutos pensando na proposta do amigo. Não era nada má, considerou. E também retirava essa preocupação de Nenzinha, vira e mexe a encontrava chorando pelos cantos, abatida, preocupada com a única filha.

Acertaram de apresentá-los no casamento do Nelson, irmão de Maria Tereza. Seria na Fazenda Liberdade. O Major Zeca havia sido o administrador por muitos anos, trabalhava para o Coronel Pedro Costa. Se apaixonou por Dona Nenzinha desde o primeiro momento, mas a respeitou por todo o período em que o Coronel estava vivo. Pensava se a enteada merecia um casamento arranjado, gostava muito da menina, parecia tanto com a mãe. Mas estava realmente preocupado com Dona Nenzinha, cada dia mais triste, teve medo que adoecesse.

Dona Nenzinha acordou assustada. Virou de lado, notou que Zeca estava dormindo. Ainda era noite, achou que teve o pesadelo por causa dos afazeres para o casamento do filho. Levantou-se, não conseguia mais dormir. Vestiu-se e foi no quarto de Maria Tereza. Zeca resolvera o problema, a mãe estava tranqüila, feliz, o rapaz parecia de boa procedência. Observou Lena, dormia na cama do lado da filha. Passou suavemente a mão no rosto da sobrinha. Tinha um carinho todo especial pela menina, mas se assustou com o sonho. Deve ser bobagem, não iria dar tanta importância. Lena abrindo os olhos, sorriu para a tia.

- Dona Nenzinha, o que é que a senhora está fazendo acordada uma hora dessas?

- Você nem imagina, Lena, Estava sonhando com você.

- Comigo?

- Exatamente, imagina. Sonhei uma besteira enorme.

- Ah, conta, tia, quer dizer, Dona Nenzinha...

- Está bem, está bem, vou contar. Até porque, para não acontecer, precisa contar para alguém, não é verdade?

Riram. Lena sentando aproximou-se da tia para ouvir melhor o sonho. A expressão do rosto mudou enquanto a tia falava.

- No final, aparece você, vestida de noiva, linda, minha querida, feito nunca a vi igual, maravilhosa. E estava casando com o meu Zeca, estava sim. O que eu não entendo, onde é que eu estava, não conseguia me ver no sonho.

- Virgem, tia, Deus o livre! Não quero saber dessa história não, é o meu tio, o Major Zeca, é como se fosse meu tio...

- Minha querida, não se impressione com isso, não. É coisa de gente velha, acho que estou emocionada com o casamento do meu Nelson. É o primeiro que se casa, a gente que é mãe acha que os filhos nunca vão crescer, serão sempre crianças e, de repente, eles dão um susto na gente, aparecem homem feito, barba na cara, grandes, maior que a gente que pariu. Como é que pode?

Riram juntas.

- Mas falo sério agora, minha querida. Se isso viesse acontecer um dia, ficaria muito feliz, verdade. Onde estivesse saberia que meu marido querido seria bem cuidado por você. É uma menina de bom coração, índole e merece, tal Maria Tereza, um bom esposo para fazê-la feliz, proteger.

Olhou com ternura para a filha. Gostaria que o encontro com o Major Juca desse certo. Fariam um ao outro feliz, tal o marido Zeca a fizera.

A festa já estava bem animada quando Major José Tenório chegou, na companhia da irmã, Lili, o marido não a acompanhava. O pai e o Major Juca insistiram que fosse com ela, era uma mulher casada, mãe de família, o que haveriam de pensar? Mas o Major sabia de tudo, entendeu o jogo. Queriam arrumá-lo com alguma moçoila solteira. A vontade que teve foi dizer logo um desaforo, já era bem crescido para escolher mulher, mas não havia escolha. Tinha três filhos pequenos para criar, não podia se dar a esse luxo.

Maria Tereza recusou mais uma vez a dança. O rapaz até que não era tão sofrível. E adorava dançar, que desperdício. Olhava sorrindo para Lena, não iriam conseguir lhe impor nada, enganaria a todos com seu jeito de sonsa, prometera para a prima.

Um rapaz alto, magro, chapéu um pouco de lado, aproximou-se, olhava para o salão.

- Eu acho a maior besteira esse negócio de dança, a senhorita não acha? Um bando de idiotas perdendo tempo com dois pra lá, dois pra cá. É muita melosidade, se piorar vou-me embora.

Maria Tereza riu, nunca vira alguém assim tão sincero. E nunca recebera uma galanteada tão diferente. Olhou bem para o rapaz. Achou bem apessoado.

- Concordo... me desculpe, mas qual é sua graça?

- Ahn? Ah, me desculpe, senhorita. Eu não fui muito educado. Major José Tenório, sou filho do Coronel João Tenório, do Engenho Estrela. E a senhorinha, posso ter a honra de saber o nome?

Maria Tereza sentiu o rosto corar. Então era esse o Major José Tenório, o nome dele que ouvira nos corredores da Casa Grande... Não era de todo mal, a criatura. Percebeu Lena puxando-lhe a manga do vestido, flores miúdas amarelas, baixa cintura, grande laço verde claro nas costas. Combinava com a estação, setembro, mês da primavera, lera nos romances de Flaubert, tudo florescia. Fez uma pequena medida.

- Maria Tereza. Maria Tereza de Melo.

O Major pensou que possuía uma enorme sorte. A escolhida pelo pai, o primo, Major Juca, era bonita, melhor, muito bonita. Não seria tão difícil se sacrificar pelos filhos, riu em silêncio.

Passaram o resto da festa conversando, Maria Tereza falava com muita naturalidade, gostava de conversar, assuntos diversos. O Major admirou-se com a fluência da donzela, chamou a atenção quando começou a falar sobre política. Não era uma moça igual às outras. Estava à frente, havia um quê de moderna naquela menina. E isso o entusiasmou, quando estavam se despedindo, percebeu que Maria Tereza não iria dormir na fazenda, ouviu Lena falando com uma senhora, tia, quem sabe? Se ofereceu para levar as moças na casa da parenta.

- Mas Major, não tem necessidade nenhuma. Vamos esperar meu irmão, o Zé Costa, levar uns amigos do senhor meu pai. Então nos levará.

O Major fez uma reverência com o chapéu.

- De jeito maneira, Baronesa, faço questão. Seria uma honra acompanhá-las.

As duas riram com o nome que Maria Tereza acabara de ser batizada.

Permaneceu ainda algum tempo na varanda, enquanto o Forbigode surrado do Major se afastava na estrada de barro. Lena chamou-a para entrar.

- Menina, você está sonhando, é? Parece que o Major impressionou você, heim?

- Para com isso, mulher. Não tem nada a ver.

- Mas me diga, ele até que é bonitão...

Riram juntas, se abraçaram, contavam detalhes, nem se pareciam com duas moças de vinte e poucas primaveras, estavam mais para adolescentes.

Voltaram dois dias depois para a Fazenda Liberdade, tempo de organizar a antiga vida, tudo no seu devido lugar. Mas não entenderam porque Dona Nenzinha estava deitada, apesar da trabalhadeira da arrumação do casamento, reorganizar a casa grande. Será que se enganaram com a situação, de que não era por causa de Maria Tereza tamanha tristeza? De que não era tristeza?

Sr. Cleodmiro, pai de Lena, estava conversando com o Major Zeca no portão da casa grande quando o carteiro chegou. Queria falar com Sinhazinha Maria Tereza, entregar uma encomenda do Major José Tenório, do Engenho Estrela. Não, não poderia entregar para eles, era para entregar pessoalmente para a Sinhazinha, foram ordens, ordens do Major, e obedecia, nem perguntou nada. Lena chamou Maria Tereza, estava sentada na cama da mãe desde que chegara.

- Mas, menina, vem logo, é importante.

- Olhe, Lena, eu espero que seja muito importante mesmo.

Na varanda, Lena começou a contar que Sr. Clodomiro estava chamando. Chegara uma encomenda, o carteiro, só podia ser pessoalmente para ela, Maria Tereza, que não podia entregar a mais ninguém, o pai brincou quando as moças passavam.

Maria Tereza ficou brava, apanhou a carta, subiu rápido com Lena para o quarto. Abriu com cuidado, esperava mais palavras, a letra não muito legível, entregou para Lena ler, não conseguiria ler uma palavra.

- Maria Tereza, a senhorinha me dá a honra de ser minha noiva?

Olharam uma para a outra admiradas. Não perdia tempo aquele Major, mal a poeira se aquietou do casamento do irmão, já vinha com convite para noivado. A prima entregou a carta para Maria Tereza.

- É, parece que ele sabe o que quer, não é Lena?

- É mesmo, menina. Estou impressionada com o homem. E agora, o que é que você vai fazer, minha querida?

Maria Tereza olhava para a carta, leu mais uma vez. Ela mesma. Respirou profundamente. Respondeu, dessa vez séria.

- Lena, vou fazer o que eu tenho que fazer. Acho que é o destino mesmo, acabou essa história de fugir. Está na hora de casar, minha querida. E é isso o que vou fazer...

Dona Nenzinha nunca vira a filha tão bonita. Observava o casal posando para a foto do casamento, formavam um belo par. Tinha certeza de que seriam muito felizes, fora assim na sua vida, na da mãe e na história das mulheres da família. E com Maria Tereza não seria diferente, apesar da teimosia da filha, gênio difícil, se enquadraria, o Major teria pulso suficiente, coisa que nos últimos meses ela mesma não estava conseguindo ter. Faltava-lhe forças, coragem até para se levantar da cama. Chamou Lena para perto.

- Minha querida, entendo que vai ser difícil para você atender a esse meu desejo, me compreender. O correto seria eu acompanhar Maria Tereza para o Estrela, ajudá-la nos primeiros dias, principalmente por causa das crianças. Até estranhei a ausência delas na cerimônia do casamento do pai, mas o Major deve ter lá seus motivos. Não estou me sentindo muito bem, acho que deve ser a emoção de ver minha única filha casando, deve ser isso. Então, você faria isso por mim, Lena?

- Oh, minha tia, nem precisa perguntar uma coisa dessas. Eu ia até me oferecer para ficar com Tereza alguns dias mesmo, ajudá-la no que fosse preciso...

Nazinha arrumou as crianças bem cedo, disse para ficarem quietas sentadas na varanda esperando o pai com a nova mãe chegar. Dorinha não parava de chorar. Jorge ciscava com um graveto o chão. Nazinha observava a cena.

- Mas que caras são essas, meus pequenos? Não quero ver ninguém com essa cara de defunto quando o seu pai chegar, estão me ouvindo? Vamos Dorinha, trate de enxugar essas lágrimas, Jorge, ajeite a camisa, é a única que tem mais arrumada, menino.

- É que o sapato está apertado, Tia Nazinha.

Nazinha abraçou o sobrinho que começava a chorar. Sentia tanto por eles, mas não podia passar esse sentimento, precisavam ser fortes, enfrentar aquele momento, superar a morte da mãe, receber a esposa do pai. Odiou o irmão por não levá-los ao casamento, que judiação com os pequenos, pensava.

Final da tarde, o Major chegou ao Estrela. A casa estava impecável. Nazinha com Zefa, Nêna capricharam na limpeza. Queriam impressionar a nova dona. Será que vou gostar da minha cunhada? José, imbecil, complicou tudo.

Maria Tereza entrou de braços dados com Lena. O Major a apresentou rápido aos filhos, entrou no quarto, trocou de roupa, ia voltar para a Fazenda Liberdade, apanhar o restante das coisas da nova esposa.

A poeira levantada pelo Forbigode ainda não havia assentado na estrada. Maria Tereza foi com Lena para o quarto que seriam do casal. Sabia que havia sido da outra esposa, morrera ali, naquela cama, sentia pena da infeliz. Que morte cruel. E parecia que seu espírito ainda pairava, naquelas paredes, janela de treliças que dava para a varanda, nos criados mudos, vasos de jasmim em cima. Voltou-se para a prima, olhos marejados. Se abraçaram por muito tempo, Maria Tereza chorava baixo, no ombro de Lena, lágrimas escorrendo sobre o vestido da prima que alisava, suave, os cabelos já soltos de quem considerava uma irmã.

Edna observava tudo na porta do quarto. Não tenho culpa de ouvir, ver, deixaram a porta aberta. Voltou-se para a irmã que puxava a saia do vestido, deu-lhe um sorriso, Dorinha acompanhou. Agora tinham um segredo, só delas.

Não agüentava mais aqueles enjôos. Tentara de um tudo, limão, romã, chá de boldo, carqueira, nada servia, não adiantava. Sempre assim, odiava estar grávida. Estava mais magra daquela vez. Mandou uma carta para a mãe, sabia que estava muito adoentada, mas não havia mais ninguém a quem recorrer. Não estava dando conta da casa, dos meninos. Precisava que Lena, ou a irmã, Leda, viesse, ajudaria até a criança nascer.

Estava mostrando para Nena como temperar a galinha que seria à cabidela. O antojo aumentou ainda mais quando viu o sangue. Um barulho, pareciam cascos de cavalo, virou-se. Não acreditava no que via, se outra pessoa lhe contasse diria que era mentira. O Major estava entrando com o V Oito, alazão que costumava andar na época de chuva, quando não passava carro pelas estradas de barro. Barro, olhou para o chão, o serviço já estava feito. Mas ele tinha de entrar com um cavalo na casa? Sabia que ela não suportava sujeira, mandava tirar as botas sujas de lama toda vez que chegava. Filho da mãe.

- José, mas será possível? Você quer que eu perca essa criança, quer? Como pode fazer uma coisa dessas? Saia daqui, saia agora mesmo.

O Major deu um riso maroto no canto da boca. Levantou o chapéu em cumprimento, deu a volta e saiu falando:

- A senhora é quem manda, Baronesa...

Apeou o cavalo na cocheira, deu para José Luiz guardar. O menino estava mais crescido, pensava até em colocá-lo para ajudar no alambique, deixa crescer mais um pouco.

- Zé, vá me chamar a Edna, faz favor.

- Pois não, Seu Major. Vou agorinha.

Edna penteava os cabelos cacheados, pensava em Olival, nunca vira rapaz mais bonito. E sabia, ele também olhou para ela de um jeito diferente. Estava com quase onze anos, ele deveria ter uns dezoito, dezenove, mas não parecia tão mais nova, era alta, cintura fina, corpo de moça. Começou a freqüentar com os irmãos a fazenda do Major Juca a poucos dias, recebiam aulas de Dona Juju. Era muito brava, Dona Juju. Da irmandade Sacramentina, resolveu que não dava para freira, achou melhor ser professora. Baixa, buço no queixo, tal cavanhaque. Sabia-se feia, não arrumaria marido, então o jeito, ser professora dos filhos de donos de engenho. Não morria de fome, mas vivendo de maneira simples, sem muitos luxos, melhor do que no convento.

Zé Luiz ficou admirando a patroinha. Sempre a achara tão bonita, era uma princesa. Sua princesa. E quando a menina lhe agradecia algum favor, uma gentileza, dava aquele sorriso, o peito aquecendo, sentia o chão sumir debaixo dos pés.

- Que é que você está olhando, menino?

Quase teve um ataque de tosse. Riu nervoso.

- Nada não, Sinhazinha Edna. É... é que o Major mandou chamar a senhorinha.

- Está bem, então... Passe, passe, já estou indo.

Apressou-se, sabia que o pai estava esperando para cumprir sua tarefa, todo mês, por aqueles dias. Estava na mesa da pequena sala do alambique, onde todo sábado pagava aos funcionários. Abriu um saco de estopa, mandou a filha fechar a porta, retirou vários molhos de dinheiro, amarrados em barbante. Edna fez o que era de costume, desamarrou cuidadosamente os molhos, separando os barbantes, iria usá-los depois. Cada nota pelo valor, começou a contar. O Major levantando-se.

- Quando terminar, estou lá em casa esperando pra botar no cofre, ouviu?

- Sim, senhor meu pai. Assim que terminar eu levo.

O Major fechou a porta e saiu. Sabia que a menina sempre dava conta do recado. Tinha mais no que pensar. Esperava o irmão chegar, falaria sobre Lili com o Major Tenorinho.

- E então, Major José, por que me chamou aqui para falar da senhora Lili? Não tenho mais essa saúde toda pra estar me desbandeirando da Ouricuri assim, a torto e a direito e vir pra cá.

- Eu sei, senhor meu irmão, mas eu não iria conseguir passar mais um dia sem antes falar sobre a minha irmã. Desde que o Coronel João morreu, o senhor é que ficou sendo o cabeça da família. Veja bem, não estou me queixando de tomar conta da Ivone, Ione e do Gilvan. Não, não é esse o caso. Quem cuida de quatro, e mais um que está chegando na barriga da patroa, cuida de mais, sempre cabe mais um. É que eu fiquei arretado quando soube que a pobre da nossa irmã está em São Paulo, sozinha com os outros filhos, sem assistência nenhuma. Soube até que está dando pra lavadeira em casa de família... Isso é muita humilhação.

- Mas foi ela quem quis assim, não foi?

- Eu não estou falando se o que ela fez está certo ou errado. Não é isso, Major Tenorinho. Estou dizendo que é uma vergonha que, tendo um bando de irmão macho aqui, ela tenha que se sustentar e aos filhos dessa maneira.

- E o que é que o senhor sugere?

- Que todos ajudem a moça. Olhe, cada um dá o que pode, uns mais, outros menos, mas o que não se pode é ficar parado, sem fazer nada. Isso é uma omissão, uma falta que não quero prestar contas quando morrer.

Major Tenorinho ficou pensativo, alguns instantes.

- Tudo bem, por mim não tem problema. Agora, eu quero deixar bem claro, inclusive para os outros irmãos, que a idéia partiu do senhor, eu não tive nada a ver com isso, entendeu?

- Pode deixar, não tem problema nenhum. E se quiser eu mesmo cobro de todo mundo no final do mês. Não me cai nenhum pedaço.

- Melhor assim, então. Melhor assim...

O jipe chegava buzinando para avisar. Deu uma rabiada na entrada da casa. Maria Tereza sabia que tinha que colocar a mesa logo. O marido chegava afobado, mal lavando as mãos, o rosto para almoçar. Mesmo com toda a pressa de sempre, foi logo avisando:

- O senhor tem visita aí na sala. É a tal da senhora sua sogra, a que era comerciante lá do Pilar.

- O que é que ela quer comigo?

- Sei lá, disse que queria falar somente com você. Não me adiantou nada. Vai ver é pra pedir mais dinheiro. Perdeu tudo mesmo, a coitada...

A motocicleta quase não cabia o Major. Zefa cobriu o riso com a mão, só aquele Major mesmo pra ter essas idéias, invenções. Venúzia saiu para a varanda, ver de onde vinha aquele barulho diferente, que bicho era aquele?

- É uma moto, Venúzia. Se ajeite, vou levar você para passear...

Ficou excitada, adorava as aventuras que faziam juntos. Lembrava da vez que o pai lhe deu as rédeas da charrete para guiar. Estavam sós, os meninos nem sonhavam que saíram para passear. Mostrou-lhe como segurar as rédeas, a charrete começando a andar, coração aos pulos, olhava para ele, olhos castanhos, calado. Venúzia obedecia, apenas obedecia. Ficou segurando as mãos da filha por pouco tempo, não notou que estava guiando sozinha. O Major sorriu, podia deixar a menina à vontade. Mas viu que estavam indo para a direção da ponte com muita velocidade, pegando de volta as rédeas, puxou com toda força.

Ficaram um tempo parados, a poeira demorou a baixar, respiração ofegante. Olharam um para o outro, mais um pouco o cavalo cairia no riacho, que sorte. Entendeu o olhar assustado da filha, alisou-lhe o cabelo, falou sério.

- Cavalo que tem crina fina é bom de cela. Você é muito boa.

Venúzia sorriu. Guardaria para sempre, tal tesouro, esse presente raro que acabara de receber do pai.

Sentou na garupa da motoca, aprumou-se, segurava na cintura do pai com força, deu partida na moto. Iriam para a fazenda do Major Juca.

O vento batia nos cabelos, não conseguia deixar os olhos bem abertos, apenas o suficiente para ver as cercas das fazendas, estacas de madeira, vales ainda com mata virgem. Curiós voando em bando, riacho brilhava com o toque do sol. O paraíso, dia perfeito. Abraçava o pai mais forte, sentia seu cheiro, riu, o chapéu não caía, mesmo lugar na cabeça desde o Estrela. Primeira parada, o Major pediu para abrir a porteira da fazenda. Venúzia pensou que já haviam chegado, engano, ainda teve que abrir mais três portões. Falta muito para chegar, só mais essa. Foi quando avistou a vaca malhada.

Lembrou de uma história que Edna contou, a história da mãe, Elita: morreu de uma carreira de vaca. Se era malhada, não sabia, mas naquele instante Venúzia sabia o que fazer: eram pernas pra que te quero. Subiu na garupa.

- Vamos pai, vamos, tem uma vaca, corre! Ela vem atrás da gente. Corre.

Acordou no meio da noite, camisola ensopada, grito quase saindo da garganta. Foi por pouco. Levantou para tomar água. Viu o pai com um homem preto na mesa de jantar, um livro grosso – O Conselheiro Médico do Lar. Era um peão do engenho, chegou uns dois meses antes. Todo molhado também, olhos reviravam. Na mesa havia um prato fundo com água, fumaça saindo, estava quente. Aproximou-se, o pai percebeu a presença da filha.

- Venúzia, venha aqui, preciso de sua ajuda.

- Pois não, senhor meu pai.

- Não estou conseguindo aplicar a injeção nesse cabra, está tremendo todo. O dente inflamou, tenho que arrancar com o alicate que o Dr. Napoleão me deu. A injeção é pra não gangrenar. Lave as mãos, é você quem vai dar.

- Mas senhor meu pai, eu nunca dei injeção em ninguém...

- Não grele esses olhos, não. Tem sempre a primeira vez. Veja, pegue essa laranja aí na mesa... Essa mesmo. Pegue a seringa... isso mesmo... assim. Agora passe o álcool... fure no meio da laranja...

Também era assim quando lhe cortava as unhas. Só deixava que ela fizesse, com todo o cuidado, não queria machucar aquelas mãos, calejadas, fortes, rendiam-se a uma criança. Mas os pés não, esses não conseguia cortar, unhas muito duras. Respirou fundo, fechou um pouco os olhos e aplicou a injeção no braço do peão que o Major segurava com toda a força para não se mexer.

João observava o movimento no engenho. Ainda não era época dos vendedores de cachaça quando tio Luiz atendia no armazém. Uma charrete entrando, forma de enjaulado. Todos os peões acompanhavam, pelo menos com o olhar. Para quê tanto reboição, por causa de um bicho novo? Percebeu que não era um bicho novo.

Aparício foi preso na Usina Leão. Chegou pedindo emprego, mas o círculo de informações funcionou. Fugira do Engenho Estrela quando a dívida com o Major já não poderia mais ser paga, fizera isso em outros engenhos. Um a mais, um a menos, tanto faz. Nunca fora pego, mas aquela novidade dos senhores de engenho perguntarem um ao outro sobre um funcionário antigo, com essa ele não contava. Sempre afoito, mas tremia ao pensar no que o Major preparava para ele quando estivessem cara a cara.

João viu o pai descer a escadaria da Casa Grande, as botas desamarradas, chapéu na cabeça, mangas de camisa. Passou por ele, nem notou que estava ali espreitando. Levava na mão a palmatória.

Aproximou-se da gaiola, olhou para Aparício. Virou-se para os outros peões.

- Que vocês me ouçam bem. Esse cabra de peia me roubou pensando que ia sair dessa com a cara mais lisa do mundo. Mas não é assim que se dão as coisas. Botem a mão na consciência. Quem não deve não teme, mas quem tá com o rabo preso...

Olhou pro capataz, fez sinal com a cabeça. Sebastião abriu a portinhola da cadeia improvisada. Desamarrava as mãos de Aparício, puxando até o Major, mandou estender as mãos. Batendo não tão forte no início, depois, mais força, mãos começando a sangrar. Lágrimas caíam, Aparício, João, virou o rosto, não veria mais nada, ir embora, que acabe logo, dor maior na alma.

Maria Tereza mandou João entrar, estava na hora do almoço, mas o estômago revirava. No quarto viu Emerson mexendo na sanfona, o irmão que não devia mexer no que não lera dele, partiu pra cima, rolando no chão, puxavam pelos cabelos um do outro. A mãe chegou a tempo de apartá-los.

O Major largou a palmatória no lugar de sempre. Foi ao banheiro, lavava o rosto, pescoço, olhando no espelho redondo, não gostou do que viu. Maria Tereza bateu na porta.

- Está na mesa, José. Vai esfriar. E tenho que falar com você sobre os meninos, estavam se pegando de novo.

O Major abriu a porta do banheiro.

- Mas como é que é? Repita o que você me disse.

- É, eu já disse pra eles que parassem com essa história, ainda mais hoje que você está desse jeito...

- Mas não vai ficar assim não, esses dois. Mande chamar, tudinho aqui, agora mesmo.

- Mas José, vai esfriar...

- Que se dane a comida. Eu quero resolver isso agora, aproveitar que ainda tô com a mão quente...

- Homem, se acalma, menino é assim mesmo.

- Vai, mulher, logo. Eu tô criando gente, não bicho, feito esse que acabei que dar uma lapada pra aprender.

João caminhando até a sala, Emerson chegou, deu um sorriso de lado para o irmão.

- Quem começou? Levantem a cabeça, vocês dois... Tá bom então, já que ninguém abre a boca, vai ser assim: apanham os dois. João, vá apanhar a palmatória em cima do armário da cozinha.

O menino correu para a calça do pai, chorava, o Major empurrando a perna, ver se o filho soltava.

- Deixa de ser frouxo. Você é um homem ou um prato de papa? Emerson, vai começar a chorar também ou vai pegar logo essa maldita palmatória?

Emerson foi para a cozinha, subiu no banco, trouxe para o pai. Olhou para os dois, João soltando a barra da calça parou de chorar, o Major arrumava a calça, virou-se para o filho que estava enxugando o rosto com a palma da mão. Abaixou-se.

- Só por causa desse seu xororô vai apanhar. Vê se aprende: homem não chora.

Venúzia encolheu-se no canto da cozinha. Pobre do João. Mas o Emerson também era tão pequeno... Ainda bem que ela não apanhava do Major, nem mesmo da mãe. Só uma vez e o pai disse para não bater, era tão fraquinha...

Nazinha deixava Zefa pentear seus longos cabelos, fazia tranças depois, prendia no alto da cabeça, coque bem feito.

- E como é esse tal de Lu? O nome dele é esse mesmo, Zefa?

- É não, Dona Nazinha. Chama Osman Lins da Silva. Ele veio lá das bandas de Maribondo, pra ficar no lugar daquele outro, o tal do Aparício.

- E sabe lidar com essas coisas de consertar moenda? Não é todo mundo que José deixa mexer nas máquinas do alambique, não.

- Mas não é, Dona Nazinha? O Major parece que foi com a cara do sujeito, deu até o cofre pra ele abrir, estava cheio de mofo. Lu abriu, montando uns engradados no chão, botou o dinheiro pra secar, limpou o cofre, arrumando tudo de volta. Parece que o Major estava testando pra ver se era do bem, deve de ter contado o dinheiro antes todinho, aquilo não dá pingão sem nó...

As duas riram. Nazinha virou-se para Zefa, segurou as mãos, trouxe-a mais pra perto, uma irmã mais nova, quase filha.

- Minha querida, você se engraçou por esse menino, foi?

Zefa baixou os olhos, corou, Nazinha observava.

- Mas ele tem idade de ser seu filho, Zefa. Quantos anos é mais novo? Trinta?

- Não, Dona Nazinha, é só uns vinte.

As duas riram, até fazia muita diferença, Nazinha balançou a cabeça.

A fogueira estava pronta, bandeiras coloriam, vento as fazia dançar. Mesa posta, bolo de pé de moleque, castanhas enfeitando, Maria Tereza bateu leve na mão de Jorge, não ia deixar roubar mais uma, aquele danado, toda vez tinha que arrumar. Canjica, canela polvilhada por cima, pamonha amarrada em palha de milho, espigas num tacho, cozidas, bolo feito com as que sobraram.

Venúzia esperava, vestido novo, rosa claro, fita vermelha, parecia mais encorpada. Olhava Dorinha, os rapazes ao redor, tão linda, quando crescer quero ser igual a ela... Procurou por todo lado, cadê o pai? Disseram que chegava de tarde, primo Nilson que ia trazê-lo de Maceió. Já anoitecera, nada dele chegar, quem vai comprar os fogos pra festa, e os buscapés, quem soltará? Assim não havia a menor graça...

Avistou chegando, desceu do carro, Nilson ajudando. Andava devagar, devia ser a tal da ameba, infecção. A menina baixou os olhos, sentiu o rosto queimar, os fogos, pobre do pai, tão doente... E se ele morresse? Deus o livre. Lembrou da promessa que fez uma noite, ouviam o rádio, o pai e o tio Juca

eram os únicos que tinham nas redondezas. Os peões ficavam na varanda ouvindo, adorava ficar sentada ao lado do pai...

- A Radiobrás tem o prazer de apresentar o Repórter Esso com as últimas notícias do Brasil e do Mundo. Urgente, urgente! Acaba de chegar à redação a notícia de que navios brasileiros foram afundados! Atenção, senhoras e senhores, não se tem ao certo o número de navios, mas fontes seguras afirmam terem sido submarinos alemães os responsáveis pela tragédia...

O Major ascendeu um cigarro. Olhou para Antenor, levantava a sobancelha.

- E aí, Major?

- É, Antenor, agora o bicho vai pegar. O Vargas tem que tomar uma atitude. E rápido. Acho que vamos ter que nos juntar aos Estados Unidos de uma vez por todas.

- E o senhor, heim? Dizendo feito todo o povo de Atalaia que era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar nessa guerra...

Guerra, que guerra? Meu pai vai pra guerra? Ah, São Expedito, o senhor que é das causas ab.. absur., como é mesmo? Ah, deve ser das pessoas que não escutam... não deixe que meu paizinho seja chamado pra ir pra esta guerra...

Quando viu a caixa marrom, igual outras vezes, devia estar cheia, correu, abraçava o pai. Ele abaixou-se.

- Deixa eu ver você, menina... É, acho que passei tempo demais na cidade. Até mais fortezinha está...

Jorge aproveitou o movimento da festa, vendia pinga para os peões. Só dava para ficar no barracão à noite, ou em festa, trabalhava de dia nas terras do pai. Mas o negócio do barracão era um achado, e, de quebra, ainda dava uns amassos nas caboclas que iam com a desculpa de chamar pai, irmão, voltarem para casa. Deixou de freqüentar as aulas, se o pai largou os estudos e

chegou até ali, porque ele também não podia? Gilvan botou a cabeça no quarto onde Jorge guardava as bebidas, puxou-lhe no meio de um beijo de desentupir pia com uma morena de quadris largos.

- Mas isso é hora de você aparecer, homem? No melhor da festa...

- Desculpa, Jorge, é que eu tô que não me agüento pra saber: esse negócio aí tá dando certo? É que me ofereceram um emprego lá no porto, em Maceió, pra ser carregador, não é muito dinheiro que se recebe, mas é melhor que nada. O problema é que eu vou ter que largar os estudos também...

Jorge deu uma gargalhada, limpava a boca do doce batom da morena.

- Mas não é que o menino de mãe de Major Luizinho e Dona Nazinha tá virando homem, tirando o cheiro de mijo? Olhe, Gilvan, se você for por mim vai se dar bem, estou é muito satisfeito...

Agora davam gargalhada juntos olhando para as caboclas.

- É, meu irmão, eu quero ser dono de terra, feito o Major. Já comprou a Satubinha, a Quebra Carro, Olho D'água, Sossego, Roncador. Tio Luiz me disse que se eu juntasse dinheiro, vendia a Providência pra mim. Preço de pai pra filho...

O Major entrou no jipe preto com lista azul e Maria Tereza veio atrás lhe seguindo.

- José, não está vendo que não tem condição ainda de dirigir. O médico de Maceió recomendou repouso, e você teimando. Porque não chama o Sr. Mantinha, é pra isso que ele é pago.

O Major ligou o carro.

- Deixa de frescura, mulher, estou bom. E esse negócio de gente me levando pros cantos não é comigo não. Nunca precisei, porque é que agora haveria de precisar?

Atalaia, comprar selo fiscal para o alambique na Corregedoria, os que tinha estavam acabando. Gostava de conversar com o Sr. Belarmino, vendia-lhe o selo. Mas o cabra era muito parecido com o Presidente Castelo Branco. E nem era só a aparência, o jeito de falar, andar. Acho que tenta imitar o homem, ria no caminho.

Voltou com tempo de ver seus bichos, nunca mais tinha feito as gaiolas. Perguntou a Zé Luiz se conseguira plantar os pés de sirigüela e comprar as galinhas de angola vermelhas. Chamou o caboclo para verem juntos a construção da represa. Zé Luiz tirou o chapéu de couro, olhava a pilha de tijolos.

- Ô, seu Major, me perdoe o enxerimento, mas o senhor não tá jogando dinheiro fora com esse negócio aí, não? Eu só vejo chegar e sair saco de areia, o pedreiro me disse que teve que fazer esse pedaço de novo porque a chuva carregou a terra toda, passou bem um mês pra levantar...

- Homem, se não gastar dinheiro, não se faz nada. Não pode ter medo, tem que peitar a situação...

Barulho de galho quebrando com pisada, mandou Zé Luiz ficar calado. Avistou caboclo com vara de pescar pendurada no ombro segurando uma gaiola de passarinho, procurava lugar na beira da represa para começar a pescaria. O Major falou baixo, entre os dentes.

- Mas é cada uma... Vê que cabra de pêia, dá pra notar que é mesmo, a gente conhece na passada. Uma hora dessas, devia tá no cabo da enxada, e aí, de frozô. Pra você ver, Zé, nesse mundo se encontra de um tudo, tem caboclo muniça e tem caboclo sério, que nem tu. Mas esse não me escapa não, vai ver só.

E saiu correndo com a enxada da construção atrás do caboclo, nem teve tempo de pegar a gaiola, o Major achando bom, vou juntar às outras que estão prontas.

Joana arrumava o feche de cana, colocou no lombo do burro, cambitava assim desde pequena. O chapéu grande cobria o rosto queimado de sol, amarrava o saiote comprido. Amanhã eu venho de calça mesmo, que nem esses caboclos, não tem diferença nenhuma. Fazenda Pascoar, um ano, vou procurar outro serviço, é pouca coisa pra fazer, pouco dinheiro que recebo. Viu quando o jipe passou, deve estar indo pra a Satubinha, começou a construir a Casa Grande, o danado. Levantou, esperava ele parar segurando a enxada em pé. O Major desceu do jipe.

- Gajurú, que moleza é essa?

- Ah, Major, e eu sou de moleza? É que desse mato não sai coelho, não. Nunca fiquei num canto tão parado feito esse...

- Tenha calma, cabra, tudo no seu tempo. Quando você terminar esse trabalho, tem serviço pra você, que nem quando você trabalhou lá com o Jorge de empreiteira. Mas eu vim aqui lhe chamar pra levar o Guerreiro no Estrela, vou fazer festa de São Sebastião. Tem um pessoal de fora na casa do mano Abel, não quero fazer feio esse ano.

- Pois pode deixar, seu Major. Amanhã mesmo eu vou lá pra acertar o lugar, se vai ser no terreiro, no quintal, e o preço também, porque o senhor sabe como é, tenho que pagar a mulher que costura as fantasias, estão muito bonitas esse ano...

- Mas tem até graça, Gajurú... Eu não já lhe disse tantas vezes, diga quanto é, eu ajudo. E o pagamento, você nem devia lembrar essas coisas. Não sou homem de deixar ninguém na mão.

- Ô, Major, não é isso não, é que o senhor não sabe da minha vida, não sobra um vintém nem pra comprar uma bota nova pra trabalhar...

- Olhe, Joana, vou lhe dizer uma coisa que você pode mandar me cobrar, ou ao Jorge depois: se eu morrer antes de você, no seu enterro ninguém vai pagar nem vela, quando mais o resto.

- Que história de morte é essa, Major? Não está vendo, eu é que vou morrer primeiro que o senhor.

O Major deu uma gargalhada.

- Morre nada, você é preta, preto vive mais.

- Nada, Major. Morte não tem esse negócio de preto e branco, não...

Nazaré estava adorando aquelas férias na casa dos tios. Não tinha essa liberdade em Maruim, Sergipe. O tio, Durval, deixou passar uns dias na Fazenda Pirajá, de um pessoal conhecido: Major Abel Tenório e Dona Dulce. Tornou-se amiga da filha depois de uma festa na Fazenda Mataraca.

Dorinha estava no alpendre da Casa Grande. Colocou uma flor vermelha na cabeça, queria receber um elogio do pai na festa. Sempre recebia.

Maria Fava, apesar de meio adoentada, fez questão de ver a festa. Podia ser a última. Trouxe uma cantiga nova para a menina, estava mais bonita do que nunca, sua Dora, Dorinha. As meninas do pastoril começaram a cantar.

Seu Zé Tenório é a fulô que mais brilha,
Me parece a luz do dia quando sai de madrugada.
Tava sentado no seu jardim de fulô,
Dona Maria das Dores é um planeta encantado...

Zefa avisou a Jorge que Nazaré estava chegando. O rapaz passou a mão nos cabelos, ajeitou a camisa, queria impressionar a morena. Desde que se encontraram na Fazenda Ocidente do Major Juca não pensava em outra coisa. Era diferente da outra namorada, não pode casar, não tinha dote, o Major proibiu. Coitada da moça, se matou por causa disso. Mas Nazaré tinha um par de olhos. Ah! Que olhos...

Patricia lembrava a primeira vez que se viram, tudo parou, não ligava mais para nada. Olhar triste, chamando, chamando...

Amor invadindo corações. Olhar, apenas. Portas abertas, janelas da alma. Impossível negar, aceitação. Assumir, era recíproco. Ele, sentimento há

tanto esquecido. Ela, nunca antes degustara. Reflexos de sonhos, desejos, vida, mais que palavras, provas, confirmação.

Fantasiava, sonhando acordada. Cores mais fortes, céu azul límpido, verde intenso nas árvores, flores exuberantes. Sabia, apaixonada. Não antes, quem sabe depois. Prazer da primeira vez. Falar para quê, gastar energia. Olhos, lançava-lhe flechas, o olhar, torcendo que atingissem coração, tomando conta do corpo, uma leveza, quase flutuar.

Medo, era perigoso, risco, tanto sofrera, perda, a primeira, querida, amada. Não outra vez. Concha, proteção. Pedir aos céus, jamais sentir, degustar, sentimento tão doce, na perda tão doloroso. Fugia, tolice, menino.

Estavam destinados a viver, chance em mil, razão de uma existência. Poderem experimentar, dar-se o direito, entrega de corpo, alma e coração a esse mar, azul, profundo, ao amor, vida. Felicidade..

O Major observava o açude, os patos nadando, transbordava. Semana Santa, hora de acochar água, os peões iriam pescar levando o peixe da Sexta-Feira da Paixão para comer ao molho de côco. Mandaria Maria Tereza separar alguns para dar aos que não tinham.

Mandou Zé Luiz colocar o Judas no pau de sebo, na frente da Casa Grande para o povo queimar no Sábado de Aleluia. Eles gostavam, não podia se esquecer. Zé Luiz continuou parado, mesmo depois da ordem.

- Seu Major, olhe, deixe eu lhe dizer um acontecido: não tem aquele seu cachorro, o preto malhado que o senhor deu pro Sebastião e levava sempre nas caçadas?

- Tem Zé. Porque você tá me perguntando isso?

- É... É porque acharam ele morto, atrás do alambique. E estão dizendo que foi obra de gente do Major Tenorinho, dos filhos, o senhor entende?

- Mas o senhor deixe de coisa, Zé, não está vendo que eles não fariam isso.

- Major, eu não duvido de mais nada não. Se foi com a mulher nova do senhor seu irmão, só por que é moça, os filhos estavam na maior confusão, implicando pra não dividir herança. E o senhor se lembre que quando um filho dele veio pra pedir voto, o senhor disse que não ia dar, estava do lado do Major Abraão Fidelis pra deputado.

- Eu não sei de nada, seu cabra... Eu só sei que tá na hora de acabar logo de construir a casa da Satubinha e levar o alambique pra lá. Isso aqui não tá me cheirando bem, não...

Atalaia

Agosto, 1950

Estrada que leva à Atalaia, cheia de buracos. Zeca Lopes anotou em um caderno: primeiro feito quando assumisse em janeiro. Seria fácil, contando com os eleitores da Branca de Atalaia, mais ainda. Sr. Lisboa dirigia.

- Cuidado com os buracos, homem. E vá mais devagar, logo aí em frente, quando atravessarmos a ponte sobre o Rio Paraíba. É danado, não é Lisboa? Outro dia estava meninote, calça curta, tomando banho neste rio... O tempo passa muito rápido, homem.

- É, prefeito. Mas o senhor parece o mesmo de quando começou na política. Deve ser por causa da Dona Isa, não desgruda do senhor, cuida direito. E o senhor não se aperreia com nada, já Dona Isa...

- Ela é meio estourada, Lisboa. Eu já disse pra ela: mulher, de que adianta sair por aí, querendo tomar satisfação, dando tiro em quem diz calúnia sobre a minha pessoa. Eu quero mais é isso: falem mal, mas falem de mim.

- Mas ela tem muita responsabilidade, Sr. Prefeito. Ainda mais com a Câmara de Vereadores, é presidente. Se ela deixar, o povo monta. Sabe como é, pensam, só porque é mulher, deve ser mole, boazinha...

- Isso é de vera. Mas nesse ano Dona Isa não vai precisar se aperriar comigo, não. Está sem um candidato que preste nessa cidade, vai ser uma lavagem...

Zefa trouxe café para as visitas do Major. Já era a segunda vez que levava. Voltou para a cozinha, Maria Tereza providenciava o almoço, as visitas iriam demorar.

- Deixe eu ver se entendi bem, Dr. Celso Nonô... O senhor, junto com meu sobrinho, Dr. Luiz Augusto e o prezado amigo aqui, Abraão Fidelis, estão convidando pra eu me candidatar à Prefeitura de Atalaia?

Celso Nonô deu um gole no café, quente.

- Exatamente, Major. É isso mesmo que o senhor ouviu.
- Mas eu nem tenho lá muita gente conhecida...
- Mas não precisa não, homem. Basta que o senhor fale umas palavras bonitas, que isso eu já vi que sabe fazer no dia do caso dos burros...
- Que caso dos burros? Ah, Virgem. Homem, que memória boa, heim? Não estava mais nem lembrado disso. E acho que não quero nem lembrar...
- Não, Major, é pra lembrar mesmo. O senhor botou moral naqueles cabra de peia. E agora a gente está precisando de um prefeito que bote prumo nessa cidade, está largada, às moscas. Nunca vi tanto desmando, uma desmoralização. Concorda comigo, Dr. Abraão?
- Perfeitamente, Dr. Celso. Major, sei que é interessado no bem dessa cidade. Nasceu aqui, tudo o que construiu, lutou nessa vida, foi com o apoio dos seus conterrâneos. É justo que o senhor retribua, é uma forma de agradecimento. E eu que estou nesse rumo da política faz tanto tempo, vejo que o senhor leva jeito, vai ser com certeza o melhor prefeito que a nossa tão estimada Atalaia já viu.
- E me permita intrometer, depois de palavras tão convincentes do Dr. Abraão, senhor meu tio. Ninguém agüenta mais esse monopólio do tal do Zeca Lopes. Está na prefeitura há quanto tempo e o que fez? Umas melhorias bestas, mais na Branca de Atalaia mesmo, que é onde a gente vai ter mais trabalho e cuidado para não nos enrolarem. Pois eu tenho certeza, é por isso que ele está no poder até hoje, deve ter algum arrumadinho pra aquelas bandas...

O Major escutou Luiz Augusto terminar. Prometeu que iria pensar no assunto, pedir conselhos ao irmão, Major Tenorinho. Antes de sair, Celso Nonô reforçava.

- Mas pense rápido, Major. Não queremos dar brecha pra esse cabra ganhar vantagem. Ainda não temos outro candidato, mas somente, veja bem, somente se o Major não quiser de jeito maneira, somos obrigados a procurar um

substituto à altura. Porque deixar as coisas como estão, ah, isso não vamos, não...

Lucila preparava o almoço. Fazia de tudo, ele vai gostar. Galinha cabidela, um bom guisado de tutano para ele comer com farinha e fava. Na sobremesa, compota de goiaba. Não podia esquecer do aperitivo, Maria Tereza falou que sempre tomava antes do almoço o tal do San Raphael. Pronto, está tudo arrumado, nada falta, vou me arrumar, eles já devem estar chegando, quero acompanhá-los ao comício. Iria vê-lo falar, sempre tão bem. E os acasos da vida, conheceu o Major com Elita, parecia que era sina ser amiga das mulheres daquele homem. Gostava muito de Maria Tereza, além de prima – casou com Arnóbio, eram cunhadas, se davam bem.

O palanque do Major foi montado em frente ao Mercado Farinheiro onde sempre aconteciam os bailes de Carnaval. Do outro lado da praça, discursava Zeca Lopes usando as mãos para falar, o povo aplaudia. Os feitos, a experiência de tanto tempo na política atalaiense.

- Meus concidadãos. Vocês me conhecem bem, chamo cada um pelo nome, vi seus filhos crescerem, alguns até homens feitos. Ajudei essa cidade a crescer, trouxe o progresso, estamos construindo o Hospital Darcy Vargas e também o primeiro clube de lazer da cidade, o Fênix Atalaiense. Não troquem o certo pelo duvidoso. Dêem-me oportunidade de continuar com o trabalho que vocês estão vendo todos os dias, feito por um filho da terra, mas, principalmente, interessado no desenvolvimento, na prosperidade deste município. É a minha missão nesta vida, não tenho outra, nem terras, nem engenhos de açúcar, muito menos dono de alambiques clandestinos que não trazem o futuro, nos explora em benefício próprio, se apossando do que nos é legítimo, merecedor...

Lucila vaiava a plenos pulmões. Maria Tereza mandando se aquietar, e... Tiros. A multidão corria para todos os lados, muitos entraram no Mercado, Lucila e Maria Tereza se abraçavam. Arnóbio puxou-as com força para um canto ainda vazio do Mercado esperando a confusão passar. Os pipocos continuavam, Lucila ria.

- É, minha prima, parece que essa eleição vai ser das boas.

Maria Tereza permaneceu séria. Nunca passara por aperto daquele tamanho. Esperava não ter que passar de novo.

Dorinha entrou na sala da casa da tia Lucila. Carregava uma caixa com santinhos para distribuir na porta do posto de votação.

- Tia Lucila, a senhora viu o meu pai?

- Ele está na cozinha com o Abraão, o Nelson Tenório, Arnóbio e mais uns correligionários do PTB. Por quê?

- É porque o Zi, sabe, o irmão do Sr. Agamenon, veio me contar que o pessoal do Zeca Lopes está todo lá no posto da Branca de Atalaia e que deve acontecer alguma malandragem. Capaz dos votos do diacho do Zeca darem cria...

- Tem certeza, menina? O Zi gosta de umas histórias... Mas pelo sim, pelo não... Vá em embora pra lá, cola no povo, abra bem o olho pra não lhe enrolarem, viu? Deixe que com seu pai eu me arrumo, aviso a ele.

O Austin era azul, claro. Emerson pulava na frente do carro, queria entrar, pegar na direção, ver se o banco era macio. Maria Tereza saindo para a varanda.

- Que novidade é essa José? Não estava satisfeito com o jipe não, foi?

- É isso não, mulher. Vou tomar posse na próxima semana. Não quero ouvir ninguém dizendo por aí que comprei carro com o dinheiro da prefeitura...

Edgar Malta esperava atento ao que o pai iria falar. Sempre considerava muito as opiniões dele e, naquele momento, eram de grande valia. Dr. Liberato pensou por um minuto antes de aconselhar o filho.

- Entendo a situação, filho: o Diretor da Receita, em nome do Governador Arnon de Melo, da UDN, lhe entregando, assim de mão beijada, um jipe com dois policiais, é muito prestígio. Mas aí é que está o problema, eu fico desconfiado, sabe como é, quando a esmola é grande o pobre desconfia.

- Pois é, senhor meu pai. Sei da minha capacidade, não foi à toa que me chamaram para essa colocação. Não tenho medo de ninguém, descubro os podres desses políticos, comerciantes, usineiros, o que vier eu traço. Mas dessa vez estou com uma pulga atrás da orelha...

- Mas é para ficar mesmo. Olhe, filho, eu no seu lugar iria devagar, prestaria bem atenção neste tal de Major José Tenório que eles estão querendo pegar com a boca na botija. Vai ver não é nem tudo isso que estão falando. E você sabe da história da minha família, eu não gosto muito de falar, mas seu avô enlouqueceu por causa da política. Então, procure ver direito, conheça esse homem, a família, de onde ele veio, de que jeito faz as coisas. De verdade, sem a influência da opinião alheia. Essa pode ser a chance da sua vida de fazer um amigo...

O Major recebeu o Fiscal de Renda na biblioteca do Engenho Estrela, ofereceu um café. Edgar pediu para olhar os livros fiscais, passou um longo tempo folheando, página por página, fazia anotações. No final olhou para o Major, falou pausadamente.

- Bem, Sr. Major. Encontrei aqui algumas irregularidades, uns impostos do alambique que o senhor deixou de pagar, está me parecendo que não declarou alguns bens que constam no livro de saída na compra de propriedades.

O Major acompanhou nos livros os erros encontrados por Edgar.

- Mas eu pego aquele filho da puta do contador. Veado. Me perdoe a palavra, Dr. Edgar, mas é que eu fico arretado com gente incompetente, aquele vagabundo... E aí o que é que eu faço pra resolver?

- Muito simples, Sr. Major, muito simples. Basta que o senhor pague esses impostos o mais breve possível, volto daqui a oito dias para verificar como andam as coisas e então conversaremos novamente. Está certo assim?

Os olhos do Major encheram-se de lágrimas.

- Se está certo? Está certíssimo, Dr. Edgar. Pode confiar, estarão todos pagos.

- Eu não duvido disso, Sr. Major, eu não duvido.

- Nunca ninguém fez isso comigo, Dr. Edgar, nunca mesmo. O senhor é um homem de bem, gostei de ver. Por isso está convidado, na próxima semana, a almoçar comigo e com a minha família, quando vier comprovar o que eu lhe disse, eu não sou o que o senhor chegou pensando.

Edgar levantou-se, apertando a mão do Major.

- Será um enorme prazer, Sr. Major... Quer saber mais? O senhor não é em nada parecido com o que me falaram.

João Belo estava saindo do armazém, na Rua de Cima, Atalaia quando avistou Paulo, amigo de infância.

- Mas que novidade boa lhe ver aqui, homem. Faz tanto tempo que a gente não se vê. Como é que está a senhora sua mãe, e a Maria, continua bonita como sempre?

- Deixa de ser enxerido, cabra. Não mexe com a minha irmã, viu? Ela merece coisa melhor...

- Mas é tu nada, estrela. Tu és tão lascado quanto eu.

Os dois riram um do outro.

- É mesmo... Mas o que é que tem feito da vida, João?

- Eu tô vendendo cachaça pra esse povo todo da região. Dá pra ganhar um dinheirinho...

Paulo encostou na pilastra do armazém.

- E você já vendeu pro Engenho Estrela?
- Pro Engenho Estrela? Não, não conheço ninguém de lá. No Engenho Boa Sorte, por exemplo, já conheço todo mundo, mas no Estrela nunca fui não.
- Então vamos lá, homem. Você vai ver o que é povo diferente dos outros, os tais dos Tenório.
- E é feito de barro, é?
- Não é, não, Belo, é que eles são diferentes, são gente do bem.
- Pois eu já carreguei aguardente da Boa Sorte, da Usina do Dr. José Correia, da outra do Major Cícero Correia, é tudo gente do bem.
- Mas igual aos Tenório do Estrela, não existe.
- Então, vamos nesse tal de Estrela, você é que está dizendo. Deixe eu pegar os burros que estavam tomando água aqui atrás do armazém...

Major Luiz atendia dois vendedores no armazém do Estrela, mas não tirava o olho dos rapazes. Desde hoje que esses dois estão aí peruando. Vou já ver o que é que esses dois moleques querem, perguntou para o mais baixo, bigode fino.

- Pois não? Vai comprar?
- Não sei se vou ficar freguês, não. Tô apenas por camaradagem com meu amigo aqui, Paulo. Agora, se na próxima vez Deus me ajudar, eu venho.

O Major ia passando no Austin azul claro. Viu uns burros na carroceria de um caminhão velho, caía aos pedaços, na frente do armazém. Desceu do carro, foi ver se o irmão precisava de ajuda.

- Bom dia, Luizinho, estou indo pra prefeitura. Precisa de alguma coisa?
- Não, Major. Está tudo na santa paz. Esse rapaz aqui é vendedor de cachaça, está vendo se começa a vender pra gente.
- Ah, prazer. Como é a vossa graça?
- Eu sou João Belo e este é o Paulo, ele que me trouxe. Prazer em conhecê-lo, o senhor deve ser o Major José Tenório, ouvi muito falar do senhor.

- É mesmo? Espero que seja coisa boa...

- Ah, mas com certeza, não é, Major? E eu sou doido de dizer que foi coisa ruim?
- Mais nada... Me diga uma coisa, esses burros aí na frente, no caminhão, são seus?
- São, sim, senhor.
- Você vende?
- Vendo, sim, Major.
- E qual é o preço deles?
- Não tem preço, não, Major. O senhor paga o preço que merece.
- Então venha ver uma coisa na cocheira, fica aqui, do outro lado da rua, em frente ao armazém... Está vendo esses burros? Pois bem, eu troco esse meu por um daqueles seus.

João olhou bem para o burro apontado. Coçou a cabeça, virou para o Major.

- Major, você não vai se abusar comigo, não?

- Eu não. Diga lá, homem.

- Olhe, eu não gostei muito da cara dele, não, Sr. Major.

- Foi mesmo? Então, faz assim, você leva um pedaço em dinheiro e venda pelo preço que conseguir. Venha na próxima semana aqui, estou lhe esperando.

O Major foi em direção ao Austin, deu partida, saiu roncando o motor. Sebastião estava na cocheira ouvindo a conversa do Major com o rapaz. Falou com João.

- Como foi que o Major começou esse papo, homem? Ele não fala assim nem comigo que tô aqui faz tempo.

Zé Luiz, ao lado, cochichou no ouvido de Sebastião.

- Será que esse aí é filho do homem? Ele não fala assim com ninguém mesmo...

João Belo balançou a cabeça, não sabia por que o Major foi com a cara dele. Paulo tinha razão, os homens Tenório eram mesmo diferentes. Voltou uma semana depois, no prazo acertado. Entrou no armazém, Major Luiz não estava, Tobias, um peão antigo do engenho veio atender. João se aproximou.

- Seu menino, o Major José Tenório está por aí?

- Está não, moço. Nem o Major Luiz. Foram tudo pra cidade. Que é que o senhor quer com eles?

- Eu sou o João Belo. Trouxe o dinheiro do aguardente e de um burro que ele me mandou vender.

Tobias lembrou-se do recado.

- Homem, vá embora que a ordem que ele me deu foi pra não receber o pagamento.

João franziu a testa.

- Mas como é a história? Pois diga ao Major que eu não tenho o que fazer com esse dinheiro não. Diga que eu deixei aí, ele faça o que quiser com isso e pronto.

Zi desceu de cavalo até a Branca de Atalaia, esperava no mesmo local das outras vezes. Dava pra ver o carro do Major se aproximando. Desceu do cavalo, amarrou na árvore. O carro parou ao lado de Zi.

- Bom dia, Sr Prefeito. Que satisfação revê-lo.

- Deixa de embromação, Zi. Sobe logo no carro.

Zi entrou no banco de trás, o da frente, onde sempre ia, estava ocupado por um rapazote, baixo, não devia ter vinte anos.

- Esse aqui é o João Belo. Pode falar tudo na frente dele, é da família. Vamos, desembucha.

Então Zi, olhando para João Belo, começou a contar a história do cunhado do Major, Nelson Costa: o Zeca Lopes colocou no único hotel da cidade, espalhando a notícia que o prefeito não cuidava nem do cunhado, um pobre coitado, sem eira nem beira, vivia bebendo e ninguém ajudava a tirá-lo daquela vida. Mas ele, Zeca Lopes, para provar não ter mágoas, rancor, iria colocá-lo no hotel, aos próprios custos. Recomendara uma boa alimentação ao gerente do hotel, nada de bebida para o rapaz. Iria recuperá-lo, trazer de volta para a vida normal e tranqüila, digna de todo cidadão atalaiense.

João Belo olhava para o Major. Estava vermelho, a boca espumando. Dirigia muito rápido.

- Major, o senhor quer que eu dirija pro senhor?

- Mas de jeito nenhum, Belo. Eu quero chegar é logo em Atalaia, ver esse filho da puta na minha frente. Ah, pagar, sei, vai pagar... Tem até graça, não tem onde cair morto, vive de política. Vai acabar sobrando pra mim, pra variar...

Miriam chorava baixinho. Quando que a mãe e o pai entenderiam? Não mandava no coração, apenas não mandava. Quisera ser feito partida da moagem, puxava alavanca, começa, termina. Não é assim que funciona, pelo menos não comigo. A mãe falava. Novamente.

- Mas logo com o filho do homem, carcará sanguinolento, minha filha?

Lucila não se conformava. Podia ser qualquer um, mas havia de ser justo com Wilson Lopes, filho daquela coisa? Não queria nem pronunciar o nome.

- Eu já sei o que vou fazer: mandar você pra Maceió, passar um tempo lá com a minha irmã. Até essa poeira baixar e você descobrir que é tudo fogo de palha, quem sabe arruma até casamento por lá...

- Não tem quem me faça ir pra Maceió, não, mãe, não tem mesmo. Eu sou capaz de fazer uma besteira...

Lucila levantou-se.

- Tá doida, menina? Dou-lhe umas tapas na boca pra deixar de dizer asneira...

Arnóbio segurou no braço da mulher, fez sentar-se. Suavemente.

- Lucila, acho melhor você ficar calma, não vai adiantar de nada...

- Arnóbio, você sabe o que está dizendo? Como é que essa menina vai se arranjar com esse rapaz, ainda mais vindo daquelas bandas? Não é que seja má pessoa...

- Então, mulher, deixe Miriam em paz. Que culpa tem os dois de serem filhos de quem são? Pois olhe, minha filha, pode ficar sossegada, vai se casar sim com esse moço. Traga ele aqui, quero fazer as coisas direito. Noivado, vai pedir a sua mão, marcar o casamento. E vão morar com a gente, sua mãe gostando ou não.

- Arnóbio!

Lucila levantou-se, o marido segurava o braço, de novo fazendo-a sentar. Arnóbio ficou de pé.

- E eu não quero ouvir mais nenhum pio. Nem choromingo. Afinal de contas, quem dá a última palavra aqui, pelo que sei, ainda sou eu.

Na Praça da Matriz aplaudia uma numerosa multidão. Discursaram Serzelo Medeiros Costa, Dr. Nelson Tenório, candidato a Deputado Estadual, o também Deputado Oséias Cardoso tentava a reeleição junto ao Major José Tenório, esse para segundo mandato, prefeito de Atalaia. O Major ouvia Oséias Cardoso falar. Sabia discursar, o danado. Tá aí um que me enganou, pensei que era cabra safado, que nem o outro, o tal do Abraão Fidelis, fica mudando de partido a torto e a direito, pulando de galho em galho, virou a casaca. Se bem que no início da tarde viu Oséias de conversa com Zeca Lopes. Está bem, está bem, eles já foram do mesmo partido...

- Meu caríssimo deputado, Oséias Cardoso Sobrinho. Vamos, me dê um abraço. Que satisfação revê-lo.

- Posso dizer-lhe o mesmo, excelentíssimo Zeca Lopes. Como andam as coisas, a senhora sua esposa, a eterna Presidente da Câmara dos Vereadores, Dona Isa, vai bem?

- Está muito bem. Ah, Dr. Oséias, o senhor nunca esquece, não é verdade?

- Ah, mas o senhor também não é de se esquecer das coisas, não. Lembro bem do presente de casamento maravilhoso que nos ofereceu, à mim, à minha senhora, Dona Lilita...

- Não foi nada, deputado, apenas uma lembrancinha...

- Mas lhe sou muito grato, aliás, a Lilita foi a que mais gostou... Então, me diga como estão as coisas, não é por estarmos agora em partidos diferentes que precisamos alterar nossa amizade, não é?

- Em absoluto, deputado, em absoluto. Estamos caminhando, apesar do seu amigo, o Major José Tenório, ter me atrapalhado um bocado... O senhor veja, o caso do Hospital Darcy Vargas - me desmoralizou. Não pensa na população,

ao invés de dar continuidade ao meu trabalho, na época em que voltei à prefeitura, após a administração do Major - quando me venceu pela primeira vez, na última eleição. Fui pedir verba ao Ministério Público para terminar a construção, me disseram que não havia mais dinheiro nenhum... Eu não vou fazer nada, deputado, não vou denunciar essa lama. Sem falar do Pedro Lopes, meu irmão: o pobre quis vender luz pro povo, com a companhia elétrica, ouvi falar que o Major convenceu todo mundo a não pagar nada. Então desistiu, fazer o quê? Pedro foi cuidar do cinema que coloquei no lugar do Clube Fênix Atalaiense, foi outra do Major... Um lugar de lazer, deputado, de lazer. Juntei dinheiro com os fazendeiros e donos de engenho da região, quando ficou pronto, ninguém ia, inventaram de ir pra casa de um amigo aí do homem, com piscina também, davam churrasco e chope de graça aos cidadãos que poderiam freqüentar o Fênix. Não dá pra concorrer, não é verdade? Mas criar caso, para quê? Além do mais, os amigos eu já tenho, agora quero os inimigos...

Os filhoses já estavam prontos, Lucila mandava Caunca tirar a mão da vasilha, ainda estava quente, acabaria se queimando. Que apelido o Major arrumou para o neto, filho de Miriam - Caunca. Dizia que era indígena, nem lembrava o significado, preferia o de verdade: Gilson, ela mandou a filha batizar. Aquele Major... Era um homem tão bom, coração enorme. Chamou o filho do inimigo para trabalhar com ele no Estrela, dirigindo caminhão. E a Mirianzinha, ensinava para os meninos do grupo... Que Deus o abençoe, bem muito, bem muito.

Dorinha adorava época de Carnaval em Atalaia. O bom mesmo era o encontro na casa da tia Lucila, rapazes, moças, todos iam para lá. Da última vez, Dorinha arrumou um namoradinho, engraçado ele - lembrava. Os blocos, Queijo representando o Major, Rato representando Zeca Lopes passavam na frente do quartel general do Major: a casa de Lucila.

- É que nem cancela que gado empurra e entra, minha filha. Igualzinho...

Dorinha batia, porta em porta, arrecadava dinheiro para as velhinhas do Major. O pai já não bastava ajudá-las com o que ganhava na prefeitura, nem um centavo colocava no bolso? Aquilo não era suficiente para o Major. E ainda ficava danado da vida quando chegavam políticos, época de eleições,

oferecendo máquinas de costura para as pobres velhas. Quando ganhavam, nem notícia.

A votação da Rainha do Carnaval estava para lá de animada no Mercado do Farinheiro. Concorriam Mara e Tonita. Primas, Mara filha de Jorge, Tonita, de Clodomir, parente de Maria Tereza. O Major siringava dois tubos de lança perfume, Major Zeca da Liberdade tratava de aspirar com força, não perdia uma gota. O sangue do povo se agitava, uma briga começou, o Major apartando, mandou todos para casa. A compra dos votos estava quase no fim, o prefeito precisava tomar uma decisão.

Mara estava segura, ganharia. Era muito mais bonita que a prima e o avô haveria de votar nela, não havia dúvidas. Viu quando ele comprou votos, mais do que os outros homens. Ficou curiosa.

- E a Rainha do Carnaval deste ano vai para...

O apresentador conferiu duas vezes os votos.

... a bela Tonica, filha do Dr. Clodomir.

Mara sentou-se na cadeira, rosto coberto de lágrimas. O avô se aproximando.

- Por quê, vô, por quê não votou em mim?

O Major se baixava para falar com a menina.

- Ô, minha filha, entenda, seu avô é um homem público, não pode estar favorecendo família.

- Mas Tonica também é da família...

- Mas não é família próxima, minha querida, não é que nem você. Sabe de uma coisa, é um segredo só nosso: para mim, você era a mais bonita...

Caunca estava todo melado de óleo. Saia do alambique, ajudava Zé Luiz a consertar a moenda. O Major observava da varanda o neto de Zeca Lopes. Gostava do menino, era tão parecido com Ivon, tão parecido... Viu quando Miriam chamou para tomar banho, hora do almoço. Se levantou, muito rápido, sentiu tontura.

Lucila deixou cair o prato que estava colocando na mesa quando ouviu o grito de Miriam. Saiu em disparada, Miriam é uma exagerada, resmungou.

- Você quer me matar de susto, menina...

Viu a cena, a filha, Wilson, Maria Tereza desmaiada nos braços de Zefa. A cabeça, perna direita, braço, um monte de carne, parecia o corpo, o caminhão e motorista desesperado. Lucila pegou um saco de estopa, começou a juntar os pedaços, arrumava para formar uma coisa só, uniforme. O neto, o neto, o neto. O Major puxava Lucila de debaixo do caminhão, teimava, deixa eu terminar, juntar tudo, a gente não pode deixar espalhado, o Major puxou com mais força, dava-lhe solavancos, gritou com ela, seu Major, seu Major.

- Pára Lucila, pára! Não adianta mais, não adianta. Deixa ele ir, deixa ele ir, não adianta mais nada...

E então seus olhos se abriram, abraçou o Major. E choraram muito. Por um bom tempo.

Eliezer viu quando o Major estacionou o carro na frente da prefeitura, desceu com João Belo e um rapaz magro, parecido com alguém que conhecia.

- Eliezer, bom dia.

- Bom dia, Sr. Prefeito, Sr. João Belo.

O Major apontou para o rapaz quase conhecido de Eliezer.

- Este aqui é o Zequinha , lá do posto de gasolina que fica na saída da cidade. Veja aí a situação dele, parece que está sem alvará de funcionamento e faz tempo que está querendo regularizar.

Então, Eliezer lembrou de onde conhecia o rapaz.

- Prefeito, Sr. Major, eu acho que vai ser meio difícil resolver esse caso.

- E por quê, homem?

- Este cidadão - Luiz de França - é um caso conhecido de sonegação de impostos, quer funcionar sem pagar uma taxa sequer à prefeitura. Vai ter que antes pagar o que deve, para depois darmos o alvará.

- Mas eu não estou dizendo, homem, é pra regularizar. Vamos, faça o que estou mandando.

- O senhor me desculpe, seu prefeito, não concordo com isso, me recuso. Não vou dar esse alvará, não.

O Major olhou para o funcionário. É muita ousadia desse cabra...

- Pois muito bem...

Caminhava em direção à mesa grande da sala de despachos.

- Se é assim que o senhor quer, assim vai ser. Peça agorinha demissão que eu arrumo outro pra fazer isso pra mim. Vamos, arrume alguém pra bater a carta, a de demissão...

O Major sentou para ler o Jornal Atalaiense.

- Mas, Sr. Prefeito, não tem ninguém pra bater, não.

- Não tem problema - o senhor mesmo bate. E se apresse, tem só cinco minutos.

O Major falava sem tirar os olhos do jornal.

O pedreiro colocava os paralelepípedos na rua.

- É pra arrombar, Belo, é a segunda vez que mando assentar essas pedras. Da primeira, o danado do Celso Nonô mandou um caminhão pra levar açúcar na ferrovia aqui atrás e esculhambou tudo. Eu disse pro motorista dele, se quisesse passar por aqui com caminhão, que viesse o patrão dele pessoalmente.

- Ô, Major, o Dr. Celso não é aquele que o senhor fez, na outra administração da prefeitura, a estrada pra Fazenda Mataraca? E por sinal, não é dele?

- É esse mesmo, esse mesmo. Pra ver o que é ingratição, Belo. Mas ele não tem peito pra vir aqui me desafiar não.

O Major cruzou os braços, acabava de terminar a frase, avistou o caminhão da Mataraca se aproximando.

- Mas eu não acredito numa coisa dessas, Belo. Não é que o danado tem cunhão...

O Major foi para o meio da rua.

- Seu Major, o que é que o senhor tá fazendo aí, homem? Saia do meio da rua!

- Quero ver se ele passa por cima de mim.

O caminhão freou. Faltava um palmo para tocar o Major. João Belo correu para perto do amigo.

Belo foi tirar satisfação com Nonô, boléia do caminhão.

- Mas tá doido, Dr. Celso? Não está vendo o Major aqui? Quer matar o homem?

- Deixa de ser xeleguê, João Belo. Fica aí só puxando o saco do patrão...

- Alto lá, Dr. Celso, não fale assim com o João, ouviu? Que mal ele lhe fez?

- Nenhum, Major, nenhum. Do mesmo jeito que eu não lhe fiz mal algum e o senhor fica implicando comigo, até mandou meu caminhoneiro voltar. Se eu não descarregar no trem logo, perco a remessa, não recebo o pagamento, homem.

- Não me desmoralize, Nono...

- Mas quem está desmoralizando aqui é o senhor, Major. Outro dia, passando na rua, o senhor atravessou pra não ter que falar comigo. Depois foi com a cara mais lisa na Mataraca pro casamento da nossa parenta. Pois é isso mesmo. Quer queira, quer não queira é isso que somos, parentes. Lembre que a Liene, minha senhora, é sua sobrinha, filha do Major Abel. Deixe de besteira, homem...

O Major franziu o rosto, mais ainda.

- Pois sendo parente ou deixando de ser, por essa rua só passa se for por cima do meu cadáver...

Gazeta de Alagoas

Organizações Arnon de Melo

12 de Setembro de 1963

“Continua o município de Atalaia a ser esquecido pelos poderes competentes mormente, na parte da Assistência Social e Saúde.”

26 de Setembro de 1963

“O mato enfesta todas as artérias da cidade de Atalaia, a grama toma conta das vias públicas, a ponte de madeira clama por melhores atenções do poder

público municipal. Enfim, Atalaia precisa, antes de tudo, de uma restauração completa.”

14 de Julho de 1964

“Ao que presenciamos, Atalaia vive entregue a mais hedionda acefalia. É uma calamidade da mais vergonhosa. Que os senhores vereadores deste município sigam na realidade os mandamentos de representação de um povo, levando ao conhecimento do Sr. Prefeito o caso em lide.”

03 de Março de 1965

“Vai no seu último ano de gestão a administração do prefeito José Tenório e a vida social e urbanística da cidade de Atalaia permanece estagnada. Não negamos que alguns melhoramentos foram efetuados em diversos lugarejos da zona rural. Mas, o centro citadino, que está sempre a receber visitantes, turistas ou pessoas outras que por ali transitam, se encontra no mais triste abandono.”

Belo apontava para o jornal.

- Mas é um bando de cabra safado, Major, uma corja da mais baixa, ralé mesmo. Não falam aqui do que o senhor fez por essa cidade, das ruas que pavimentou, nada. A Rua de Cima mesmo foi uma delas. Até dizem que quando o senhor colocou água em Atalaia – o pessoal zoando do primo Dr. Luiz Augusto - a água desceu por força da gravidez...

Os dois não resistiram, caíram na gargalhada. O Major ascendeu um cigarro.

- Mas isso só deve ser coisa do filho da puta do Zeca Lopes lá com o padrinho dele, o tal do Arnon de Melo. Também, com jornal e tudo, não dá pra ser diferente, não é, Belo?

- O senhor não ligue pra essas coisas não, Major.

- Não é que eu me incomode não, estou cagando e andando pra esses porras. Ontem mesmo chegou lá em casa um rapazote com um documento vindo do Governador Silvestre Péricles, da mesma laia desses daí. Mandou que eu assinasse. Ah, ele pensa o quê, que eu vou assinando qualquer coisa assim é, sem mais nem menos? Mandeí o garoto voltar na mesma hora, o rabinho entre as pernas e dissesse pro seu Governador que ninguém me obrigava a fazer o que eu não quero não...

Belo deu uma gargalhada.

- Major, o senhor é porreta!

- Mas não tem que ser, Belo? Esse povo pensa o quê de mim? Sou algum otário? Sabe, Belo, acontece que eu estou cansando dessa história de política. Tenho mais o que fazer, meus negócios, minhas propriedades...

Dobrou os papéis em cima da mesa da prefeitura. Olhou pela janela, dava para ver a rua com seu nome. José Tenório de Albuquerque Lins. Grande bosta. São uns filhos da mãe ingratos, esse povo.

- Andei pensando muito nesses dias, Belo. Não estou falando da boca pra fora ou com a cabeça quente. Já decidi: vou entregar a prefeitura pro meu vice, o Zé Silveira Albuquerque. E que ele tenha mais sorte do que eu...

Patrícia mergulhava no trabalho. Precisava parar de pensar nele. Também no ex-namorado. Sentia tanto por eles e ao mesmo tempo achava uma injustiça da vida. Menina, são os encontros, os desencontros, fazer o quê? Quem a gente ama parece que não sente o mesmo, quem nos ama, não conseguimos amar - seria tão mais fácil, resolveria todos os problemas. Mas não era isso o que queria da vida. Precisava conquistar, seduzir. Seu desejo, sonho, era isso. Antes de mais nada, o gosto, a vontade. Não queria mais ver o amor apenas através dos olhos de outra pessoa. Queria senti-lo também e que fosse recíproco. Amar, ser amada, tudo ao mesmo tempo, na mesma intensidade. Era o mínimo, não aceitava menos. E se não fosse para ser com ele? E daí? Continuaría tentando, tentando, até o fim.

Relacionou quem precisava entrevistar. Cinquenta pessoas no total. Filhos, netos e amigos do Major. Estava adorando tudo aquilo, parecia que nascera escritora, sabia exatamente o que, como, onde fazer. Era impressionante. E se sentia plena, inteira, tal preenchida por uma energia, uma força. Acreditava nessas coisas, o avô estava com ela, tinha certeza. Sentia-o guiando, iluminando, dando a mão. Conversavam, ele contava sobre acontecimentos, discutiam às vezes, outras vezes apresentava pessoas que não estavam mais nesse mundo, em outra vida. Elita, Coronel João, Dona Ana, Mestre Lu, ficou íntima de todos, velhos amigos.

A Usina Triunfo terminava a safra, poucos caminhões na fila para encerrar a moagem daquele ano. Os pés de flamboyant afloravam vermelho, cor de laranja, tal presentes da mãe natureza para compensar o fim, encerramento de mais um ciclo.

Casa Grande. Ali, se encontravam, final de tarde. Ela, o avô. Momentos felizes. Dali se podia ver a usina, o bueiro. O famoso bueiro. Sabia que o avô gostava de ficar no final da safra acorocado, ali, ouvindo o apito, o longo apito. As coisas continuavam no mesmo lugar, a varanda, as histórias da corujinha. Parecia vê-lo contando, dando-lhe as mãos para brincar, tocar seus dedos. Uma saudade imensa invadiu-lhe alma, mostrando o caminho, o que fazer.

Da sala de reunião do escritório da usina, Patrícia podia sentir o cheiro da vinhaça. Doce lembrança. Entrevistando o primo, José Maynard Tenório, onze horas, dia dezessete de fevereiro, anotava na agenda. Ligou o gravador. Faltavam menos de nove meses para o centenário do Major, precisava correr contra o tempo.

- José, me fala de nosso avô, o Major. Eu o conheci muito pouco, morreu quando eu tinha nove anos. O que você se lembra dele, como pai, avô, empreendedor, político?

O primo endireitou-se na cadeira, mesa comprida.

- Ah, Patrícia, eu não era muito mais velho que você quando ele morreu, mas acho que convivi mais. Herdei até a veia política dele...

- É mesmo. Prefeito José Tenório, daqui de Boca da Mata, não é mesmo?

- Pra você ver, menina, pra você ver. E você sabe de uma coisa interessante? Sou amigo do também político, neto do Zeca Lopes. Tem até o mesmo nome, Zeca Lopes Neto. É vereador lá pras bandas daquela praia do litoral norte de Alagoas, Paripueira, sabe?

- Sei onde fica, uma vez passei férias na casa de tia Lena, do Major Zeca... Mas que coisa, menino? Pra você ver como é a vida, não é, primo? Encontros, desencontros, é isso mesmo... Mas me fale, ele era um bom avô?

- Era, Patricia, não era de muitos carinhos, não. Mas nós, os netos e filhos sabíamos que ele gostava da gente.

- De que jeito vocês sabiam?

- Ah, pelos gestos, as coisas que fazia com a gente. Eu me lembro muito bem da época que ele morava na Fazenda Satubinha. Papai, seu tio Jorge, me contou que quando começaram as confusões com os sobrinhos, filhos do Major Tenorinho, logo depois da morte dele, decidiu que estava na hora de se mudar pra lá. A casa estava quase pronta. Se apressou pra terminar, montou um alambique igual ao do Estrela. Então, se mudou. Meu pai já morava lá. Um tempo depois, os netos crescidos - eu era meninote - lembro muito bem das férias. Iam todos os primos: Tereza de Fátima, de tia Venúzia, Ana Paula, Paulinho, Zé Ivon de Dorinha, Beto, eu, Jorginho lá de casa. Eram as melhores férias que um menino feito eu poderia desejar...

Fazenda Satubinha

Janeiro, 1967

Tereza de Fátima procurava no escritório do avô um livro novo. Começou a folhear um sobre o Gueto de Varsóvia... Leon Urs... não conseguia ler direito, a capa estava meio desbotada. Lera todos os de Alan Kardec, Chico Xavier, Jorge Amado naquelas visitas. Às vezes não entendia muito bem, mas isso não era o mais importante, queria descobrir, entender o que o avô pensava, era tão calado...

A porta se abriu, Tereza se enfiando em um canto debaixo da mesa grande, dois leões serviam de porta livros. Esquecera que era sábado, dia de pagamento. O Major sentou-se na mesa, abriu um pacote de papel madeira, retirou dois molhos de dinheiro, colocou no meio das pernas. Chamou o primeiro funcionário da fila que se formava na porta estreita da saleta, fazia anotações em um livro preto, grosso.

Tereza encolhia-se toda. Ai, meu Jesus, tomara que ele não perceba que eu estou aqui, vou ficar bem quietinha.

Pareceu uma eternidade até o último peão sair, o Major acabar de escrever, juntar notas restantes. Tereza esperou mais um tempo para, levantando a cabeça, verificar se estava só. Então, a brincadeira começou.

Sentou-se na cadeira do avô, espaldar alto, coro preto, braços em madeira, ainda estava quente. Abriu o livro, pegou a falsa caneta tinteiro, desenhava no ar letras que poderiam ser as dele. Imitando os gestos, entregava notas imaginárias, deu pequenas risadas. Poderia ter ficado assim horas, quando crescer quero ser isso que o vovô faz. Ouviu a prima chamando, abria a porta do escritório, se esquecera de Ana Paula.

- Têca, cadê você, menina?

- Psssiu...

Tereza colocando com cuidado o livro preto no mesmo lugar, a caneta, tudo sagrado. Saía da saleta, olhava para os dois lados, ver se havia alguém por perto.

- Paulinha, estou aqui...

Ana Paula pegou a mão da prima, gelada.

- Menina, onde é que você estava? Te procurei por todo canto, vai começar a novela, a do Pé de Laranja Lima...

Tereza apressou o passo.

- Ai, me esqueci. Não posso perder o capítulo de hoje.

A televisão preta e branca da sala chuviscava. Na varanda, os peões esperavam. A televisão deles ali fora também estava quebrada. O Major chamou Mestre Lu, colocou uma escada, subiram no telhado para ajeitar a antena, ficava a uns vinte metros acima. Depois de várias tentativas, voltou a T.V. funcionar para alegria das crianças e aplausos dos peões.

O Major sentou na cadeira de balanço. Tereza de Fátima, em cima de uma almofada, se aproximou das pernas do avô. Sivuca chegou, a novela já havia começado. O Major sorriu no canto da boca. Olhava o ruivo. Mas é muito corajoso, o cabra. Depois de levar umas lapadas de cana três xis, ainda está aí, em pé. É pra ver o que é que eu faço, só pode. Deve estar pensando que Nazinha vai protegê-lo que nem fazia quando era pirralho, junto com o Gilvan. Quando os dois trelavam, Nazinha os escondia atrás da saia ou então pulavam pela janela. Sivuca que não brincasse mais, não desse sopa. O Major voltou o olhar para a televisão.

Maurício não assistiu à novela. Estava limpando as mãos da tinta que, todo mês, comprava em Maceió só para pintar o cabelo do avô. Não queria largar, a danada da tintura, passava uma escova de mão com querosene nas unhas.

- Vê se pinta direito, seu Maurício. Não quero ficar parecendo que tô usando um capacete...

Antenor esperava o Major terminar de assistir a televisão. Que idiotice, ficar olhando pra uma caixa... Quando o Major saiu, já estava com o tabuleiro

de dominó arrumado. Maurício se juntou a eles. Apostavam cigarro, da marca que o Major usava, Continental. Maurício nem se atrevia a pegar mais em cigarro, da última vez o avô fez ele apagar e engolir inteiro. Nem um copo d'água para ajudar a descer ele teve direito.

- Mas vô, o senhor fuma feito caipora.

- Eu posso, seu cabrito, você não. Olhe aqui, manda quem pode, obedece quem tem juízo. Se eu lhe pegar fumando, faço engolir o cigarro todinho de novo.

Jorge Luiz chegou cedo na casa do avô, trazia um pacote muito recomendado, devia ser dinheiro, coisa de valor. Não entendia porque o pai, depois do esporro que levava toda noite do avô, ainda mandava presente. Todo dia era igual, depois do jantar iam para a casa grande, o Major começava a dizer para o filho o fizera de errado no dia, não alisava. De cabeça baixa, Jorge ouvia calado não abrindo a boca.

Na varanda, Zefa tirava o vestido de uma menina magra, morena, cabelos curtos. Mostrava para o Major e Maria Tereza.

- Qual é sua graça, menina?

- É Maria, Seu Major. Não é de falar muito, não, parece até que o gato comeu a língua.

- E essa cicatriz aqui nas costas? Quem judiou da pobrezinha?

- Sei não, Dona Maria Tereza. Parece que foi acidente, queimadura.

- Leve pra dentro, Zefa. Maria Tereza, vê se passa uma creolina nos cabelos da menina, ta cheio de piolho.

Maria acordou cedo, o sol não havia raiado. Ouviu o barulho do Major e Maurício. Se juntavam ao Dr. Moacyr - Maria soube por Zefa que era casado com a filha do dono da Usina Uruba e que era muito amigo do Major. Antes das seis da manhã, o Major chegou gritando, mandava botar o café, ia sair logo para a usina.

Na mesa havia de tudo. Cuscuz, charque, ovo mole com gema crua, macacheira e queijo coalho, a menina nunca vira tanta comida junta. O Major beliscou um pouco, tomava uma xícara de café, pegando o chapéu, acenou para Dona Maria Tereza, ia para a Usina Triunfo trabalhar. Maria ajudava a retirar os pratos da mesa.

- Virgem, é tudo tão rápido aqui, né Zefa?

- É, menina, vá se acostumando. Você ainda não viu nada...

Cinco minutos para as onze horas da manhã. Maria ouviu a buzina do fusca amarelo do Major, ainda não subira a ladeira da Satubinha. Maria Tereza entrou na cozinha, apressava a cozinheira, Dona Otília.

- Vamos embora, minha gente. Vocês sabem o Major como é que é. Depois não reclamem do esporro se a mesa não estiver posta quando entrar em casa...

Otília havia cozinhado bagre, fez pirão para acompanhar.

- Espero que ele coma e não faça que nem no outro dia. Chegou aqui com o Sr. Joãozinho Belo, eram umas dez da noite, mandou Chico vaqueiro ir nas carreiras trazer um bagre do Pilar, porque só o de lá pra ele presta. Foi um Deus nos acuda nessa cozinha, Dona Maria Tereza a me apressar, eu não podia fazer milagre, disse pra ela. E olhe que eu nunca cozinhei um bagre tão rápido assim... Pra chegar o Major e pegar um pouquinho de nada e ir embora? A sorte foi o Sr. Joãozinho Belo, comeu que só, senão ia ser comida jogada fora...

Maria Tereza esperava na porta da sala de jantar, dava para a garagem onde o Major estacionou o carro. O Major ensaiou o primeiro passo na sala, as botas cheias de lama.

- Cadê meu San Raphael?

- Mas se você está pensando que vai entrar assim desse jeito, todo melado de lama e graxa está muitíssimo enganado. Tome seus chinelos, deixe a bota aí fora e vá tomar um banho.

O Major retirou o par de botas, colocou os ditos chinelos, bebeu a taça gelada do San Raphael que Zefa trouxe, um gole só. Chapéu no cabide, outros três também pendurados – cinza, bege, marrom escuro.

- E isso é jeito de falar com um homem quando chega em casa, mulher? Parece até Dona Nazinha...

Maria viu quando o Major entrou fumaçando no banheiro, deixou a porta aberta. Entrou no quarto, logo depois, roupa mudada, usava um jaleco cinza, mangas compridas, o outro era bege escuro, quase marrom. Lavou as mãos na pia de cerâmica branca, molhava o rosto, cabelo, enxugando com uma toalha, ficou suja de graxa. Passou um creme preto no cabelo, brilhava. Salpicou colônia no corpo, pescoço, mãos. Alfazema.

A menina, voltando para a cozinha, não queria que o Major a visse, esbarrou com Dona Maria Tereza. Olhava assustada.

- Ah, minha filha, está vendo que coisa? É usineiro, dono de terra e nem banho toma. E ainda pensa que me enrola, acha que eu não vejo. Só eu mesma pra não ver...

Depois do almoço o Major pegou um livro de Alan Kardec, colocou o chapéu no suporte da rede, deitou-se. A usina estava calma, dava para preguiçar um pouco. Levantou-se, uma hora da tarde, pegou o chapéu, avisava a Maria Tereza que estava saindo.

Cinco e meia em ponto, o Major de volta. Seguia repetindo o que fez no almoço, ouviu um barulho no gabinete. Aproximou-se devagar, ouvia as vozes dos netos, José Ivon, Paulo, Jorge Luiz, Alberto, Carlos Jorge. Abriu a porta, Tereza de Fátima e Ana Paula estavam encolhidas num canto. Não viu Gilvana, Givago. O Major apertava os olhos para enxergar

- Mas o que é que vocês estão fazendo aí nesse escuro?

- A gente está conversando com os espíritos, vô.

- Ô, José Ivon, e o que é que vocês sabem de espírito? Não meçam com o que não conhecem, não, minha gente. Deviam ter vergonha, estão até assustando as pobrezinhas das suas primas, a Ana e a Tereza. Alma, espírito é

coisa muito séria, tem que ter muito cuidado, consideração. Eles estão em toda parte, uns nos protegendo, mas tem outros nos querendo o mal, desviar do caminho do bem. São revoltados que com certeza vão voltar em outras vidas, para se purificar, sofrer muito até tirar todos os carmas, as mazelas de outras passagens por aqui.

Os netos arregalaram os olhos, não sabiam que a brincadeira do copo poderia ser tão perigosa assim. O Major resolveu acalmá-los. Acho que exagerei na dose.

- Mas tá bom dessa história de alma de outro mundo por hoje. Vocês, meninos, que tal a gente fazer outra briga de box que nem a de ontem? Ganha dez cruzeiros o vencedor, mas não vale baixaria, estão ouvindo?

Começaram a rir. Os meninos corriam, o avô acompanhava devagar.

- Lá pra varanda. Quero ver quem é o mais macho de vocês...

A tapagem da casa de Zeca do Maribondo estava animada. O forrozeiro a tocar, homens colocando barro nos buracos da taipa, mulheres oferecendo caldo de feijoada, lingüiça com farinha, pinga. O Major não bebia cachaça, mas não podia fazer essa desfeita com o Seu Zeca do Maribondo. Tomou duas lapadas, ficou tonto.

Aproximou-se do vendedor da usina e amigo, deu-lhe um forte abraço.

- Zeca, é melhor eu ir andando. Você não vai querer a Maria Tereza braba comigo, não é? E eu ainda tenho que pegar a minha neta na usina, está na casa da Venúzia, brincando com a Tereza de Fátima...

Ana Paula estava adorando as férias. Não havia nada daquilo no Rio de Janeiro: árvores de serigüela, jaboticaba, brincar com Tereza de Fátima, viviam comendo as frutas no pé. Esconde-esconde na plantação de milho, trela com os sapos velhos, sal grosso na pele úmida, morriam rápido. O Major censurava.

- Não façam isso com os pobrezinhos dos sapos. Eles comem os mosquitos. Deixem eles em paz.

Nas sextas-feiras, Dona Maria Tereza fazia doce de laranja da terra em um enorme caldeirão. As primas ficavam olhando o doce borbulhar. Otília se aproximava.

- Cuidado com o bicho papão...

As meninas gritavam, saíam correndo, Otília ficava rindo com Zefa.

Chovia muito na estrada. Era a primeira vez que Ana Paula ficava sozinha com o avô, ele estava engraçado, falante, só o via calado. Passou a mão nos cabelos louros, lisos da neta.

- E você minha filha, está direitinho?

- Tô, vô. Tá tudo certo comigo...

- Olhe, se precisar de qualquer coisa, mas qualquer coisa mesmo é só pedir pro seu avô velho aqui, está me ouvindo?

O Major continuou olhando para Ana Paula, se parecia tanto com a mãe. Agradeceu a Deus que os três netos estavam bem. Arrependia-se do que fizera com a filha. Ana Paula gritou.

- Vô, olha o carro!

Um caminhão atravessava a estrada, o Major desviou o carro para o canavial. A tempo.

- Mais um pouco a gente virava poeira.

Ana Paula ainda se segurava no banco da frente do carro, pálida, mãos

geladas. Começou, rindo nervoso, soltando, até virar gargalhada, se confundia com a do avô.

Maria Tereza estava na porta da Casa Grande. Mas o que danado aconteceu? Porque ainda não chegaram? Eu não devia ter deixado Aninha ir para a casa da Venúzia. E ainda mais esse temporal, ai meu Deus. Olhava em direção ao portão da fazenda.

Avistou o fusca subindo a ladeira, apenas um farol aceso. O Major e Ana Paula saltaram do carro, pára-choque amassado. O marido passou, cheiro de cachaça.

- Onde é que vocês andaram, por Nossa Senhora? E que cheiro é esse, o que é que você estava me aprontando, José Tenório?

- Mas é danado, agora deu. Vai me regular em tudo, criatura, mal cheguei e já vem me reclamando...

Pegou o chapéu, acabara de deixar no cabideiro, dando a volta, acenou com a cabeça para a neta, saiu cantando pneu no fusca.

José Ivon esperava. Sr. Mantinha iria chegar a qualquer momento para apanhá-los. De volta para casa. Um carro até Maceió, o avião no outro dia para o Rio de Janeiro. Estava demorando, todo ano a mesma coisa. Por que o avô não vinha, não sentia saudade, queria que fosse embora?

O Major via o movimento dos caminhões na usina encostado na pilastra. Era melhor assim, faz de conta que amanhã ele ainda está aqui, não ia perder outro Ivon de novo.

Lembrou-se de Dorinha, tudo o que passara, sofreu. Um dia seria feliz, com certeza, nada é por acaso, precisara passar por tudo aquilo. Baixou a cabeça, tanto fez, permitiu. Mas sabia, a filha era uma forte, sangue Tenório nas veias, resistia, insistia, até conseguir objetivo. O sonho, não poderia ser menor, único direito nesta vida. Disfarçou uma lágrima, contida, queimava no rosto, rugas de sol a sol. Levantar, bater poeira, olhar para frente. O que o futuro aguarda, fazer logo hoje. Presente de Deus, independente se bom ou

ruim. Bênção, meio para se atingir o fim, destino. Até cumprir missão e poder então voltar de onde foi enviado.

E ali ficar para sempre.

Maceió
Julho, 1955

Dorinha relia a carta de Maria Tereza, papel já amassado. Estava de férias da Faculdade de Direito. Não retornaria em agosto. Prometera ao pai.

- Você está noiva, não precisa mais estudar. Está na hora de largar essa faculdade, cuidar do casório, fazer o que lhe é devido.

Fora tão difícil chegar até ali. Queria mesmo era fazer Medicina no Recife, todas as primas, filhas de Tio Juca faziam, por que ela não podia? Conversou o juízo do pai, sabia o jeito de convencê-lo, pelo menos às vezes. Era só chegar de mansinho, dengosa, fazia tudo o que ele pedia. A filha beijava o pescoço do Major.

- Diga, Dorinha, o que é que você quer?

- Ô, pai, não posso nem ser carinhosa com você, é?

- Sei, sei... Vá, desembucha logo, diga o que está precisando.

- Ô, meu pai querido...veja bem... Andei pensando melhor sobre aquela história de faculdade de Medicina. Sabe? O senhor tem razão. Vou ficar muito longe de vocês, mãe Tereza, o senhor e meus irmãos. Iria sentir muitas saudades e, na verdade, não gosto muito lá dessas coisas de ver sangue, não. Então queria lhe pedir uma coisa.

O Major dava um sorriso de lado. Fazia frio na varanda.

- Ah, é? Bem que eu lhe disse, sempre tenho razão, não é mesmo? Mas o que é que você está querendo de mim então?

- Bem, meu paizinho, é que eu estava vendo com o Luiz Augusto, nosso primo... Até conversei com ele sobre essa história de vocação, ele me disse que ser médico não era pra todo mundo, que precisava ser muito corajosa, ver coisas que não queria, mortes, doenças horróricas... Bem, resumindo, ele me convenceu perguntando se eu não queria fazer Faculdade de Direito em

Maceió. Até convidou para ir morar na casa dele com tia Genita, tio Tônico. Lembre, fiquei interna no Colégio Batista até esse ano, para poder me preparar pro vestibular...

O Major pensou por um instante. Se não deixasse Dorinha fazer aquela faculdade, a filha iria ficar lhe infernizando para ir estudar no Recife. Que invenção dessas filhas do Juca - fazer faculdade. Isso tudo começou com elas, parecia que o primo estava ficando meio desmiolado.

- Que seja. Mas antes vou à Maceió conversar com Dona Genita e Dr. Antônio. Não pense que vai ficar lá solta na buaqueira não, viu?

Conheceu Paulo Uchôa em uma das saídas encobertas pela tia. Era maravilhosa com Dorinha, sempre ajeitando, enrolava o marido – a menina precisa se distrair, ver gente nova. Paulo era um rapaz muito bonito e com uma conversa de derrubar zepelin. Mas o que Dorinha mais gostava nele era o humor, fazia-lhe rir, nenhum outro homem causava essa reação nela. Estava acostumada à sisudez, cara fechada.

Ele pediu a mão da moça em namoro com menos de um mês que se encontraram no bar. O noivado, três meses depois. Dorinha assustava-se com a rapidez. Agradecia a Deus por ele ainda estar se organizando, precisava arrumar emprego, comprar casa, não aceitava ajuda do Major, apesar de simpatizarem um com o outro desde a primeira vez que se encontraram.

Maria Tereza ficou observando o rapaz e a enteada enquanto estavam na varanda da Satubinha depois do almoço de domingo. Fez olhar de censura para Dorinha: com os cotovelos no espaldar da cadeira do namorado. Nem fazia tanto tempo assim que começaram o relacionamento e aquela intimidade toda.

Maria Tereza e Venúzia aguardavam, seriam as próximas a serem atendidas por Dr. Arnaldo.

- Estou ficando cansada dessa história, Venúzia. É um tal de fazer exame, me cutucar de um lado, cutucar do outro. E não acham nada. Esses médicos de hoje em dia só querem enriquecer às nossas custas, bando de bestas.

- Ô, minha mãe, mas ele foi tão recomendado. O Dr. Moacyr, amigo de papai é dentista, conhece muitos médicos, falou muito bem dele, dizem que é o melhor neste assunto. Tenha um pouco mais de paciência.

- Acho que minha paciência já está se acabando...

A porta se abriu, a enfermeira convidou-as para entrar. Dr. Arnaldo abriu os braços, beijou as mãos das duas, suave.

- Que satisfação em ver minha cliente predileta.

Mas é muito falso!

- E estou vendo que está com uma aparência bem melhor do que da primeira vez que a vi. Também. Sendo cuidada com toda atenção e carinho por esta senhorita tão bonita...

Venúzia corou, baixava os olhos. Dr. Arnaldo era um homem alto, bigode e cabelos castanho-claros, olhos, um não saber o que está pensando. Proibido. Viu a aliança de noivado logo na primeira consulta da mãe. Que pena! Pelo menos servia para limpar a vista... Maria Tereza notou que estava envergonhada.

- Bonita? Ah, o senhor não viu nada. Bonita é a minha outra filha, a Dorinha.

- É mesmo? Mas quando terei o prazer de conhecê-la?

- Ah, doutor, acho que isso não será possível. A mamãe andou brigando com a Dorinha e são umas teimosas, essas duas. Bicudas, não se beijam.

- Venúzia, isso aqui não é lugar pra se estar lavando roupa suja!

- Mas, mamãe, eu acho que tem que dizer pro doutor, sim. A senhora está aqui pra resolver essa sua irritação, nervosismo. Não consegue dormir direito, não é? Vai ver tem alguma coisa com essas brigas entre a senhora e a Dorinha.

- Sua filha tem razão, Dona Maria Tereza reforçou. Preciso saber o que foi que aconteceu com as duas, isso pode e deve ajudar no seu tratamento.

Maria Tereza ficou calada, Venúzia continuou.

- Mamãe brigou feio com a Dorinha, não estava gostando do jeito dela com o noivo. Achava que estava se enxerindo muito pro lado do rapaz.

- Mas também, doutor, o senhor queria que eu fizesse o quê? Daqui a pouco a menina iria estar mal falada. O senhor sabe como o povo nota logo essas coisas...

Dr. Arnaldo tirou a mão do queixo, cruzava os braços.

- E então?

- Então o quê, doutor?

- Então, o que foi que houve depois que a senhora falou que não estava gostando das coisas, da maneira que aconteciam? O que sua enteada disse?

- Ah, doutor, disse tanto absurdo, mal-criação. Que eu não era mãe dela, não tinha o direito de me intrometer. Acho que nunca aceitou a morte da mãe, essa menina. Como se eu fosse culpada disso...

- Eu acho que seria interessante chamar a sua enteada aqui em Recife...

- Como é que é?

- É isso mesmo, o que a senhora ouviu, Dona Tereza. Seria muito bom para a senhora que ela viesse aqui, conversassem, lavar... ahn... a roupa suja, juntas colocassem tudo para fora. A senhora não tem idéia, Dona Tereza, do que a mente humana é capaz de produzir no corpo de uma pessoa. De maneira consciente não vemos problema algum. Consideramos besteira, coisa de gente louca. Nada disso. O preconceito é enorme, tanto quanto a desinformação.

Sigmund Freud já constatou que a cura das doenças da alma está apenas nas palavras, no falar tudo, esgotar. Na cartase.

- Mas doutor, o que é que eu vou dizer para ela? Eu estou com a razão, é ela que me deve desculpas.

Dr. Arnaldo se aproximou daquela senhora, lágrimas descendo no rosto suave dela. Segurou-lhe as mãos finas, pele delicada, olhou firme, direto.

- Não tenha medo, Dona Maria Tereza, eu estou aqui para isso mesmo. Olhe, tive uma idéia: quer minha ajuda para escrever-lhe uma carta? Sou muito bom com as palavras.

Recife, 03 de Julho de 1955

Querida filha,

Pensei muito antes de lhe escrever, afastar a raiva, perdoar rancor, diminuir a mágoa. Sou humana, tal você. Acho até que você deveria estar me procurando, me deve respeito, afinal de contas.

Realmente, não sou sua mãe, sou a esposa de seu pai. Mas entenda uma coisa: entrei nessa história tão inocente quanto você. Ganhei de presente de casamento três crianças pequenas, uma casa que não era minha, uma história que não me pertencia.

Posso não ser essas maravilhas de mãe. Faço o melhor. Não me julgue pelo que aparento ser, apenas coloque-se no meu lugar. E, mais importante, já vou fazer quarenta anos, não consigo mudar mais muita coisa na minha vida. Você tem vinte anos a menos, mais liberdade, pode escolher outros caminhos, me ajudar nesse momento.

É muito difícil dizer, luto contra o orgulho, sou cheia de defeitos. Mas estou precisando de você, precisando mesmo. A Venúzia também, tem que ver como está magrinha, sei o quanto você gosta da sua irmã.

Não vou lhe pedir desculpas, a mágoa ainda não diminuiu tanto assim. Quem sabe sua vinda ajude, quem sabe?

Você escolhe, o pedido já foi feito. Aguardo uma resposta, mais ainda, aguardo a sua vinda.

Atenciosamente,

Maria Tereza de Melo Tenório.

Dorinha olhava para a carta amassada. A letra era de Venúzia, reconhecia a assinatura da madrastra. Falara com Nazinha. Gostava dos conselhos da tia.

- Eu, se fosse você, não iria para o Recife, pode dar em confusão. E a Venúzia não está com ela? É melhor deixar assim, minha filha, melhor para você.

Começou a escrever a resposta. Não iria. Pelo menos, não agora. Inventaria uma desculpa qualquer. Ah... Preciso ver umas casas com meu noivo, estava muito ocupada. E aquilo não se parecia em nada com Maria Tereza. Apesar de direta, na carta havia uma doçura, uma meiguice, carinho. Devia ser de sua querida Dudu, assim chamava a meia-irmã. Ai, pra que a Tereza disse que a menina estava magrinha, pra quê?

Passava uns dias na casa de Edna e Olival. Eram tão gentis, os dois. Sentia o amor entre eles, notou logo o interesse de Olival na irmã quando tudo começou. Flores, retratos com dedicatórias, tão romântico, o cunhado. Casaram-se rápido, ela com dezessete incompletos, ele, maior de idade. Soube que o pai estava na cidade, queria falar com a filha. Esperou o dia do matuto, a sexta feira, quando sempre vinha para Maceió. Olival combinou o encontro. Conversaram na sala de estar.

- Deixe de ser tihosa, Dorinha. Não está vendo que Maria Tereza quer lhe ver? É o jeito dela de pedir desculpas, reaproximar. E você tem um coração tão bom, minha filha...

Não agüentava ver o pai lhe fazendo um pedido.

- Mas pai....

- Nem mais, nem meio mais.

Estava demorando...

- Não era nem pra estar lhe pedindo essas coisas, menina, era pra mandar. Só vim porque o Olival me pediu, disse que você estava muito triste pelos cantos, precisava resolver logo essa situação.

Dorinha balançou a cabeça, assentia. É, podia ser até bom ir para Recife, o que perderia indo? Faz tempo não passeio por aquelas bandas, preciso mesmo esperecer, ver coisa nova, gente diferente.

Dr. Arnaldo sentiu um arrepio na espinha. Estava noivo há três anos com Ana Lúcia, mas nunca experimentara o coração disparar, respiração ofegante. Dorinha conseguiu produzir este efeito. Era uma moça bonita, verdade. Mas não era somente isso, Ana também era bela. Havia um quê, o jeito de olhar, falar, o cruzar das pernas, caminhava tal em uma dança. As horas não passando. Conversavam na varanda do hospital. Maria Tereza se submetia a outra sessão de tratamento do sono, técnica somente desenvolvida por ele no nordeste, um dos poucos no Brasil. Raiava o dia, assuntos intermináveis, não se cansavam. Arnaldo se declarou.

- Não dá mais para esconder o que sinto, Maria das Dores. Preciso lhe dizer, meu sentimento é muito forte...

Dorinha tocou os lábios do médico com os dedos finos, segurou-lhe as mãos, alianças se encontravam, aproximou-se, hálito quente, corpos vibrando, fecharam os olhos, doce, suave, longo beijo. Abraço apertado, vontade de estar para sempre, nunca mais deixar, lágrimas no rosto delicado.

- Eu sinto o mesmo, meu querido, o mesmo. Desde o primeiro instante, você com aquela conversa ridícula, atrapalhada. Então, eu descobri: a carta, a carta. Foi você, não foi?

- Ahn... De jeito nenhum...

Encostou o nariz delicado no rosto do médico.

- Eu sabia, seu menino danado, eu sabia. E sabe mais, acho que vim pela carta, parecia que você me chamava, estava escrito, literalmente.

Abraçaram-se mais, outros beijos, passava os dedos nos cabelos cacheados da moça.

- Eu lhe amo, Maria das Dores. Nunca tive tanta certeza do que sinto, nunca antes. Não tão forte. Sem dúvida alguma, é amor mesmo.

Dorinha olhou para as alianças. As mãos dadas. Arnaldo levantou o queixo da moça.

- Vou terminar o noivado com Ana Lúcia. Não tem mais sentido. Quero ficar com você, casar, ter filhos. Meu Deus, que loucura! É tudo tão rápido, minha querida, pode até estar lhe assuntando, não é?

- Está mesmo, Arnaldo, estou com muito medo.

Dorinha voltou a baixar a cabeça. O médico insistia, olhar nos olhos.

- Medo de quê? Não tem do que ter medo, meu amor, sou seu, pra sempre, nada pode dar errado. Era pra ser assim, foi o destino que nos uniu.

- Arnaldo, estou com medo de não conseguir. Meu enxoval todo pronto, estou procurando casa. Falta pouco para eu casar. O que é que vou dizer para o Paulo? Ele precisa de mim, não vai suportar. Ana Lúcia é forte. Será diferente, mais fácil para você.

- Não pense que será fácil para mim. Ana é minha amiga de infância, crescemos juntos, nossos pais são amigos desde pequenos. Brincavam de planejar nosso casamento enquanto crescíamos. Acho que acreditamos que era isso que deveria acontecer conosco. Não, não será fácil para mim também, minha querida. Mas eu quero, vou conseguir. Não poderia fazer diferente, até em respeito à Ana.

Percebeu a confusão, estava perdida, procurava o caminho.

- Ei, menina, não precisa ficar assim, não. A força está dentro de você, basta procurar por ela, acreditando, então se entregar. E eu vou ficar esperando,

esperarei o tempo que for necessário, esperarei para sempre se preciso. O meu momento pode não ser o seu, não vou forçar nada. Encontrei o amor de minha vida. Não tenho mais pressa alguma.

Dorinha sorriu com doçura para Arnaldo. Gostaria de sentir aquela força, a mesma certeza. Talvez a amasse mais, quisesse mais, talvez porque fosse homem. Talvez, talvez. Mas sabia que precisava fazer alguma coisa, não podia ficar parada.

Paulo não entendia o que Dorinha lhe falava. Deve ter ficado maluca, essa menina. Saiu daqui, há um mês, tão apaixonada, querendo casar logo, ele pedia que esperasse, estava quase se ajeitando na vida.

- É porque ainda não arrumei emprego, é isso, Maria das Dores?

- Não, Paulinho, não tem nada a ver com isso.

- Então por quê? Que diabo está acontecendo com você, criatura? Não gosta mais de mim?

- Ô, Paulo, gosto, é que...

- Então, que bicho lhe mordeu, Dorinha?

Dorinha respirou fundo, juntou todas as forças.

- Eu me apaixonei por outra pessoa.

Paulo ficou parado, esperando, não acreditou, levantava.

- O quê? O que é que você disse?

- Eu me apaixonei...

- Se apaixonou, como assim, se apaixonou?

Andava de um lado para o outro, varanda da casa de Olival, Dorinha tentava acompanhar os passos.

- Se apaixonando, Paulo, se apaixonando.
- Mas não é assim, não. Você é apaixonada por mim, você disse, me amava.
- Eu sei, eu disse e não era mentira. Tente entender. Na época era verdade o que eu sentia.
- Dorinha, não é assim, se apaixonar como se troca de roupa, fosse ali, viu uma coisa nova, diferente, se apaixonar, já não sente mais nada. Você deve estar confundindo as coisas. Doidice da sua cabeça. E quem é esse porra, veado? Me diga o nome desse canalha.
- Calma, Paulo, calma. Não é assim que se conversa, resolve.
- É assim mesmo. Ah, deixa só seu pai saber...
- Não, Paulo, pelo amor de Deus, não fale nada pro meu pai ainda, deixe que eu fale.
- Então me diga, quem é esse tal, diga, vá. Acabe logo com isso.
- É... Dr. Arnaldo. O médico que estava cuidando de minha mãe.

Paulo deu um sorriso sarcástico.

- Agora a chama de mãe, nossa, que mudança, heim?
- Para seu conhecimento, mudou mesmo, nos aproximamos muito em Recife. Sozinhas, nós duas resgatamos muito, conversando, resolvemos nossas desavenças. Por favor, não seja maldoso, Paulo. E também, saiba perder.
- Perder, coisa nenhuma, você vai ver. Não vou lhe perder, Dorinha, não vou lhe entregar, assim, de mão beijada.

Levantou-se, saiu feito foguete da varanda na casa da irmã de Maria das Dores. Dorinha sabia que o encontro com o pai era inevitável. Mais cedo, mais tarde, iria acontecer. Precisava falar antes de Paulo, se adiantar.

- Mas o que você está me falando, minha filha? Ficou doida, foi? E eu que pensei que o doido fosse o Paulo quando veio me contar aquela história que vocês acabaram o noivado, que tinha um médico no meio disso tudo...

Pronto, não adiantou de nada, a pressa. Paulo chegou antes.

- Não, meu pai, você tem que me escutar, preste atenção...

- Eu não vou escutar coisa alguma, Dorinha. Aliás, vou fazer de conta que não ouvi nada, nem de você, nem do Paulo. E sabe mais? Está na hora de vocês se casarem.

Dorinha ficou pálida.

- Mas pai, eu não posso me casar com o Paulo, não posso. Eu amo o Arnaldo.

- Que ama, que nada. Isso é fogo de palha seu, Dorinha. Pensa que eu não vejo as coisas? Isso é capricho de menina. Vive por aí cheia de namoradinhos, pensa que não sei da sua vida, é? Pois vou acabar agora mesmo com essa festa, vai casar, e é pra já.

- Mas casar como, pai? O Paulo nem trabalhando está, ainda não temos casa, móveis, nada.

- Pois deixe comigo, eu resolvo rapidinho. Arrumo emprego, casa, tudo.

Dorinha levantou-se. Não ia admitir. Lutaria tal Arnaldo com certeza estaria fazendo neste exato momento em Recife.

- Não vou casar com o Paulo, pai. Está decidido. Nem que eu fuja com o Arnaldo. Vou ficar com ele. É o amor da minha vida.

- Ah, é? Pois está muito bem, então. Se é assim que você quer, assim vai ser. Arrume suas coisas e ponha-se daqui da casa da minha filha e do Olival pra fora. Vá embora atrás desse tal de doutorzinho, o amor da sua vida, você mesma que diz. Vá, quero só ver, você aí, toda cheia de gosto, de capricho, só gosta de coisa cara, boa, vivendo com um pé-rapado, pois é isso que ele é, médico, está começando a vida ainda. Amor não enche barriga não, minha filha, mas não enche mesmo. Lembre do tempo do Estrela, da dificuldade que a gente passava, de tudo.

As lágrimas caíam pelo rosto. A raiva subindo pela garganta, amargava.

- Pois então, não vou me casar com ninguém, fico solteirona e pronto.

- Ah, mas não vai mesmo. Olhe aqui, Dona Dorinha, agora você vai fazer o que eu estou mandando, vai casar com o Paulo e ponto final. E se inventar de não querer casar, sabe o que lhe espera? Vai é lavar prato, na cozinha, nada de estudar aqui em Maceió, fazer Direito. Hum, não vai fazer mais Direito nenhum.

Sentou-se na cadeira, sabia o seu destino, achava-se sem escolhas. Limpou as lágrimas do rosto, ajeitava o vestido, suspirou .

- Pois então está certo, meu pai. É assim que você quer, eu obedeço, o que é que eu posso fazer?

O Major olhou para Dorinha, sentava-se do lado.

- Ei, pare com esse drama, menina. Não é tão ruim assim. E eu já ouvi falar que esse médico é meio galinha, faz isso com as pacientes todas, que dá uma de galã...

- Pai, eu já disse que obedeço. Por favor, eu lhe peço, deixe o Arnaldo fora dessa história.

- Está bem, está bem, então.

Levantou-se, continuava.

- Pois está combinado assim, vou fazer os preparativos, trate de chamar o Paulo prá conversar, acertar tudo, desfazer a besteira que você fez.

Dorinha ficou parada por um longo tempo. Viu quando o pai despediu-se de Olival, entrou no carro, saiu em seguida. Passou alguns minutos, parada, pensando, o que fazer, por onde começar. Levantou, foi para o quarto. Decidiu

fazer a coisa mais importante naquele momento: começou a escrever uma carta para Arnaldo.

Edna, do lado de fora do quarto onde a irmã estava hospedada, ouvia o choro, às vezes urros. O coração apertava, não queria ver a irmã assim. Olival, gentil, tomou-a nos braços, indicou com o olhar para se afastarem, precisavam deixá-la sozinha.

Maceió, 10 de Agosto de 1955

Meu querido Arnaldo,

Custa-me tanto escrever estas linhas. Sofro a cada letra, palavra, frase. As lágrimas misturam-se com o que preciso e tenho que lhe dizer.

Sou uma fraca, meu querido. Não consegui fazer o mesmo que você. Talvez meu amor não seja tão forte, tão grande assim. Mas o que me dizer desta dor que invade meu peito, vara-me tal espada cruel, aniquila minh'alma?

Não sei. É melhor não descobrir, deixar passar. O tempo cuidará das feridas, acalmando o espírito.

Casarei com Paulo, em setembro, em menos de um mês. Estou fazendo a escolha certa, eu sei, tenho certeza. Paulo me ama, muito. Será um ótimo marido, excelente pai, acredito. Tenho o apoio de minha família. Dará tudo certo. Estou fazendo a melhor opção para mim. Quero acreditar que para nós dois. Um dia, tenho certeza, você me entenderá, quem sabe me perdoe.

Mas sempre acredite que aqui, dentro de meu coração, guardarei o que vivemos em um lugar especial, somente seu e me alimentarei deste sentimento, enquanto vida tiver, enquanto pulsar em meu peito.

Para sempre você será o amor de minha vida, Arnaldo. Mas peço para que, em nome deste amor, me respeite, deixe seguir meu caminho, procurar a minha tão sonhada felicidade.

Beijos e abraços, da sua eterna,

Maria das Dores Maia Tenório

Maceió não passava de um vilarejo, ia até a Praça Centenário. Nas ruas as pessoas se conheciam pelo nome, procuravam saber da vida, o tempo seguia esticando, suave. Uma única linha de ônibus circulava, descia da Avenida Fernandes Lima, passando pela Praça Centenário, Colégio Diocesano, Praça Sinimbu, Palácio do Governo, Rua do Sol, Rua Desembargador Tenório, Praça Floriano Peixoto, ladeira da Catedral, Farol, Fernandes Lima novamente.

Emerson economizou o dinheiro da condução que recebera da mãe, ia para o Colégio Diocesano. Na volta, comprar um picolé de saco: manga. Peito de véia, dizia pros colegas. No Natal, pediria uma bicicleta, quem sabe pai dava? Deu uma para a Venúzia, aquela pirangueira. Ela tirava o pito do pneu da bicicleta que secava, pra ele e o João nem pegar. Mas ficava brava quando conseguiam outro com o borracheiro, enchiam o pneu, andavam horas e horas.

O picolé estava ótimo, ajudava a melhorar o calor. Sol a pino. Passou na frente da Padaria Francesa. O cheiro das bolachas folheadas, finas. Ainda lembrava da época quando pequeno, seis anos, não mais, passavam sempre ali quando vinha com o pai do Estrela para Maceió.

Sexta-feira. Escuro, fazia frio no Estrela. Emerson levantou da cama. João dormindo, sono solto. Abriu a janela, cuidadoso para não fazer barulho, acordar o irmão. A mãe disse que o Major chegaria cedo, outras vezes chegara. Desta vez não, deveria ser tarde. Não consigo dormir, preciso vê-lo, saber que chegou, ouvir o barulho do carro estacionando, o Sr. Mantinha na direção, na mala, muitos embrulhos, peças para o alambique, ração para os

animais, novidades. Sim, as novidades. Desejava vê-las, mas nem pensar em tocar. O pai somente olhava e saía logo de perto.

O Major chegando, saltou do carro, as encomendas, em papel madeira, amarradas com barbante. Foi ao encontro do pai, abraçou-lhe as pernas, foi levantado, filho caçula, carregava nos braços.

- Mas o que é que você está fazendo acordado uma hora dessas, seu moleque?

As lágrimas corriam no rosto de Emerson, enroscou-se no pescoço do pai.

- Ei, que história é essa de homem chorando? Homem não chora, tá me ouvindo?

Afastou o rosto para melhor vê-lo, abaixando, colocou-o no chão. O menino limpava o rosto com a palma da mão. Maria Tereza ouviu a conversa do quarto. Colocando o roupão, foi para a varanda.

- Esse menino passou o dia agoniado porque você não chegava, José. Não brigue com ele, não, pobrezinho...

- É, eu tava lhe esperando. E o senhor demorou tanto.

Olhou para Maria Tereza, voltou-se para Emerson. Acocorava pra falar com o menino.

- Ei, não fique preocupado não, Mercinho. Olhe, vamos fazer assim? Da próxima vez que eu for pra Maceió, você vai junto. Já está bom de ir. Mas tem que ficar quieto, nada de trela, está me ouvindo?

Emerson balançou, para baixo, para cima, a cabeça, o sorriso desenhando nos lábios. Iria ser uma grande aventura.

O Crisler estava parado na frente da Cooperativa dos Plantadores de Cana de Alagoas. Emerson impaciente no banco traseiro. Esperava passearem mais, queria conhecer a cidade. Tão diferente do Estrela, enorme, as senhoras de chapéu, homens de paletó, gravata, muitos de branco. O pai avisava para ficar quieto, fechando a porta, a espera, pareceu levar horas.

Olhou para a direção. Enorme. Será que conseguiria dirigir feito o pai? Dar a volta no carro, fazia com uma mão só. Viu a chave na ignição.

O Major falava com Sr. Alípio, o tesoureiro.

- Mas o senhor não está entendendo a situação, Sr. Alípio. Preciso deste empréstimo para comprar as peças no armazém de estivas. Mesmo assim, não dá nem pra começar a reforma...

- Eu sinto muito, Major Tenório. Não estamos em situação de ajudar ninguém, até precisando de ajuda nós estamos. Imagine dar algum empréstimo. Acho que o senhor vai ter que procurar outra saída para adquirir suas peças lá no armazém do Sr. Soares.

O tesoureiro, uma idéia.

- Já pensou em pedir para comprar fiado com o Sr. Soares?

- Tá doido, homem? Não tem nem cabimento uma coisa dessas, não.

- Mas quem não chora, não mama, Major. E o senhor, o que vai perder se ouvir mais um não?

- É... é verdade, não vai me cair pedaço algum...

O segurança bateu na porta da sala do tesoureiro.

- Sr. Alípio, me desculpe interromper, mas não é do Sr. Major um carro grande, verde escuro que estava parado aqui na frente?

O Major levantou-se de imediato.

- Estava? Por quê? Meu carro não está mais lá?

- Não, calma, Sr. Major, calma. O carro ainda está lá, é que...

O Major não esperou o rapaz terminar a frase. O que é que o Emerson aprontou desta vez?

Não conseguiu conter o riso quando viu o carro todo amassado na traseira de uma carroça, a cara assustada do filho. Aproximou-se do carro, com dificuldade abriu a porta do motorista.

- Você agora não me fica mais sozinho, ouviu, seu danado?

Puxou Emerson pelas orelhas segurando a gargalhada que teve vontade de soltar.

Madre Valderez escrevia uma carta para o Major José Tenório. Rezava para conter a raiva que sentia daquele homem. Não sabia que a filha estava doente?

Cinco horas da manhã. Todos os dias o coro da missa avisava aos moradores vizinhos do Colégio Santíssimo Sacramento que as alunas internas começavam o dia. Venúzia pedia a Deus que aquele dia fosse diferente, ter forças, agüentando, só um pouco, só um pouco. Ficava em pé por alguns minutos, então desmaiava. Era sempre assim, Madre Valderez já sabia, passando amônia no nariz, levar a menina para o ambulatório. Abrindo os olhos, falava com a voz rouca.

- Madre Valderez...

- Diga, minha pequena, pensei que não iria mais se acordar.

- A senhora se lembra da história de Santa Terezinha que me contou no outro dia?

- Sei, minha menina, lembro sim...

- Ah, Madre, acho que vou fazer que nem ela... é o jeito. Só assim meu pai atende ao meu pedido. Nem tio Abraão, o pai da Verinha, conseguiu convencê-lo a me deixar morar com eles, não ser mais aluna interna. Eu sei, madre, ele não se dá muito bem com o tio Abraão, brigaram, eram tão amigos antes... Mas o que é que eu tenho a ver com isso?

- Nada, minha pequena, nada. Mas, me diga... o que é que você vai fazer que nem Santa Terezinha?

Venúzia desviou o olhar para a imagem da santa na estante do ambulatório.

- Ah, Madre, o que ela fez para se purificar... aquilo... a greve de fome.

Madre Valderez arregalou os olhos. Agora estava preocupada com a menina. Realmente.

- É melhor o senhor tirar a pequena do internato, senão acaba morrendo. Foi isso que a danada da freira escreveu, Maria Tereza.

O Major lia a carta, a esposa enxugava as lágrimas, coitada da minha filhinha.

- José, deixe de ser tihoso, homem. Faça do jeito que Abraão falou, vai ser muito melhor para a menina. Além do mais, Vera é a melhor amiga dela, vão se dar bem. Não queira carregar a culpa se alguma coisa ruim acontecer com Venúzia...

- Vire essa boca pra lá, mulher. Eu já disse que vou mesmo, lá no colégio, na casa do tal do Abraão. Estou indo na sexta-feira, tenho que resolver uns negócios, lá no armazém de estivas. Vou levar o Emerson comigo.

Prateleiras apinhadas de parafusos; em outras, porcas, serras, martelos. Eletrodos, mas também adubo, sementes, mangueira. Emerson esticava-se para ver, gavetas, miudezas, mundaréu de ítems, atrás dos balcões. De um

deles, saiu o homem, meia idade, baixo, barrigudo, terno branco todo amarrotado, sem gravata. O menino riu quando olhou para os pés: usava chinelo e meia, uma marrom, outra preta.

O pai e o homem conversavam, Emerson não entendia todas as palavras. Levou o Major para uma sala, janela de vidro, fechou a porta. O menino viu quando abria um cofre, tirou um bolo de dinheiro amarrado com barbante, retirava algumas notas. O Major passando a mão nos olhos, abaixava a cabeça. Abriam a porta.

- Sr. Major, pegue tudo o que o senhor precisar.
- Mas eu não sei quando vou poder lhe pagar, Sr. Soares...
- Não se preocupe com isso não, Major. A gente vê isso depois.

O Major passando a mão na cabeça, olhava para o chão.

- Sr. Soares, eu não sei nem o que dizer, e o senhor nem me conhece...não vou me esquecer disso nunca...
- Não precisa dizer nada, não, Major, eu sei o que estou fazendo. No momento em que bati o olho no senhor, vi que podia confiar. Não tenho dúvida nenhuma.

Aquelas palavras... Emerson entendeu. Também jamais esqueceria.

Apressou o passo, pegando o ônibus apesar do arroteio na cidade toda, passaria na Rua Desembargador Tenório, lhe deixava na porta de casa a tempo. Sexta-feira, o pai chegando. Estava louco para saber das novidades, se poderiam caçar naquele final de semana. João não era muito afeito à caça, Emerson sempre ia com o pai.

E aquela seria diferente. Iriam os dois apenas. Sozinhos.

Bahia

Fevereiro, 2002

O avião tocou o solo. Suave. Patrícia, janela do avião, via a cidade de Salvador sob outro olhar, perspectiva. Primeira vez depois de seis anos que visitava aquela cidade onde vivera doces momentos. Ali descobrira, quando morava em Ilhéus - estava grávida de uma menina, Maria Eduarda. Mesmo nome da amiga, Duda, meio parente, prima por parte da mãe de Adriana, a Guiga, filha do tio, Emerson. Desejou que a filha fosse tão carinhosa, meiga, linda. Cabelos cacheados, pele alva, feições delicadas. Ainda pequena, sentava-se no colo de Patrícia nas viagens de Recife à Maceió, espírito de velha em corpo de menina. No presente, amigas inseparáveis.

Estariam ali, todas juntas, cinco dias. Seis longas noites. Que loucura de Guiga, quando percebeu já estava tudo pronto, arrumado.

- Mas como, Paty? Passar o carnaval em um hotel-fazenda com menino pequeno, vendo vaca? Ah, essa não...

Patrícia não conseguiu conter o riso ao telefone.

- Mas, Guiga, eu nem gosto tanto assim de carnaval. Nem sei se vai ser tão bom...

- Menina, acorde pra Jesus. É tudo de bom na vida de uma mulher. Veja o meu caso, é igualzinho ao seu: terminei um namoro que era quase um casamento. Quer dizer, ele que terminou comigo. Ah, no final das contas não fui eu quem escolheu entrar nessa vida de solteira, não é, minha filha? Então eu tenho mais é que aproveitar.

As duas gargalhavam no telefone, a conversa já durava meia hora..

- Guiga, eu já paguei o pacote do hotel-fazenda, não dá pra fazer as duas coisas ao mesmo tempo. E esse ano meu pós pediu pra que eu ficasse com os meninos...

- Ah, nêga, a gente dá um jeito. Olhe, vou falar com o tio João pra ele patrocinar nossa farra, certo? E você trate de ligar pra tia Rosa e pedir que ela fique com os meninos, lá no tal do hotel-fazenda. Se mexe, filha.

Estavam todas no aeroporto. Luciana Fialho, Valéria, Maria Eduarda, Adriana – desde o início das prévias, fazia uma semana. Luciana puxou Guiga de lado para falar.

- Guiga, tem que ter cuidado com a Paty. Eu sei, estudei com ela no Marista, era a maior cdf, usava a blusa com o feche até em cima, toda puritana... Acho que ela não vai dar conta, é muita informação pra coitada.

- Ô, General, não se preocupa com a Paty não, viu? Deixe que vou colar nela.

- É bom mesmo, já tem gente demais pra eu tomar conta...

Avistou a prima com o carrinho de bagagem, abriu os braços, saiu fazendo avião, pularam no pescoço uma da outra, davam gritos.

- Mulherzinha, que bom que vocês estão aqui...

- Ah, minha filha, e eu ia perder essa? Receber minha linda, esse é um momento histórico, a Paty-Girl vai conhecer o que é bom na vida.

Duda entrava no abraço.

- É, Paty, agora a turma está completa.

Arrumaram as mortalhas em uma costureira conhecida de Valéria - também de Maceió, mas que morava há tanto tempo em Salvador que se considerava soteropolitana. Passaram pela Praça Castro Alves. Adriana estava agitada.

- Menina, aqui de noite é o ó. Quero ver de quem vai ser o recorde deste ano.

- Recorde? Que recorde, Guiga?

Luciana olhava Adriana, brava.

- Ô, Paty, você não sabe? Guiga, você já devia ter falado com a menina...

- Calma aí, General, vamos devagar que o andar é de barro. Paty, o negócio é o seguinte: Salvador é só azaração, paquera, beijos mil, e outras coisitas mais pra quem quiser, não é? Ai, que delícia!

- Mulher, que é que você está falando? Lembre, eu sou uma mãe de família...

- Ai, Patrícia, não me irrite! Relaxa, criatura, e, se puder, nêga, goze bem muito...

As quatro riram de uma Patrícia branca feito papel. Entraram no Hotel Othon. Adriana falava apontando os braços para o alto.

- A gente não podia ter ficado em lugar melhor do que este. Os blocos terminam aqui, na frente do hotel. Vamos assistir de camarote.

Chegaram na Praça Castro Alves por volta da meia-noite. Rodas de rapazes, moças, shorts curtos, abadás customizados, nas cabeças lenços dos blocos. Asa de Águia, Camaleão - trio do Chiclete com Banana, Ivete Sangalo eram os mais cotados. Estavam no bloco do Chiclete. Bel, o cantor, acenou para os fãs, Adriana parecia a maior, pelo menos a mais estérica, Luciana censurava. Mas não estava dando a mínima, gritava, pulava, queria tocar, chegar perto do ídolo.

- Lindo. Gostoso. Ai, minha Nossa Senhora, acho que vou ter um troço. Vê, as pernas desse homem, Paty, eu só queria a metade disso...

Patrícia riu com a prima. É, não é tão ruim assim, todos estão animados. Menina, deixa de coisa, aproveita. Sentiu que o diabo e o anjo de seus ombros tinham feito as pazes.

Daqui de baixo eu te quero, eu te quero
Daqui de baixo me desespero, me desespero
Daqui de baixo eu te vejo, eu te vejo
Daqui de baixo eu te desejo, eu te desejo
Menina me dá teu amor, ai, ai, ai, ai, ai
Madrugada já clareou, clareou, ô, ô
Clareou, ô, ô...

Nem mesmo Bel terminara de cantar a música, Patricia recebeu o primeiro beijo. É um menino, meu Deus, deve ter no máximo uns dezesseis anos, mas que gato... Então outro, e mais outro. Adriana chegou com duas tangiroscas nevadas.

- Paty, eu trouxe duas roscas pra gente...

Viu a prima dando um beijo em um rapaz de óculos, lentes grossas, gritou, deu o copo para Valéria, puxou o cabelo da prima.

- Patricia, o que é isso? Selecciona, mulher, selecciona, não vá por aí dando beijo em qualquer jaburu, não, minha filha.

Patricia arregalou o olho para Adriana, a cabeça rodava.

- Menina, mas por que é que você não me disse que era tão bom assim? Eu estava presa no armário.

- E você pensa que eu também sabia, minha filha? É o meu primeiro carnaval em Salvador, General é que vem todo ano.

- Sua fresca, e eu pensando que você já tinha vindo umas vinte vezes.

- Que nada, mulher. Se eu tivesse dito que era a minha primeira vez, você viria?

As duas se abraçaram, seguiam o trio. E entre uma rosca e outra, beijavam paulistas, gaúchos, cariocas, baianos. Era o máximo de liberdade que experimentaram em toda uma vida. Talvez o máximo que experimentaremos, pensaram ao mesmo tempo.

Sr. Benedito esperava o Coronel Antônio Coutinho em frente à Casa Grande da Usina Sinimbú. Despedia-se da esposa, dos filhos, colocou o chapéu branco, paletó caqui, botas cano alto.

- E aí, Benedito? Tudo pronto pra viagem?

- Tudo, Coronel. Já abasteci o carro, olhei freio, água, essas coisas todas. Ah, comigo é tudo nos trinques, não dou moleza pra esse carango, não.

- É por isso que todo ano só viajo com você, homem. Porque com o meu amigo, o Major Zé Tenório, não arrisco não, viu? Aquilo é um doido, só vive dando rabiada, cavalo de pau. Confio na peça pra outras coisas, mas na direção, nem pensar.

Benedito sorriu calado.

- Quem é que vai com a gente este ano? É, porque no ano passado o Antenor que foi, não é mesmo?

- Não, Coronel. O Sr. Antenor não foi no ano passado não, estava doente. Ele só foi em sessenta, dois anos atrás.

- É mesmo, tinha me esquecido. Acho que estou mesmo precisado de ir lá pra a estação de águas de Cipó, a cabeça não tá funcionando muito bem.

- É o cansaço, Coronel, as preocupações. O senhor deve ter um bocado de problema pra resolver todo dia, não é?

- Tenho, meu filho, tenho e muito. Mas me diga, dessa vez o Antenor vai? Eu gosto que só da companhia daquele cabra.

- Vai sim, Coronel. E o Major Zé Costa também, vai visitar a família de Dona Emilinha. O senhor lembra quando se conheceram, numa dessas viagens com o Major?

- Mas é claro que me lembro. O Major até disse que o Zé Costa só deixou de ser virgem por causa dele.

Os dois riram, lembravam.

- E como é que é, a mulher dele vai também?

- Não vai não, Coronel. Teve até uma confusão com a Dona Maria Tereza. Ela disse que desta vez o irmão ia pra visitar o sogro, porque é que não levava a esposa? Que o Major queria fazer com Dona Emilinha o mesmo que sempre fez com ela - só podia ter dedo de mulher no meio dessa viagem. Mas não foi ela que falou pra mim, foi a Otília. Ela não vai muito com a minha cara, Coronel.

- E por quê, homem?

- Ah, ela acha que eu faço arrumadinho pro Major, ajeito mulher pra ele. Outro dia foi querer me agradar, me mandou umas mangas... manga-rosa. Devolvi, disse que só gosto de manga-espada.

- Mas, homem, deixe de implicância. Maria Tereza é uma santa, meu filho, uma santa. O Zé também não é essa flor que se cheira, não, viu?

Chegaram na fazenda Satubinha. O Major conversava com Zé Costa e Antenor, malas no chão, jaleco bege escuro, chapéu, casaco de veludo marrom no braço.

- Como sempre muito elegante, Major Zé.

O Major sorria, Coronel Coutinho saiu do carro para cumprimentar o amigo.

- Diga lá, Coronel Coutinho. O senhor também não está dos piores, viu?

Apertaram as mãos, tapas nas costas. Coronel Coutinho falou com Zé Costa e Antenor. Entraram no carro, despediam-se acenando para Maria Tereza. Olhava da varanda, sentada na cadeira de balanço, não se levantou. Coutinho fechou a porta do carro.

- A patroa está braba mesmo, Zé. O Benedito me contou a história toda.

- Pois não é, homem? É fogo, sobrou pra mim. Ainda tenho que aturar o problema dos outros. O Zé Costa aqui que é branco que se entenda com a mulher dele, não tenho nada a ver com isso.

- Ô, Major, mas é pra Dona Maria Tereza desconfiar mesmo, homem. Por que o senhor não varia de vez em quando? Ouvi falar que em Paulo Afonso tem umas terras boas também. Por que o senhor não vai lá pra conhecer? Devia viajar mais vezes, Major, só vive trabalhando.

- Antenor, você pensa que eu posso tá saindo assim, é, a toda hora? Ah, nêgo, não é assim que a banda toca, tem que ralar muito pra coisa funcionar. E eu vou deixar de ver o que é meu para ver o que é dos outros?

Benedito dirigia devagar, a estrada coberta de lama.

- Biu, acelera, homem. Desse jeito a gente só chega daqui a um mês.

- Não dá, não, Major, o lamaceiro tá é grande. A gente vai devagar até Maceió, depois a estrada melhora. Tenha um pouquinho de paciência.

- Só esse Biu pra ter moral com o Major. Vê se eu tenho, até pra dormir junto no quarto - eu, que sou cunhado, parente direto - não tenho essa boquinha. O filho da peste do Biu dorme toda viagem com o cabra. Até quando vai pro Recife consultar o tal do Dr. Gustavo Trindade, não deixa ninguém dormir mais ele. É por isso que minha irmã, a Maria Tereza, não gosta desse motorista, é muito grude com o macho dela.

- Olhe o respeito, Zé Costa, não lhe dou o direito de falar assim da sua irmã. E o que é que tá querendo dizer com isso? Tá me chamando de boiola, seu cabra?

- Ei, calma, vocês dois. Olhe, Major, o Zé Costa tem razão, você só vive encangado com o Biu. É verdade, você sabe, todo mundo sabe. Até vi a Dorinha reclamando quando veio com os meninos nas férias passadas. Mas essa história de boiolagem sua... ah, isso é demais pra agüentar. Tu, veado, Major Zé? Só tu mesmo.

- É, Coronel Coutinho, o Major de saia só não comeu as comadres e o vigário, mas o resto...

- E que história de comadre é essa, Antenor? Comadre minha, só do umbigo pra cima.

- Virgem Santa, então vou tratar de ter mais cuidado mais com a minha, botar um cinto de castidade.

- É bom mesmo, seu Antenor. Quando esse cabra quer uma, não sei, não. Parece até que é doce, as mulheres ficam tudo doidas por ele. E a tua que é baixinha, homem, tem é que cuidar mesmo...

- Ah é? Por que, Zé Costa?

- É que outro dia vi aquele amigo que não desgruda do Major, o Ernesto Melo, lá no hotel de Dona Mocinha perguntando por que é que ele anda em carro baixo. Aí ouvi o Major dizendo : “para beijar mulher pequena não tenho que me baixar?”

Caíram na risada, os quatro, Benedito fez de conta que não ouviu, sabia o lugar dele.

- Mas me diga, Major, qual é o segredo dessa potência toda? O senhor já não é mais nenhum menino.

- Não tem segredo nenhum não, Antenor. Eu me cuido, só isso. Não sou de farra, não bebo, pinga pelo menos não. Só lá meu San Raphael de vez em quando. Como umas jurubebas, ando com o bolso cheio delas. Sabe onde eu pego? Lá no Engenho São Domingos, do Manoel Sampaio. Páro o jipe e encho o bolso. Acho que o homem não sabe dessa história e nem quero que saiba, vai querer me cobrar.

- Bem lembrado, Major, cadê o Né e o Chico Sampaio? Eles iam sempre pra Cipó. Não vão esse ano?

- Parece que não, Gondim. Fui até lá domingo passado, a mulher dele fez uma buchada pra mim, pense numa coisa gostosa.

- O quê? A buchada ou a mulher do teu compadre? .

As risadas não paravam depois da pergunta de Antenor, uma atrás da outra.

- A buchada, né Antenor, mas é claro. O Manoel não está com essa bola toda não... esperem aí... tô falando de viajar, ele já passou da idade, esse povo tem uma mente poluída... O Né veio pra cima de mim com uma conversa de que não podia viajar esse ano por causa do trabalho, não pode deixar a São Domingos, estão fazendo umas reformas no cercado, coisa e tal. Parece até que não conheço aquele vagabundo, vivo dando conselho pro homem, nem me ouve.

- Ah, os conselhos acorados, não é? O coitado, Major. Chico, irmão dele, até que agüenta ficar duas horas acorado ouvindo esporro que o senhor gosta de dar no Manoel, mas esse não tem mais idade mesmo não.

- É, Antenor, a gente sabe dessa história toda. Mas o Major tá é enrolando, enchendo lingüiça com esse história toda do Né, do Chico, comer jurubeba. Mas a mim não enrola não. E não foi essa história que eu ouvi dizer por aí.

- E que história é essa que você soube a meu respeito, heim, Zé Costa?

- É que eu me encontrei com o Maurício, seu neto, na semana passada quando chegou de Maceió na usina com uns remédios pro senhor. Entregou pra Dona Rute, lá da enfermaria. Eu fiquei preocupado com o meu cunhadinho predileto e fui ver com a Rute que danado de remédio era esse.

- Mas você é muito enxerido, Zé Costa...

- Ah, Major, foi com boa vontade.... Vai, Zé Costa, conta que diacho de remédio era esse logo, homem.

- Você já ouviu falar de Carga Três, Antenor? Pois era esse mesmo, umas injeções, Dona Rute me contou que ele toma uma por mês. É por isso que tem essa fama de Don Juan, não podia dar em outra coisa, não é?

O Major não falou mais nada. Porém não deixou de dar um sorriso no canto da boca, acompanhando os amigos, gargalhadas soltas, a caminho de uma semana de descanso na famosa Pousada Caldas do Cipó, na Bahia.

José Laurindo selecionava as sementes de mamão que o Major trouxe de Cipó, as de mamão verde, as de vermelho. No outro ano trouxe sementes de melancia. O Major tinha dessas coisas, uns troços diferentes, novidades. Mal pôde conter o riso quando viu a chocadeira de querosene que o Major trouxe.

- Pra quê é que serve isso, Sr. Major?

- Ô, Laurindo, parece que você só entende de terra mesmo, planta, bicho. Isso é tecnologia, criatura, coisa de lá da cidade, uma maravilha. Tá vendo aqui? Bota a querosene pra queimar, fica sempre quente, mas não muito. Só o suficiente pra chocar os ovos. Vão nascer mais rápido esses sem-vergonha.

- Virgem Santa. Isso é coisa do capeta, mas como eu não pensei numa coisa dessa antes?

- Ah, meu filho, tem que ter estudo, muito trabalho. Não é moleza, não é assim de graça.

A chocadeira virou atração dos netos, sempre tinha um olhando quando o Major ou Zé Laurindo ia girar a engrenagem.

- Por que é que vira, vô?

- Givago, se não virar, gora, não choca. Mas tem que ter cuidado e não esquecer da hora. A natureza é mais certa, a galinha senta na hora que precisa, ajeita os ovos, só aquecem o necessário.

O Major ensinou para o neto como mexer. Sorriu, o menino levava jeito para essas coisas de bicho.

- Quer aprender a fazer gaiola?

- Quero, vô, quero, me mostra.

- Então venha comigo. Trouxe umas taliscas novas de Maceió, mas tem que ficar quieto, não mexe em nada que eu não mande.

- Tá, vô, não mexo não.

Na garagem, o Major tirou um pacote marrom da caminhonete. Givago viu onde o avô fazia as gaiolas, quarto pequeno mas que cabia uma mesa feita com tábua grande, dois cavaletes. Alicates, arames, taliscas, pedaços de madeira. Havia mais de vinte gaiolas, Givago abriu mais os olhos. Algumas terminadas, outras por fazer, faltando a parte de baixo, o suporte para pendurar no teto, a portinhola. Um pedaço de madeira para o passarinho ficar, cantando, dormir. Deve ser para ele esperar, o menino imaginava. O dia em que poderá voar no céu novamente. Livre.

Maria olhava José Laurindo plantando as sementes, fazendo mudas. Queria poder fazer o mesmo que fizera com as melancias, comeu quase todas. Mas lembrava do resultado.

- Maria, o Major quer falar com você lá no gabinete.

- Virgem Maria, Otília, o que foi que eu fiz dessa vez, mulher?

- E eu é que sei? Vai ver foi alguma trela que andou aprontando, enquanto que ele estava em Maceió, nesses dias. Dona Maria Tereza que mandou lhe chamar.

- Madrinha deve ter fuxicado pra ele, Otília, foi sim. Ai, minha Santa, que é que eu faço? Eu não vou lá, não, vai me encher de porrada...

- É melhor você ir, menina, e logo. Se demorar muito, é pior pra você.

Passou por Maria Tereza. Sérias. Segurou as pontas da saia do vestido, bateu na porta do gabinete.

- Pode entrar.

- Licença, Sr. Major. Mandou me chamar?

- Mandei sim, Maria. Entre aí, feche a porta.

Obedeceu, ele sentado na poltrona de espaldar alto. Viu a palmatória em cima da mesa.

- Sente aí, Maria.

Maria desabou na cadeira em frente à mesa, o lugar que o Major apontou. As mãos amassavam o vestido.

- Maria, você gosta de morar aqui?

Era a última pergunta que esperava.

- Claro que eu gosto, Sr. Major. Adoro morar aqui com o senhor, com madrinha.

- Gosta da Otília, do Zé Laurindo?

Maria choramingando.

- Gosto, Sr. Major, gosto.

- Não quer voltar pra sua casa, não?

Já soluçava, as lágrimas pulando, molhavam a gola do vestido.

- Quero não, seu Major, quero não. Não me faça voltar pra lá, Sr. Major, por favor, pai vai bater em mim, ele bate muito, dá chicotada. Não bata em mim, não, Sr. Major, eu prometo que não faço mais nada errado, o senhor nem vai saber que moro aqui, não dou nem um piu, o senhor vai ver, nem um piu...

- Eu não vou mandar você de volta, não, Maria. Mas quero que me responda uma coisa: você estava mexendo nas minhas plantações de melancia?

Não sabia se dizia que sim, se dizia que não. Baixou a cabeça, chorava baixo.

- Não precisa me dizer mais nada, Maria. Olhe, tome jura, menina, não posso estar lhe defendendo toda vez que me apronta uma. Já dei desculpa demais para Maria Tereza. Vê se endireita, menina.

- Pode deixar, Sr. Major, eu prometo, não vai acontecer mais nada, não vai, não.

O Major permaneceu sentado, mandou Maria sair, fechou a porta. Estava com treze anos, nem começou a vida, já visto tanta coisa.

Sr. Mantinha limpava a espingarda vinte e dois do Major. Estava escuro, somente a lua, Moacyr Carneiro amarrava as botas, endireitou chapéu, colocava outra espingarda nas costas, esperou por Antenor, o Major saíra do quarto, tomava uma xícara de café.

- Tá bom de sair logo pra o campo de aterrissagem do Sr. Bolão. Desse jeito não se pega nem pensamento, quanto mais perdiz.

- Já estou pronto, Major, falta só o Antenor.

- Por mim, não, Major. Vamos embora, tô doido pra ganhar a aposta de hoje.

- Que aposta, Antenor?

- Você não está sabendo, Moacyr? Ah, o Major apostou um maço de cigarro pra quem acertar as rolinhas na cabeça, sem estragar o resto.

- E quem disse que o Major e você são bons de mira assim?

- Mas é muito convencido, esse Moacyr. Deixa só ele ver quem é que sabe, que pode por aqui, quem manda ver.

Era a primeira vez que ia com o pai naquele lugar. Estava escuro, uma lâmpada vermelha mostrava a entrada, porta de madeira, verniz descascado. Três mesas redondas, cadeiras espalhadas, garrafas de pinga em cima do que parecia algum dia ter sido um bar.

Uma radiola de ficha, tocava um bolero. Duas mulheres sentadas em bancos no balcão alisavam o cabelo do tabelião, abriam as calças, mexiam no meio das pernas do velho. No canto da sala, outra, vestido de flores vermelhas, gorda, quarentona, cara de mais idade, colocava a língua na orelha do delegado, lambia, mordida o pescoço. O homem lhe apalpava a bunda, grande, apertava para junto do pênis, o menino notou, estava volumoso.

O pai mostrou uma mesa, três delas, disse para escolher. Uma estava com cheiro de pinga, uns trinta anos. A outra, batom vermelho borrado, andou beijando alguém, o menino fez uma careta. A terceira, não dava pra ver o rosto, abaixado, parecia chorar. Levantou o queixo da rapariga, não devia ter nem a sua idade. Traços suaves, na boca uma mancha roxa igual a que tinha acima do olho direito. Segurou-lhe as mãos.

- Como é seu nome?

Não respondeu, continuou calada. As duas mulheres começaram a se beijar na boca, sentiu vontade de vomitar. Pegou na mão da outra, levou até o pai.

- Quero esta aqui.

- Mas é muito nova, não vai saber lhe ensinar nada.

- Não sou, não. Tenho vinte e três anos.

- Que coisa, nem parece. Quanto é por esta daqui?

O homem limpava o balcão.

- Eu só cobro no final. Tem que ver qual o serviço que seu filho vai fazer e o estado que ela fica depois.

- É justo, muito justo. Então está bem. Mulher, mostre pra o menino onde é que fica o quarto.

O Major ficou na moita, Antenor a uns três metros atrás. Moacyr mirando com a espingarda, procurava a melhor posição para atirar. Aquela

perdiz, no papo, queria ver quem é que era o melhor. Ah, o Major vai se surpreender.

Subiram uma escada que rangia a cada degrau, abriu a porta do quarto do meio. Uma cama, meio arrumada, meio amassada. Ficou esperando ela falar de novo, dizer alguma coisa. Puxou-o pela mão, mãos geladas, fechou a porta. Começou a tirar a roupa, usava uma combinação vermelha, mesmo tom do vestido. O coração disparava, observava os movimentos da moça, ficou nua. Tinha uma pequena lista de pêlos entre as pernas, negros, escuros. Os mamilos vermelhos, pontiagudos. Sentiu o pênis enrijecer, ela percebeu também. Chegou perto, tinha um perfume doce, enjoativo. Abriu o cinto, botões, desceu-lhe as calças, cueca. Ajoelhou-se, começava a massagear com as mãos, depois passou a língua, devagar. Ele sentiu tontura, segurou-se na parede. Ela levou-o para cama, fez se sentar, acabou de retirar-lhe as calças, botas, meias. Começou a lamber, primeiro devagar, depois mordiscava, girava a língua na ponta. Ele sentiu que ia gozar.

- Pare, pare!

- Mas porque, senhorzinho? Não está gostando, não está bom?

- Está, mas é assim mesmo? Não tá faltando alguma coisa, não?

Olhou para o menino, maliciosa. Aproximou o corpo do rapazote.

- Depende do que o senhorzinho quiser fazer comigo.

- O que você sabe fazer melhor?

- Ah, senhorzinho...

- Diz mulher, diz logo, tô ficando doido.

- Pois então tá bom, o senhor que pediu... Eu gosto mesmo é de apanhar.

Arrastou-se alguns metros, aproximou a espingarda vinte e dois. No mesmo instante que Moacyr, puxou o gatilho. O som ecoou, parecia único. Se levantaram, os três, foram para junto das perdizes.

A rapariga estava de quatro, segurava-se na cabeceira da cama para não cair. Soltava gritos, cabelos presos por uma das mãos dele, na outra, cinturão, batia-lhe nas costas, listas vermelhas. Penetrava-lhe por trás, batendo, puxava os cabelos, as pernas tremiam, estava em pé. Subiu na cama, montou na rapariga, imaginou-se em cima do cavalo, preto, mordia-lhe o pescoço. Era o dono, mandava ali, não obedecia, ela fazendo tudo o eu que quiser. Sentia-se o rei, quase um deus.

O Major sorria, Moacyr balançava a cabeça, levantou-se do local onde as perdizes caíram.

- É, Major, tenho que aceitar a derrota. O senhor ainda é o melhor. Mas não se anime muito não, viu? Isso foi apenas um treino. A próxima é minha, tá no papo.

- A gente vê, a gente vê... Mantinha, venha cá, pegue essas perdizes, leve pra caminhonete. Tenho que voltar pra casa, quero ver a moenda funcionando, deu um trabalho danado pra consertar.

- Não sei como é que você agüenta, homem. Eu mesmo não dou conta de emendar a noite com o dia assim, não.

- Ah, Moacyr, é porque eu sei o sacrifício danado que foi construir a usina, chegar onde chegou. Você se lembra quando a gente foi a primeira vez ali, o estado que ela estava?

- Se me lembro? Aqui, eu, o Antenor, Mantinha, todo mundo se lembra daquele dia que avistou a Usina Triunfo pela primeira vez. Ainda se chamava Ilhota...

Usina Triunfo

Dezembro, 1957

Primeiro dia de trabalho. Benedito tamborilava os dedos na direção do carro. Volvo azul, diferente do carro da Usina Brasileiro. Ouviu um boato de que a usina estava para fechar, não andava bem das pernas. Chegou em casa, falou com a esposa.

- Antes que ela feche, vou tratar de me arrumar. Tenho filho pra criar, não posso dar boabeira, não.

Soube por um peão que um tal de Major José Tenório estava precisando de mais um motorista, estava para comprar uma usina.

- Vou então procurar o homem.

- Você tá doido, Biu? Dizem por aí que o bicho é brabo, não é de conversa.

- Deve ser história. Esses usineiros são todos iguais, um bando de bestas, nariz arrebitado, sei como lidar. Não foi de graça que trabalhei aqui vinte anos.

Chegou cedo na Fazenda Satubinha. Falou com um meninote que descia a ladeira.

- Onde é que eu posso falar com o Major José Tenório?

- Ele está no alambique, subindo a ladeira, dobra à direita.

Benedito entrou. Três homens ao redor de uma engrenagem. Um, alto, magro, cigarro aceso na boca, botas desamarradas, jaleco cáqui, mangas de camisa, sujo de graxa, acocorava, apertou o que pareciam ser parafusos, levantava para ver melhor. O outro, preto, gordo, passava um pano esfarrapado na testa para limpar o suor, respirava ofegante, menos sujo que o primeiro. Em pé, encostado em uma pilastra, estava um senhor baixo, chapéu, charuto na boca, lendo a planta da máquina.

- Essa peça encaixa aqui... não... não é aí... é desse lado.

Este é o Major. Benedito, endireitou a postura, aproximando-se devagar do homem de paletó bege.

- Com licença, desculpe interromper. O senhor deve ser o Major José Tenório, eu me chamo Benedito dos Santos, disseram na Usina Brasileiro que o senhor estava precisando de motorista, trouxe aqui uma carta de referência.

Os dois homens acorados olhavam para o candidato, começaram a rir, o que estava de pé acompanhou. Benedito olhou para os três, não entendia, o mais alto se levantando.

- É nisso que dá, Prachedes, fica aí todo cheio de banca, dando uma de doutor, engenheiro, tá vendo? O povo acaba acreditando que é usineiro...

Luiz Prachedes tentava conter o riso, o rapaz ficava cada vez mais vermelho.

- Como é seu nome mesmo, meu filho?

- É Benedito, Benedito dos Santos, seu Major, doutor, ah, eu não sei mais...

- Não se preocupe não, isso acontece muito por aqui. É que esse negócio de se empetecar muito não é comigo, não, viu? É coisa de boiola, veado, de quem tem frescura de botar a mão na massa.

Benedito olhava para o homem que não parava de fumar. Prachedes ergueu a mão.

- Êpa, alto lá, Major, o senhor me pediu pra ajudar lendo a planta da máquina que eu lhe vendi. Agora já está me ofendendo, e eu querendo ajudar, homem.

Benedito não sabia o que fazer, pra quem olhar, parecia ter umas duas mãos de cada lado, os três homens continuavam rindo.

- Não se preocupe não, filho. É o que você está vendo mesmo, com esses olhos que a terra há de comer, sou eu, o tal do Major José Tenório. Mas não se preocupe, não sou de morder. Pelo menos até hoje não morde ninguém...

Benedito, sentado na direção do carro, sorria lembrando o acontecido. Uma semana antes. Tinha um pressentimento de que ia gostar mais desse emprego do que do outro apesar de ganhar menos. Estavam em contenção de despesas, o Major avisou, talvez fechassem negócio com uma usina que iriam visitar naquele dia, o primeiro de Benedito no trabalho. Bem, é melhor um pássaro na mão que dois voando.

Iam em dois carros. No que Benedito dirigia, um senhor baixinho, bigode, chamavam de João Belo. Outro senhor, boa pinta, bigode, alto, paletó, chapéu, botas engraxadas, médico ou dentista - ouviu quando cumprimentou os demais - Dr. Moacyr Carneiro. No outro carro, o Major conversava com um senhor de bigode preto fino, óculos de armação preta, cabelo bem penteado para trás, Dr. Olival Tenório. Do lado do Major estava um rapaz alto, olhos verdes, Sr. Gilvan, soube pelo Mantinha, no café da manhã, que era sobrinho e quase genro do Major, noivo da filha caçula, Dona Venúzia. Estavam com o casamento marcado.

- Minha filha, você sabe a situação como está difícil, não é? Estou pra comprar a Triunfo que é do Cláudio Ramos, João Barros, Ismar de Góes Monteiro e Jastes Costa. Ofereceram por dezoito mil cruzeiros. O Olival está vendo essa parte financeira. Eu vou ficar com a produção mesmo, é o que gosto, sei fazer. Dizem que hoje produz uns seis mil e oitocentos sacos de açúcar, mas em um instante dobro a produção, escreva o que lhe digo. Se der tudo certo, a gente fecha negócio essa semana.

- Mas, meu pai, o casamento estava marcado há tanto tempo. Não tem um jeito, não? Eu queria tanto um casamento feito o senhor fez pra Dorinha, foi tão bonito...

- Filha, eu sinto muito, muito mesmo. Naquela época foi diferente, eram as vacas gordas. Olhe, esse negócio – o da Triunfo - vai ser nosso futuro, nosso maior patrimônio.

- Será, meu pai? O senhor sabia que o primo Nestor, ele e também os irmãos, estão caçoando de nós?

- Caçoando? Que é que eles falaram?

- Estão chamando a Usina Triunfo de Caquinho. Não entendi muito bem por quê.

Avistaram a usina. A estrutura era toda de madeira, escoras dentro, impressão que desmoronaria a qualquer instante. O Major lembrou da conversa com Venúzia. Moacyr agitava os braços.

- Mas o senhor está doido de comprar uma geringonça dessas, Major? Acho melhor fazer que nem Coronel Gondim falou, vocês deveriam mesmo é fazer uma oferta à Brasileiro.

- Maluco está você, Moacyr. Eles lá estão pedindo uma fortuna, querem tirar a mãe da zona rápido demais pro meu gosto. Não, prefiro ir devagar e sempre. Isso é o que a gente pode fazer agora, não é Olival? Não vou meter os pés pelas mãos.

- E como é que vocês vão fazer, homem? Vão comprar mais máquinas? É, porque essa daqui, não vai dar pra nada.

- Vamos trazer da Satubinha o maquinário que pudermos, Belo. E a cana também, dá para começar a moer com as que têm nas fazendas do Major.

- É, mas não é que nem o Olival disse, não. Só vai na Triunfo quem levar caminhão de cana de presente...

- Só se for do seu filho postiço, Major. O tal do Gilberto, filho do Zé Costa. Soube que vira e mexe dá um de presente pro senhor...

- Deixa de ciúme, Belo. Nem parece que é o queridinho do Major...

- Ta, Olival, tá bom... Mas e a Satubinha, vai fazer o que com ela, Major?
- Não dá pra eu fazer as duas coisas, Belo. Vou ter que fechar o alambique.
- Homem, vê o que está fazendo. Olhe, eu posso segurar as pontas de lá, pelo menos enquanto você se apruma nessa usina.
- O que é que você está querendo com isso, Belo? O que é que ganha?
- Não ganho nada não, seu Olival. Parece até que vou fazer alguma sacanagem com o Major, ele é feito um pai pra mim, tá ouvindo? Um pai.
- Ei, calma vocês dois. Todo mundo sabe disso, Belo. Ninguém tem a menor dúvida.
- Então diz pra esse cabra deixar de implicar comigo, Moacyr.

Moacyr balançou a cabeça, lançou um olhar deixo que eu resolvo para Olival.

- Não é nada disso, Belo, estamos todos muito ansiosos, é um negócio arriscado demais para o Major. Vamos todos ter calma, paciência... Major, o senhor me pediu uma opinião quando me convidou para conhecer a Triunfo, não foi mesmo?
- É isso mesmo, Moacyr. Queria saber o que vocês achavam.
- Mas a gente já está careca de saber que o senhor já decidiu, não é mesmo?
- É verdade, Moacyr. O Major trouxe a gente só pra mostrar, melhor, se mostrar.
- Mas vocês são tudo umas cobras criadas, seus filhos da mãe.
- E não haveria de ser, a gente aprendeu com um mestre...

Todos gargalharam com Belo, Olival juntou-se, desculpas no ar.

Chuva de janeiro castigando a plantação. Fazia tempo que não chovia tanto, duas semanas e duzentos milímetros. Tá bom que eu pedi chuva, São Pedro, mas assim já está demais.

Zé da Liu ajudava o Major a amarrar um tacho de mel na parte traseira do trator, trouxe da Satubinha. Abriam estrada, o aguaceiro não ajudava – motivo de estarem ali. Impossível passar por aquelas estradas cheias de lama, o trator atolou mais uma vez. Uma voz no meio do nada.

- Major, não tem enxada não?

Levantando a cabeça, a chuva caía grossa, feito canivete, o Major tentando reconhecer o rosto do peão, magro, baixo, chapéu ensopado, enxada amarrada nas costas. Zé dos Santos, o Major apertava os olhos, Zé dos Santos. Lembrou da época que comprou a Triunfo, o peão trabalhava na Satubinha, chamou para conversar.

- Ô, Zé dos Santos, você quer ficar aqui ou na Triunfo?

- Mas que pergunta, seu Major. Eu quero é ir pra usina nova, a tal da Triunfo.

Ficou observando o peão, enxada a cavar a frente dos pneus do trator. Olhou para Zé da Liu.

- José, está vendo como o moço sabe trabalhar? Agora, você não sabe fazer nada, rapaz...

Nilsson descia a ladeira. Rápido demais pro meu gosto, o Major parando de olhar a construção da cerâmica. Queria que ficasse pronta antes da páscoa, também para isso serviria: dar casas aos funcionários mais antigos, de confiança e moradores de Boca da Mata. As casas eram de taipa antes de chegar na Triunfo. No sábado de aleluia, prometeu. Não sou de voltar atrás, falou está falado. Mas onde é que o Nilsson estava com a cabeça, descendo

desembestado a ladeira com o F sem freio? O motorista parou o caminhão levantando poeira, saltava da boléia.

- Esse Ford cinquenta e quatro não é de confiança, não.

- Ô, seu Major, não carece de preocupação. O senhor não sabe que eu guio esse troço até de olho fechado?

- É, mas não precisa dar mais trabalho do que deve pro seu anjo da guarda, não, homem. Vai que ele não dá conta?

- É, acho que tenho que pedir mais proteção pra ele, não é, Major? Andei sabendo até que o senhor proibiu que eu abrisse o armazém pros funcionários aqui na usina. Eu pensei que pudesse fazer o mesmo que lá na Satubinha, antes o senhor não achava ruim, não.

- Você falou bem, não achava ruim antes. Agora acho. Pronto. Tem que ter armazém é na Boca da Mata, senão o povo não cresce, não se desenvolve.

- O senhor só está dizendo isso para não prejudicar seu primo, não é, Major? O Jalves Tenório irmão do Dr. Olival. Ele que está se candidatando a prefeito de Boca da Mata, tá de coruminho com o baba ovo do Antônio Coimbra.

- Épa, vê como fala do Coimbra. Ele é cabra direito, bom caráter. Até passou por um aperto medonho, o coitado. Semana passada acordei com um telefonema dele, era umas três da manhã. Foi ameaça de morte, Nilsson, ameaça de morte. Eu disse que ele podia contar comigo, o que é que podia mais dizer? É um bando de ingrato nesse meio. Olhe, se não fosse por ele essa cidade nem existia, ia ser só uma ruela de São Miguel dos Campos. Ele que foi lá, na câmara de vereadores, fez por onde emancipar esta cidade. O povo deve muito a ele.

- O povo deve é ao senhor, Major. Eu acho até que o senhor é que devia estar no lugar do Jalves, o senhor é que devia se candidatar a prefeito dessa cidade.

- Deus me livre, eu mesmo não. Já cansei dessa história de política, homem. Dei tudo que tinha que dar. Agora eu só quero mesmo é cuidar do que é meu.

Acordou, olhando o relógio da cabeceira da cama, viu que eram duas da manhã. Maria Tereza dormia sono solto. Levantou-se, óculos no rosto, calçou a bota. Apanhando o chapéu na sala, fechou a porta devagar. Ligou o caminhão sem roncar o motor. Parou na frente da casa do vaqueiro, Benedito. Batendo na porta, mandou acordar.

- Ô, Biu, quero que venha comigo lá na usina. Deve de ter acontecido alguma coisa, faz tempo que não passa um caminhão que seja por aqui na frente de casa. Leve a espingarda, pode ser que precise.

- Pois não, seu Major.

Os peões ao redor de Mestre Lu. Já era a terceira vez que a moenda quebrava naquela noite. Zé Gato reclamava.

- Desse jeito o Major vai comer o fígado da gente amanhã cedo quando chegar.

- Cruz credo, homem. Vocês nem sabem de uma coisa que eu descobri do Major, falou enquanto levantava, ia para o lado de Mestre Lu e de Zé Mecânico.

Ernesto era o encarregado da moenda da usina. Se levantou, foi para o lado de Mestre Lu e de Zé Mecânico. Zé Gato, um faz tudo, ajudava Manoel Pindorama, encarregado de solda.

- O quê, Ernesto?

- O negócio dos palitos na boca do Major, Pindorama.

- Ah, e tu não sabe ainda, homem? Onde é que tá andando, no céu, é? Todo mundo aqui sabe da história do palito.

- Lu, deixa o cabra falar. Conta que eu depois tenho um caso do Major pra contar.

- Só porque é os quindins do Major, esse Lu vem querer mixar minha história. E não é nem dos palitos só que eu vou contar.

- E tu, Ernesto, não é dos quindins também?

- Eu mesmo não. Lembra do dia que sem querer martelei a mão do Major consertando a moenda? Ele descontou...

- Homem, homem, olhem o serviço. Daqui a pouco amanhece, vocês sabiam?

- Tá cedo ainda, Gato, olha o céu , tá todo estrelado..

Lua nova, o candeeiro iluminava o trabalho dos peões.

- Então tá certo, vou contar. Eu cheguei um dia desses que o Major desceu fumaçando lá do hotel de Dona Mocinha por que a moenda havia quebrado, fui pedir dinheiro pra ele. O Major virou o rosto e deu, disse pra eu ir lá no escritório, desse o nome pro chefe Enoque, depois descontava no salário.

- Tu é doido, homem? Não tem amor à vida não, é?

- É, Lu, foi até maluquice minha, mesmo. Ele tava com três palitos na boca.

- Então ele devia é de tá brabo mesmo, Ernesto. Eu só tinha visto ele com dois palitos até agora. Você sabe que ele usa os palitos pra segurar a dentadura, não sabe?

- Isso eu sei, não é, Lu? Não sou assim tão abestalhado não.

- Ah, bom, tava pensando que além de doido, tu era burro.

Ernesto foi para cima de Mestre Lu. Zé Gato se levantando de junto de Pindorama para apartar, parou no caminho, o rosto ficou branco.

- Que foi, Zé Gato? Parece até que viu alma.

Mestre Lu, os outros, viraram-se para o lado que Zé Gato apontava, acharam que era um fantasma mesmo: encostado na pilastra estava o Major,

de pijama, botas, cadaço desamarrado, cheia de jornais para aquecer, chapéu. E os palitos. Os três palitos.

Dona Mocinha colocou um pote de bolachas Maria em cima da mesa. Foi moer o café com açúcar, do jeito que ele gosta. Vou assar uns pedaços de pão francês pra ele comer com manteiga, gosta também, o Major. Olhou as horas na parede, quase nove da manhã, daqui a pouco ele aponta aqui, o homem é feito relógio.

Nem bem colocou a mesa, avistou o marido, Aprígio, junto com os peões do Major, Ernesto, Mestre Lu, Zé Gato, Zé Mecânico, Zé de Preta, Zé dos Santos, Orlando, Adelmo. O Major vinha acompanhado do Sr. Manoel Sampaio e de um rapaz, magro, nem alto nem baixo, cabelo comprido, olhos verdes. Lembrava alguém, Mocinha observando.

- Vamos sentar minha gente, se chegue, Everaldo, sente aqui do meu lado. Dona Mocinha, traga um café dos bons aqui pro engenheiro. Né Sampaio, esse menino veio de Maceió, sob o mando do Marben Loureiro, lá da Associação dos Produtores de Açúcar de Alagoas, estão fazendo um levantamento de aumento de produção das usinas. O velho Marben convidou o Everaldo para acompanhar um engenheiro francês que é o responsável por esse negócio todo. O cabra é bom, Manoel, o que mata é esse cabelo grande, parece veado...

O Major passou a mão na cabeça do rapaz, Everaldo alisando para trás..

- Que é isso, seu Major?

- É isso mesmo, um dia desses, passo o facão nesse cabelo, viu, menino?

Todos riram, Everaldo enrubeceu.

- Ô, Major, esse menino se parece muito com alguém que eu conheço...

- É mesmo, seu Manoel. Esse menino parece com alguém aqui da gente.

- Já sei, Dona Mocinha, é porque ele se parece com o Dr. Mercinho.

- O Emerson, Mestre Lu? Mas o Mercinho era meu colega do Diocesano, o senhor sabia, Major? Vai ver é por isso que a gente se parece, vivia encangado um no outro, fazia as trelas todas que tinha direito.

- Não, Major, conte essa história direito. Eu tô achando que o senhor andou aprontando por aí... Passa a bolacha e pão quente, Zé Gato. De onde você é, rapaz?

- Eu sou de Major Isidoro, seu Manoel. Minha avó nasceu em Atalaia, Elvira Albuquerque, foi roubada pelo meu avô, viúvo da cidade de Major Isidoro, vinha buscar aguardente no lombo de burro em Atalaia. O senhor vendia aguardente no Estrela, não é verdade, Major? Acho que foi o João que me disse. Capaz de conhecer meu avô, ter sido um vendedor do Estrela.

- É possível, mas eu tenho uma memória péssima para gravar rosto de gente, ligar nome à pessoa.

- Então deve de ser isso... Mas não foi sua avó, não, Everaldo, ele gosta de carne nova, fresca...

- Olhe o respeito, seu Manoel, daqui a pouco vou ali fora acocorar com você e puxar suas orelhas, se prepare, ouviu?

- Major, a mim você não engana. Pode enganar aos seus peões e a esse menino que mal tirou o cheiro de mijo das calças, mas a mim, não. Ei, isso está me lembrando aquela viagem que o senhor fez a Major Isidoro com o Antenor na garupa na sua velha moto, o coitado do Antenor levou cada queda... Aí, dá certo, porque foi mais ou menos na mesma época que Maria Tereza teve o Mercinho. O Major diz que só foi até Major Isidoro com o Antenor porque acabou o dinheiro. Eu acho que ele deve é de ter emprenhado a tua mãe, menino, parou por lá pra te fazer.

Everaldo ficava cada vez mais vermelho. O Major se levantou foi até a cadeira de balanço na varanda. Tirou um cigarro do maço do bolso de camisa, acendendo, balançava a cadeira. Dava para ver toda a usina dali, o movimento dos caminhões descarregando, Edson Brás - balanceiro, apontava as cargas - a moenda recebendo a cana, o caldo escuro sendo levado na esteira para limpar, nas caldeiras cozinhava, se transformando em mel grosso, então secagem, o

açúcar demerara nascia. Era uma alegria para os netos quando deixava entrar na usina, caneco na mão, colher na outra, comer o açúcar ainda quente, gosto de um doce mais doce que existe, dizia Carlos Jorge, junto com Tereza, Izabel e Marcelo de Edna quando ainda eram pequenos.

- Seu Major, e como é essa história mesmo, desse menino?

- Vocês estão dizendo, Ernesto

Ascendeu outro cigarro. Os peões se levantavam entre risadas. Foi um café divertido aquele, Zé Gato se despedia. Dona Mocinha veio apressada chamar o Major.

- Major, seu Major, telefone pro senhor. É lá do Recife, notícia do Dr. João e da Dona Rosilda.

Dulce Cardoso entrou na Maternidade Oscar Coutinho. Atrasada, o marido José Cardoso avisou que Rosilda entrara em trabalho de parto, pouco tempo para arrumar as coisas em casa, pedir à empregada antiga Joana que levasse os filhos, Alexandre e Silvana, ao colégio depois do almoço sem costumeira supervisão da mãe. João, de um lado ao outro do corredor, em frente à sala de espera, onde estavam os pais de Rosilda.

Jáson, homem grande, corpulento, óculos pretos de grau, camisa branca de linho, combinava com calça. Numa poltrona preta de couro, Nancy mãe; Nancy filha na sala de cirurgia acompanhando o parto - estudante de medicina. A mulher de Jáson era baixa, medidas delicadas, mais para o estilo mãe de família do que para mulher fatal. Dulce sabia que Jáson era um homem apaixonado pela esposa. Procurava em Nancy expressão do mesmo sentimento. Um carinho, com certeza, gratidão. Não o mesmo amor que sentia pelo seu Zé Cardoso.

Dulce casara tarde, trinta anos quando conheceu José Cardoso, muito charmoso, quarentão. Sabia da fama dele, namorado, nunca se arrumou com ninguém, achavam que ia ficar solteiro. Seria diferente para uma Batista da Silva, família quatrocentona do Recife - um atestado de incompetência. Não

era rica, mas o nome lhe empregava distinção em uma cidade que possuía isso como primordial.

Zé Cardoso beijou a mulher na testa antes que entrasse na sala de espera. Disse ao ouvido que precisava ficar com João, estava muito nervoso, o primeiro filho. Permaneceu parado observando o vai e vem do amigo, mãos para trás, mesmos óculos de armação escura do sogro, Jáson. Magro, alto, branco. Mais branco que nunca.

Conheceu João quando, a convite de Olival - já trabalhava desde a época da Usina Uruba - passaria a representar em Recife o açúcar que produziam na Triunfo. Além da representação, também providenciava pequenas, grandes compras de maquinário, adubos, toda uma sorte de artigos que na Maceió de mil novecentos e sessenta e nove ainda não existia. Gostava de João, era dos filhos do Major o que tinha mais afinidade, o mais próximo. Mas também recebia do patrono da família a mesma atenção, amizade. Quando João e Emerson foram para Recife fazer curso superior, cuidou dos meninos - não se desacostumava de chamar assim - feito um pai. A confiança do Major em entregá-los para serem educados a um parceiro, nada mais que um parceiro. E isso, Zé Cardoso jamais esqueceria. Seria-lhe eternamente grato.

João roia as unhas, andava incontinenti, de um lado ao outro. Já conhecia cada centímetro, canto daquele corredor, espera que não acabava mais. Nancy, a cunhada mais nova, dissera que avisaria quando a criança nascesse. Mas e nada, e nada, que demora é essa? Zé Cardoso batia-lhe de leve no ombro.

- Fique calmo João, essas coisas demoram mesmo, homem. Vai ver é dos grandes, esse cabra.

- É, ou então vai ver aconteceu alguma coisa com a Rosa...

- Homem, deixa disso, vai morrer de véspera que nem peru? Espere, daqui a pouco chega notícia deles.

João agradeceu o apoio do compadre. Convidou para ser padrinho um mês antes, ele, Rosilda, Dulce e Cardoso, almoçavam no Galo Dourado,

centro do Recife, um restaurante muito requintado freqüentado pelos coronéis do açúcar pernambucanos.

Nancy filha, touca no cabelo, bata branca, colocou a cabeça do lado de fora, porta de entrada do centro cirúrgico. Sempre brincalhona, falou em alto e bom som.

- Nasceu, minha gente, é uma menina, e das grandes. Venha ver João Macacheira, venha ver sua filhota.

João acompanhou Nancy até o berçário que ficava ao lado. Viu quando a enfermeira trouxe, ainda enrolada em lençol branco, uma menina cabeluda, parecia ser morena, chorando muito. O novo pai começou a tossir, não parava. Cardoso tentava a todo custo, batendo a princípio leve nas costas, depois aumentou a força, como se pudesse fazer desaparecer ou mesmo melhorar o acesso, sabia ser de nervoso.

- É a cara da mãe, a cor, os olhos grandes, o cabelo preto, tudo.

- Não é não, homem. É porque você não viu quando nasceu, é branquela que nem tu, que nem eu. Quase que morre, a menina, Rosilda teve um princípio de choque anafilático, quase se foi também. Mas as duas são umas danadas, viu? Essa então parece que vai dar muito trabalho para você.

João olhava embevecido a filha através do vidro do berçário. Era a criatura mais linda que já vira, mais até do que a mãe. E achava que não existiria nesse mundo alguém mais bonito que a esposa. Mas estava certo, pensou ao pegar a pequena no braço, meio sem jeito, insistência da cunhada, poder observá-la melhor. Mãozinhas pequenas, testa enrugada, séria, como se estivesse tentando resolver todos os problemas do mundo.

Antes de Patrícia, não existia mulher mais bonita que Rosilda. Não sabia se o que estava sentindo era coisa de pai abestalhado quando vê que se tornou eterno, vai continuar na terra mesmo depois da morte. Mas o fato era que tinha certeza, toda a certeza de uma vida: a filha era, naquele exato momento, a criatura mais bonita da face da terra.

Paulo chegou, dia amanhecendo. Dorinha sentada na poltrona da sala, o livro aberto no colo, óculos de leitura no rosto, fora do lugar, cabeça pendurada para o lado. Barulho do vaso de porcelana na entrada do apartamento três quartos, acordou assustada. Paulinho e Ivon ainda dormiam. Ana Paula estava no quarto do casal, teve pesadelos, sonhou com o pai.

Não era a primeira vez que o marido chegava tarde, quando chegava. Mas um sentimento estranho invadia-lhe o peito. Alívio, será que estava sendo masoquista? Gostava de sofrer? Ou Deus havia atendido aos pedidos fervorosos. Finalmente. Será? Não teria coragem de deixá-lo, por querer ser a vítima, será? Sim, acho que era para ser a vítima dos dois. Fora sempre assim na família, mãe, tias, avós. Sempre eram as vítimas, os homens é que viviam aprontando por aí. E pedira, estaria livre, não o amava mais. Quem sabe nunca o amou, apenas querer bem, gratidão.

Major e João Belo enfrentavam a chuva, temporal. Brasília amarela deslizando na estrada, os faróis não alcançavam mais que um metro à frente. Seguiam às cegas, o Major pensando, pensava, falou.

- Belo, se arrependimento matasse eu estaria morto, homem, mortinho, você sabe? Viu o que eu fiz? E agora minha filha está aí, tendo que agüentar essa situação.

- Major, o senhor fez o que achava certo, homem. Não se culpe, às vezes dá certo, às vezes não dá. Paciência, é assim mesmo, é a vida, fazer o quê?

- Mas não vai ficar assim, não, Belo, ah, não vai, não. Vou encher de cambada de pau aquele cabra safado.

O carro deslizou, puxava para a esquerda, rodaram duas vezes, parou na contramão.

- Major, pelo amor de Jesus Crucificado, tá vendo no que dá essa raiva toda, homem? Isso é um sinal, é Deus dizendo pra você parar com essa história de querer encher de paulada o pai dos seus netos. Pense nos meninos, homem, pense nos meninos. Eles não pediram pra vir ao mundo, pense neles, homem, pense neles...

O Major, mãos na direção, cabeça baixa. João Belo estava correto, precisava pensar nos netos, ajudando a organizar a vida da filha. Ligou o carro, continuou a viagem para Maceió.

- Vou mandar Dorinha pra casa de Lili em São Paulo. Cada um dos meninos vai ficar com um dos meus filhos. Aninha, melhor ficar com Edna em Maceió pra estudar. Paulinho, fica comigo, quero que aprenda o ofício, lidar com a terra, é pequeno, ainda não precisa tanto de escola. Já o Ivon, mando pra Recife ficar com o Mercinho e o João. Deve ir pra cidade grande, se formar homem. E vou falar com o Muniz Falcão, é melhor tirar o Paulo daqui, não quero que ele faça besteira.

Seis e meia da manhã. Domingo. O fusca azul claro do Major teimava em subir a ladeira da casa do filho caçula. Chovera na véspera, motor roncava, apitava a buzina, apitava e apitava.

Emerson acordou assustado, toda vez acordava assustado, todo domingo, todo domingo. Levantando, tateava as paredes, pegou o maço de Cigarro Minister tirando duas carteiras, colocou na mesa onde, na volta do Major, estariam tomando café juntos. Voltou para o quarto, ouviu os gritos do pai da janela.

- Acorda, vagabundo!

O Major continuou caminho, passar na casa de Venúzia, apanhar Gilvana, levar para a feira, comprar panela de barro, daria o saco de moedas, sempre levava, para que comprasse sozinha, se achar gente grande. Sorriu quando viu a neta descendo os degraus da casa, devagar. Já estava pronta, bem penteada, ainda dava pra ver o curativo na perna, magra, mas bem torneada da neta. Também, quem manda cutucar Brasa?

Cadela de caça, perdigueiro, marrom, vermelha, Brasa não deixava ninguém entrar no quarto do Major. Gilvana sabia da mania, disse para o irmão o que estava planejando, o avô trocava de camisa, quase na hora do almoço de domingo.

- Vago, vou fazer a Brasa sair de lá da frente do quarto do vovô. Espere pra ver, tá certo?

- Vana, tem cuidado, se vô descobre vai fazer que nem fez comigo. Só porque eu tava matando uns pombos dele com estilingue, lá na cerâmica. Ficou danado da vida comigo, se eu não tivesse corrido tinha levado mais umas cinturadas dele do que levei.

- Mas também, não é, Vago? Vai dizer que tá caçando perdiz ao invés dos pombos que ele cria com o maior chamego...

O avô sempre recebia os amigos para almoçar, gostava. Otília caprichava no leitão assado, ajeitando na travessa grande de porcelana que Dona Maria Tereza recebeu de presente de casamento. A mesa já não cabia tantas iguarias: farofa de cebola, arroz temperado, o feijão com charque, orelha, rabo, pé, costela de porco, a macarronada. Estavam no terraço Lucila, o cunhado Arnóbio, Né Sampaio, Antônio Coimbra, as esposas. Um pouco depois, Zequinha Brandão, amigo de infância do Major.

Morava na casa ao lado de Venúzia em Maceió. Uma sexta-feira, o Major chegou sem avisar à filha. Parada obrigatória - tomar um café antes da volta para Boca da Mata. Viu Givago na frente de casa, conversas com o amigo Zequinha Brandão, consertando a pipa do neto. Muito entretidos, não viram quando o Major chegou.

- Boa tarde, Sr. Zeca Brandão. Boa tarde, Sr. Givago. Não vem dar um abraço no avô, não, é?

Givago largou a pipa quando ouviu a voz do Major. Ficou sem saber o que falar. Zequinha deu uma pequena risada.

- Boa tarde, Zé. Você por aqui, homem? Sente aqui nessa cadeira do meu lado.
- Pois é, Dr. Zeca, quem é vivo aparece, não é verdade?
- Sr. Zeca, Dr. Zeca, que cerimônia toda é essa comigo, homem? Ah...estou entendendo, mas não acredito nesses olhos que a terra há de comer... Major José Tenório com ciúmes do neto... que coisa feia... comigo, teu amigo...
- Que ciúme, que nada, e eu tenho lá ciúme de macho?
- Se preocupe, não, homem. Bem que eu queria que fosse meu neto, é muito bom caráter, mas com esse aí... Não tenho nem chance, é seu. Só precisa falar o nome do avô que ele se derrete todo.

Gilvana se ajoelhou, andava de quatro, palitos de fósforo no bolso, macacão jeans. Brasa dormia, Givago observava, acorçado, esquina do corredor que dava para o quarto do Major. A menina começou a cutucar o rabo da cadela, Givago não conseguia parar de rir, Brasa rosnou, virou-se para Gilvana, mordeu-lhe a perna, gritos, Major saindo do quarto, ainda de camisa branca de malha, o jaleco bege desabotoado por cima, pegou a neta nos braços, foi na cozinha, tirando panelas que não haviam sido lavadas de cima da mesa, pegou maleta de remédios no armário, mercúrio, lavando a perna machucada com sabão pedra, Gilvana não parava de chorar, Givago pensou que não devia ter deixado a irmã fazer a trela, viu a injeção, enorme, enorme, o avô se aproximando da neta, acalmava alisando o cabelo da neta.

- Não vai doer muito não, Vana. Depois, tem que tomar mais trinta e quatro, vá logo se acostumando... Ô, Vana, você não tem jeito não. Pra que foi mexer no rabo da Brasa?
- É porque ela não sai da frente do seu quarto, vô, não deixa ninguém entrar. É uma chata, odeio essa cachorra, odeio.
- Mas Vana, não tem que mexer com ela. Não sabe que você e a Brasa são os animaizinhos que eu mais amo?

Givago, Gilvana, Venúzia, Gilvan, os amigos do Major, Otília, enxugando as lágrimas, Maria Tereza observava na entrada da cozinha, todos aliviados. O Major terminou o curativo.

- Minha gente, vamos embora almoçar senão fica frio. E comida fria não presta, tem que estar pelando a língua...

- Não sem antes fazer um brinde com o San Raphael que a gente estava tomando antes do senhor ir trocar a camisa, do acidente com a cachorra e tudo mais.

- Brinde de quê, Sr. Né Sampaio?

- Você não sabe, Givago? Papai vai receber um título. O prefeito Antônio Coimbra veio hoje aqui só para convidá-lo a receber o título... eh... como é mesmo o nome Sr. Coimbra?

- Grão Duque de Massapé, Dona Venúzia...

- Que chique... Mas o que é mesmo esse negócio de Grão Duque do Massagüê?

- Grão Duque do Massapé, Vana. Invenção do Coimbra, esse troço de Título de Cidadão de Boca da Mata, o Né Sampaio que batizou com esse nome. Invenção, invenção, não tem pra quê tá inventando essas coisas.

- Mas como não tem precisão, Major? Mas é claro que tem precisão, Major. Se não fosse pelo senhor essa cidade não estaria do jeito que está, maior, mais desenvolvida. Além de tudo, o senhor é feito um protetor dos nossos direitos, valores de família.

Antônio Coimbra virando, abaixou perto de Givago continuava a explicação. Todos já sentados servindo-se na mesa.

- Teve um caso muito interessante, filho, que prova tudo isso que eu estou falando para você.

Givago se sentia à vontade, sentou ao lado do avô. Venúzia achava engraçado, criança antigamente não ficava perto dos adultos ouvindo as conversas, pelo menos na infância que vivera. Os tempos eram outros, outros costumes, o Major estava diferente. Antônio Coimbra contava a história.

- Acho que era o ano de mil novecentos e sessenta e dois, sessenta e três. Você ainda nem era nascido, o país vivia a época de ouro do comunismo...

Campo da fazenda Quebra-Carro. Cana meio flexada, meio em ponto de corte. Se não colhesse, resultado certo: fogo. Juntar-se à queimada que levantava no céu sem nuvens fumaça negra. Espessa.

Caminhão reunindo mais trabalhadores. Seguiam a voz daquele homem, nasalada, palavras quase incompreensíveis. O pernambucano, a resposta que o vaqueiro Biu recebia enquanto acompanhava o rastro. Arraes.

- Exatamente, Sr. Major. É Miguel Arraes, o nome do homem. Está reunindo tudo o que é gente, o povo todinho da Quebra-Carro, Usina Sinimbu, passou pela Brasileiro, já vão em trezentos o número de gente que acompanha o tal. Êta bando de besta, emprenham pelos ouvidos!

- E o que é que o cabra fala, Biu?

- Ele tá marcando um comício lá em Maceió na Praça Sinimbu. Chamou o pessoal pra ir, se juntar aos... como é que ele chamou?... Ah, companheiros! Disse que eram uns explorados, deviam lutar pela reforma... reforma...

- Reforma Agrária?

- É isso mesmo, Coronel Gondim! Reforma Agrária, tirar dos ricos pra dar aos pobres.

- Sei... E quando vai ser isso, Biu? Esse tal de comício?

- É agora, final de abril, Major Zeca. O Arraia, como o povo apelidou, vai discursar lá na Faculdade Federal em Maceió pra uns estudantes. Depois segue pra Praça Sinimbu e aí... Bem, aí seja o que Deus quiser...

Antônio Coimbra permanecia calado. Olhava para o Major José Tenório imaginando a resposta que a testa franzida elaborava.

- Deus há de querer, Biu. Preste bem atenção, quero que você faça exatamente o que eu mandar...

Praça Sinimbu. A tarde rósea, figueiras com as folhas quietas. Os caminhões estacionavam, trabalhadores descendo, camisas compridas. Seguiam, subindo ladeira, saíram do bar, se serviam de pinga, sem precisar pagar, seria pendurada na conta, saideira, só mais uma Seu Severino...

Palanque. Bandeiras, a estrela vermelha balançava. A estrela e o machado. Lentos. O comício estava marcado para as cinco horas, Major Zeca olhou para o relógio.

- Cadê os cabras, Zé Tenório? Já deviam estar aqui...

O Major pensava na visita de Abraão Fidelis. Hora do almoço, Rua Belo Horizonte, Maceió.

- O que é que o traz aqui, Seu Abraão? Coisa boa não pode ser...

- Mas, Major, que imagem o senhor tem de mim, nem parece que fomos do mesmo partido...

- Falou a palavra certa, Seu Abraão, fomos do mesmo partido, bem lembrado, fomos, o senhor que inventou de virar a casaca.

- Major, o senhor não se esquece mesmo! Será que não vai me perdoar nunca? E eu querendo lhe ajudar...

- Ajudar? Como é que você pode me ajudar, Fidelis?

- Estou sabendo de uma história que o senhor reuniu fazendeiros, donos de usina e de engenho armados até os dentes pra esperar pelo Miguel Arraes hoje à tarde...

- Como é que o senhor sabe disso?

- Então é verdade, Major?

- Não é da sua conta.
- Como não é da minha conta? Mas é claro que é, somos compadres, homem! Se lembre, compadres.
- Eu tento me esquecer disso todo dia...
- Deixa de ser teimoso, José Tenório! Não vê que essa história de comício vai acabar em tragédia?
- Não vou deixar que esse comunista fique botando minhoca na cabeça do meu povo, não, Abraão. Ah, isso eu não vou deixar mesmo!
- Pode deixar, Major. O Arraes não vai colocar minhoca nenhuma na cabeça do seu pessoal, fique tranqüilo...

Major Zeca prestava atenção. Passavam das cinco e meia da tarde.

- Então, Zé Tenório, foi isso! O Abraão avisou o homem, só pode ser. Não tinha como se adivinhar que a gente estava aqui esperando por ele.
- Pois é, o tal do pernambucano é um cagado! Mais um pouco e ia ver com quantos paus se fazem uma jangada...

O ônibus vindo do Recife subia a ladeira a caminho da Fazenda Satubinha. Trinta e sete estudantes olhavam das janelas o verde da cana, a terra massapé. O que antes era algazarra, burburinho próprio da idade, aventura de futuros Químicos transformou-se em silêncio, apenas a respiração, uma tosse aqui, acolá. Impressionados, em um mesmo dia conheceram dois homens tão grandiosos, ao mesmo tempo tão diferentes.

Jovens quase calouros de Engenharia Química, Universidade Federal de Pernambuco, quarto período do vestibular de mil novecentos e sessenta e três. Rosilda sentava-se na segunda fila ao lado de João.

Começaram a namorar ainda no primeiro ano da faculdade. A musa da turma, coroada Miss Calouros. Indiscutível, João achava a mais bela das belas, sorriso de um branco realçado pelo âmbar da pele, cabelos negros, lisos, escorriam até a cintura. Que cintura. Não imaginava encontrar criatura tão bela em um curso de Engenharia Química, deveriam ser apenas rapazes, rostos ainda cheios de espinhas, estudiosos ao extremo. Mas que grande surpresa, o arrebatou no primeiro momento, tinha a certeza, eterno, sim, eterno. Era ela, seria sua mulher, mãe de seus filhos.

Rosilda o achava engraçado, magro, muito magro, rosto tão encravado de espinhas quanto os outros, bem verdade. Mas existia um charme, um quê naquele menino mal vestido, óculos de grau, armação preta, tirado um pedaço do lado esquerdo. Deveria vir de uma família muito pobre, talvez classe média igual à dela. Admirava-se quando o professor de Física o repreendia, parecia não estar ali, viajava, diziam os colegas. Então o mestre o chamava ao quadro, aplicava uma questão daquelas, levaria o resto da aula para desenvolver. João colocava apenas a resposta na lousa. O professor o olhava intrigado.

- Mas como? Andou fazendo exercício adiantado? Com quem você conseguiu essa questão? Algum veterano?

João sorria, adorava deixar aquele chato de galocha com a cara no chão. Bicho ridículo, pensava, só porque era da família de um tal, um que tinha nome de bolo, Souza alguma coisa. Esses pernambucanos são tudo uns metidos a besta mesmo.

Prestou vestibular para Engenharia Química meio que no vamos ver no que vai dar. Nem sabia se era isso mesmo que queria para futuro. Aliás, tinha certeza que não era aquilo que queria para futuro. Devorava os livros de Física Quântica, todas as biografias de Einstein, seu grande ídolo, incondicional. Que homem. Como pensara naquilo tudo? A Teoria da Relatividade, da Energia. Será que um dia conseguiria chegar naquilo, aquele nível, QI? Sempre fora muito estudioso, os primos, irmãos apelidavam de cdf, já não ligava mais. Tinha seus sonhos, sabia, iria realizá-los. Foi quando estava se preparando para estudar o Científico no Recife que o pai chamou a ele e Emerson para uma conversa. Homem para homem.

- Eu estava pensando... Vocês estão indo para o Recife tomar um rumo na vida. Não sabem da importância que isso tem para o seu velho pai aqui. Construí tudo isso, do Estrela, passando pela Satubinha até chegar na Triunfo com muito sacrifício, trabalho, não foi fácil. E o pior, com pouca instrução, nem cheguei a fazer o exame admissional, era o que eu podia fazer, não havia jeito. Mas vocês... vocês têm condição. Cheguei até aqui por vocês, pra dar o que não tive. Vejam, é como se a gente estivesse numa encruzilhada. Se ficarmos como estamos, sem nos capacitarmos, empacamos, nada de crescimento.

- Pai, o que é que você quer da gente?

O Major pigarreou, acendeu outro cigarro

- É o seguinte, Mercinho; a gente precisa crescer em duas áreas aqui na usina. Uma é no campo, preciso de um Agrônomo que conheça desse negócio de adubo, é tudo muito novo, não sei ainda se vai dar certo. A outra área é na indústria, tem que ter um Químico bom, alguém que me ajude a melhorar a produção. O Olival fica mais com essa parte dos bancos, administrativa, não leva jeito pra ficar aqui no meio do vuco-vuco, consertando essas moendas. E eu tô ficando velho, cansado pra essas coisas.

- Eu não dou pra ficar fazer mistura em tubinho não, Major. Isso é lá coisa pro cientista maluco aqui do João.

- Diz, Tarzan, só pensa em matar bicho, sair no meio do mato.

- Parem, vocês dois, será possível? Eu tô falando de um assunto sério e vocês vêm com essa implicância, coisa de menino buchudo.

Os dois abaixaram a cabeça. João dessa vez levantou o olhar, falou primeiro.

- Pai, quer dizer, Major, não precisa mais falar nada. A gente já entendeu o que tem que fazer. Não é, Emerson?

- É, pai. Nem se preocupe. A gente vai dar de volta tudo, mas tudo mesmo que recebeu do senhor. Pode ficar despreocupado, ainda vai ter muito orgulho da gente.

O Major não falou nada vendo os filhos saírem do gabinete, fecharam a porta. Pensou alto, nos olhos sombra de lágrimas.

- Eu já tenho, meus filhos, eu já tenho. De todos vocês.

Egmar Omena muito se orgulhava em apresentar o pai - típico representante da classe usineira de Alagoas - para sua turma de faculdade. A Usina Bititinga era uma das mais tradicionais e Coronel Omena estava à altura. Cabelos grisalhos, puxados para traz com gomalina, suspensório marrom combinando com botas de couro, acompanhadas de esporas de prata, cinto com medalhão tão reluzente que ofuscava os olhos dos estudantes maravilhados com a organização, limpeza, luxo que pairava na fazenda, desde a porteira até a Casa Grande. Serviram-se de limonada com biscoitos doces preparados pelas criadas da casa. Mudaram os planos no roteiro da excursão, Egmar sugeriu a João que passassem na Bititinga antes de ir para a Triunfo, visitariam somente depois do almoço oferecido pelo Major José Tenório na Fazenda Satubinha.

Os colegas viajavam, imaginando como deveria ser a Triunfo. Se a Bititinga era tudo aquilo, o que poderiam encontrar na do pai de João? Ouviram falar que o Major fornecia sangue de cotia para a Universidade Federal, através do Instituto de Bioquímica, setor de Antibióticos, chefiado pelo Dr. Osvaldo Lima. O médico pernambucano fazia pesquisas nos animais para reduzir tumores cancerígenos, leucemia e o Major era um grande criador, dezenas de cobaias que, com enorme prazer do dono, seguiam para Recife em caixas de madeira, devidamente furadas nas laterais, evitando-lhes sufocamento. Deveria ser então uma usina grandiosa, tanto aprenderam até ali, aqueles estudantes ávidos por mais saber, como se precisassem devolver rápido ao mundo toda a expectativa neles depositada, sonhos de pais ansiosos em transformá-los logo em doutores.

João quis primeiro mostrá-los a usina. O ônibus conseguiu chegar apenas na Rua da Cerâmica, o lamaçal entendia-se por toda a entrada da Triunfo. Fizeram o percurso a pé. As moças, em número de apenas cinco, reclamavam, não vieram devidamente calçadas. Egmar avisava, João explicando os últimos preparativos para a viagem na sala de aula da UFPE.

- É melhor vocês levarem botas, meninas.

- João, não está vendo? Essas botas são muito másculas. E depois de já havermos comprado nossas sandálias, caríssimas por sinal, Rua da Imperatriz, meu filho, Rua da Imperatriz...

- Ah, essa Zenaide... Deixa, João, elas não estão querendo fazer bonito? Acho que essa história começou com a Rosilda, está querendo impressionar o sogro, a tua família...

A usina estava parada, João, na frente, procurava o Major com os olhos, perguntou a um peão que descarregava o caminhão na esteira da moenda.

- Quebrou de novo, seu doutor. E parece que o Major está lá dentro, foi ver o que é que aconteceu.

Encontraram um Major acorado, cigarro aceso no canto da boca, chapéu, botas sete-léguas enlameadas, graxa por todo o corpo, rosto, na manga de camisa via-se mesma graxa, cobrindo o chapéu. Uma espécie de palha, fuligem da própria cana, ao testar a moenda, ligava, desligava o motor. Não poderia ser, Egmar abaixava a cabeça, olhou para João, não saberia o que dizer se estivesse no lugar do amigo. Quando se aproximou do pai de pronto levantou-se, deu um abraço apertado sujando a camisa curta branca do filho, virou-se para os colegas de turma, os comentários escusos assemelhavam-se ao vapor das caldeiras, leves, insistentes, contínuos. João apresentava, olhos embassados.

- Esse é o meu pai. O Major José Tenório.

Rosilda aproximou-se do namorado. Orgulhava-se dele, também do pai, o Major. De alguma maneira sentia-se parte de tudo ali, pareciam velhos conhecidos, outras vidas, outras experiências, quem sabe? Acreditava um pouco em espiritismo, o pai, Jáson, também era espírita. Aproximou-se do sogro por coração já adotado, estendendo-lhe a mão abriu um daqueles sorrisos que iluminavam o rosto e levava João às alturas, paraíso ainda em vida.

- Major José Tenório, é um prazer conhecê-lo...

- Major, essa é a Rosilda que lhe falei.

João, tosse nervosa, o Major, olhos arregalados, levantava as sobrancelhas.

- Menino, mas que pedaço de morena bonita é esse? Dessa vez você acertou, seu cabra, não é que nem aquela branquela sem graça que você namorou outro dia, não.

- Pára com isso, Major, a Rosa vai ficar sem graça...

- Uhm, o negócio está sério mesmo, já está chamando a moça de Rosa... Mas vocês aí, colegas de meu filho, não me esqueci de vocês, não. É que eu estava aqui tirando uma casquinha com a noiva do João.

- Pára, Major...

Todos riam, Egmar apaixonou-se por aquele homem. O Major perguntava pelas novidades enquanto percorriam a usina, mostrava as novas técnicas que estava empregando, meio que na intuição, admiravam-se mais ainda ao perceber que o pai de João estava no caminho certo, moderno, atualizado, apesar da visível simplicidade, homem rude, humilde. Voltaram para o início do trajeto.

- Olhe, a conversa tá muito boa, é verdade, mas saco vazio não se põe em pé. Mandei fazer uma feijoada na Satubinha pra vocês. A muito contragosto do povo, os moradores de lá, é verdade. Acham sacrilégio, em dia de Finados estar fazendo feijoada, com tudo que os cristãos aqui têm direito – pé, rabo, costela, toucinho frito, muita banha. Para quem não via atentamente, pareciam da mesma idade. Ou pelo menos, grandes, velhos amigos.

O Major preparava-se para ir ao Recife. Tinha negócios a tratar com José Cardoso, época de entresafra, comprar mantimentos, peças para a usina. Mas não era o motivo para vestir seu melhor terno, gravata, sapato social preto, meias combinando, lenço branco na lapela, para surpresa e elogio do representante comercial no Recife.

- Major, como está elegante, parece até que vai para um casamento.

- É possível, é possível...

José Cardoso observava o cabelo do parceiro penteado para trás com brilhantina, nenhum fio branco. Fornecia os elixires da juventude do Major através de Maurício, o neto: as injeções de potência, às vezes Seiva de Ricaflora para os cabelos do avô quando não conseguia achar em Maceió.

- Quer almoçar comigo, Zé? Tô indo com o Moacyr, meu grande amigo Moacyr, pra casa da irmã dele, Dona Flávia Permam, casada com o Gilberto, dono daquele engenho lá de Moreno, aqui em Pernambuco. Estão oferecendo um almoço, pessoal simpático aquele.

- Mas o que é que Dona Flavinha está aprontando, homem? Será que é hoje que sai o noivado do Emerson com a filha deles, a Tereza Cristina? Eu bem que queria participar desse momento solene, mas estou esperando o Cândido Toledo, está vindo com meu irmão Edson, de São Paulo.

- Ah, mande um abraço para o Edson, faz tempo que não o vejo. E o teu outro irmão, o Oséias Cardoso, quando é que dá o ar da graça?

- Eh, ele tá meio enrolado lá em Brasília. Sabe vida de político como é que é, não é, Major?

- Ô, se sei, Cardoso, sei muito bem. E o que é que aquele fresco do Cândido vem fazer aqui por essas bandas? Aquele comunista de beira de piscina, filho do Major Cícero, não tem nada o que fazer por aqui...

- Não fale assim, homem. É para uma reunião com os representantes das usinas daqui de Pernambuco e Alagoas que eles estão vindo. Você fala assim só porque o Cândido tem chamego lá com o Emerson... Devia era agradecer um monte de coisa pra ele. A começar pelo seu filho, não fosse por causa dele Emerson não teria conseguido passar naquela matéria, a de Estatística, quando foi transferido para o Rio de Janeiro. O Cândido foi que nem um pai pra ele, acompanhava a tudo quanto é lugar, não tinha obrigação nenhuma, nem de ensinar o garoto a matéria que é craque no assunto, nem de estar levando, junto como Paulinho da Dorinha, pra ver jogo de futebol no Maracanã. Se

disponibilizou quando soube que era filho do Major José Tenório, cliente dele, amigo e companheiro de usina do pai aqui em Alagoas.

O Major ficou calado, não ia dar o braço a torcer ao amigo.

- E ainda tem mais, ouviu? Foi por causa dele, da insistência, perseverou para levar o Eduardo Carvalho na Triunfo. Por ser pesquisador do nível de produção das usinas do estado de Alagoas, constatou que vocês já possuíam capacidade de produzir mais que a cota tendenciosa do IAA permitia. Aqueles usineiros paulistas, através de lobby no Congresso Nacional garantiram suas cotas, em detrimento às dos nordestinos. O Eduardo veio, gostou do que viu, o potencial da região que, diferente daqui de Pernambuco, é, em grande maioria, composta de imensos tabuleiros e não de vales, ladeiras de difícil manuseio na hora da colheita. Pois o Secretário do Governo voltou foi animado, falando maravilhas pro Ministro Delfim Neto, que apoiando, baixou uma liminar, mandava aumentar as cotas de acordo com a produção de cada usina, e não tal acontecia antes, quem tinha capacidade de produzir mais, aceitava a limitação, porque era nivelado por baixo, comparados a quem possuía, ou por falta de interesse, ou por condições de investimento, capacidade produtiva inferior.

O Major olhava o relógio na parede do escritório de José Cardoso.

- Tá bom, tá bom, você me convenceu, homem. Agora me deixe ir, tô atrasado para o tal do almoço. Depois eu volto aqui pra contar as novidades...

- Ah, Major, eu faço questão.

O almoço preparado com capricho por Dona Flávia, talheres de prata, guardanapos de linho, cálices de cristal, estava sem defeitos. O Major não sabia muito bem que talher usar em qual hora, mas Moacyr, entendendo o aperto do amigo, indicava discretamente com o olhar a opção certa.

Na varanda, serviu-se de um cálice de licor. Hoje eu posso, vou sair um pouco do meu normal. Olhou para Tereza Cristina, bela, olhos azuis translúcidos, vestido rosa claro, cabelos louros presos em um coque natural na nuca.

- Caro Gilberto, Dona Flávia. Eu queria interromper este almoço tão agradável, pra trocar dois dedos de prosa com os amigos.

- Mas o que é isso, Major? Não precisa pedir permissão para falar nada na minha casa, também é do senhor, sintá-se à vontade.

- Obrigada, Dona Flávia, é que eu estou muito emocionado com tudo isso. Essa menina, a Tereza Cristina, já é muito querida minha, a tenho como filha, uma filha caçula. Fico muito feliz com as coincidências da vida, apesar de acreditar que nada acontece por acaso. Meu filho Emerson aqui, resolveu escolher justo a sobrinha deste grande amigo meu, o Moacyr, amigo de longa data, muitas caçadas boas, não é, Moacyr?

- É verdade, Major, é verdade.

- Eh, mas vamos deixar de lero-lero. Eu vim aqui pra dizer mesmo... eh... eu vim aqui pra dizer que vocês, Gilberto, Dona Flávia: preparem a filha de vocês pra casar com o meu filho.

Dona Flávia, Elizabeth - irmã de Tereza, acompanhava as conversas emocionada - e a então declarada noiva, regozijavam-se, em meio a abraços, lágrimas de alegria. Emerson olhou para o pai, fez rosto sério por alguns instantes.

- E o senhor sabe se eu quero?

O suspense reinava na varanda, quebrado apenas quando Emerson, aproximando-se de Tereza, beijou-lhe a mão direita, ajoelhava.

- Tereza Cristina Permam. Faço minhas as palavras de meu pai, a senhorita aceita se casar comigo?

Ali, na rua calma do bairro da Tamarineira, numa suave tarde de primavera, a alegria perpetuou seu reinado.

Emerson estava com um milhão de idéias na cabeça. Tanto a fazer, tão pouco tempo. Estivera fora mais do que desejou, mas sabia, era preciso,

necessário. Aprender técnicas, novas formas de cuidar da terra, da usina. O Major, ascendendo mais um cigarro, conversou no almoço de boas vindas ao filho. João também ouvia.

- Estou muito satisfeito com você, Emerson, e com seu irmão João. Foram, estudando muito, deram conta do recado, voltando tudo aí, doutor. Prestem bem atenção no que eu vou dizer pros dois. Vocês têm carta branca minha aqui, entenderam? Carta branca. Façam o que têm que fazer pra que essa usina cresça mais do que eu pude fazer crescer.

Os ombros dos filhos mais novos do Major nunca se sentiram tão pesados. Olharam um para o outro e, como adivinhando o pensamento um do outro, falaram em uníssono.

- Pode deixar, Major.

O vaqueiro Biu entrou desembestado montado no alazão, ladeira acima, casa do Dr. Emerson. Cercados de madeira preta, listas brancas, o jardim, rodas de moenda conviviam com grama bem podada, papoulas, onze-horas, jasmims, espadas de São Jorge. Desceu do cavalo, amarrou na cerca que dava para a área de serviço da casa, construção art-deco, anos setenta. Que idéia do Major? Aquele cabra até pra arquiteto, engenheiro ele dá... Pediu para a empregada, Celita, chamar Dr. Emerson. Disse que era urgente.

Emerson, guardanapo na mão, hora do almoço, sai, pergunta logo para o vaqueiro.

- Que foi, homem? Aconteceu alguma coisa? Você não é de estar uma hora dessas na casa dos outros...

O vaqueiro amassava o chapéu.

- Não, Dr. Emerson, não sou mesmo de tá aperriando o senhor por qualquer coisa, não. Mas é que aconteceu um mal sucedido lá na Fazenda Quebra Carro, com um gado que também é da Triunfo, do Major, dos senhores...

- Então venha comigo no jipe, vamos logo ver qual é esse danado de problema que já me fez perder a fome.

Olhava bem para o garanhão do rebanho. Na parte traseira do boi, lá estavam. Local da marca do gado, o símbolo da usina. Mas eram outras as letras.

- Ô, Biu, cadê o UT, de Usina Triunfo, porque está OT? Quem foi que marcou esse gado, sem a minha autorização, pior sem a do primo Maurício de tio Olival?

Biu ficou calado, olhou para o chão, ciscava o vazio, limpando o que já estava limpo. Emerson ficou vermelho, sabia o que fazer. Pegou o carro, foi com o vaqueiro para a casa de Olival Tenório, próxima da Usina Triunfo.

O Major deitou na rede da varanda, hotel de Dona Mocinha. Colocava o chapéu no rosto, João Belo se aproximou, sabia que o amigo ia tirar um cochilo, um faz-de-conta de estar acordado, não dava cabimento a peão, ver o Major dormir. E qualquer coisa, era só levantar o chapéu, olhava a Triunfo, sua Triunfo. João Belo achava bonito o apego do Major, construiu tudo, tanto sacrifício.

Alguns meses compraram a usina Porto Rico em Pernambuco. Levaram maquinaria para a outra Porto Rico, usina que construía em Alagoas, próxima à Triunfo. Era o troco, retorno de tudo que o Major plantou, agora podia desfrutar, usufruir. Paz, serena paz.

João Belo viu quando Biu desceu do jipe de Emerson. Mas onde é que o Galego estava com a cabeça pra deixar aquele vaqueiro maluco dirigir o carro novinho que ele mesmo, João Belo, ajudou a comprar em Maceió?

- Cadê o Galego, Sr. Biu?

O Major acordou, o vaqueiro saltando rápido do carro do patrão.

- Seu Joãozinho, Seu Major, acuda. O menino Mauricio e o Dr. Emerson tão se pegando lá na casa do Dr. Olival, tá a maior confusão.

O Major passava a mão nos olhos, tirava o sono, sonho.

- Mas o que foi que houve, aconteceu, homem?

- É que o Dr. Emerson foi tirar satisfação com o menino Maurício, saber por que é que os bois do senhor tão marcados com OT e não com UT, que nem sempre foi, o senhor sabe. E aí o bicho pegou, era um tal de chamar nome um com o outro, filho daquilo, filho da outra, e por aí foi, até que o Dr. Emerson disse pro Mauricio que fosse cuidar da vida dele.

Biu parou para pegar fôlego. João Belo se agoniou.

- Sim, homem, continua, e aí? O que foi que o Maurício disse, o que sucedeu?

- Ah, Sr. Joãozinho, é que o Maurício deve de ter entendido errado, sabe? Começou a falar mais alto, virou pro Dr. Olival, disse pra o pai tomar uma providência, fazer qualquer coisa, o tio tava lhe ameaçando de vida, foi o que ele falou. Ficou dizendo pro pai que Dr. Emerson mandou ter cuidado com a vida, e que se era isso mesmo, é porque ia mandar bala, apagar seu Maurício

Biu, chorava, tirou o chapéu, jogando no chão.

- Olhe, Sr. Major, o senhor tem que ir lá, Dr. Olival tá com o Maurício no quarto, conversando, Dona Edna deu um chá de maracujá pro Dr. Emerson. O danado tava brabo, disse que não precisava de chá coisíssima nenhuma. Que agonia, Sr. Major, que agonia medonha...

O Major sentou no degrau, colocava as duas mãos na cabeça, balançava, balançava.

- Eu sabia, Belo. Tava bom demais pra ser verdade. A família é muito grande, muita gente pra tomar conta de pouca coisa.

- Que pouca coisa, Major, eu que vi tudo, desde o início, do Estrela, Satubinha, tava aqui, no dia que o senhor veio conhecer a Caquinho, se lembra? A tal da Usina Caquinho, não produzia quase nada, um miserê. É muita coisa, seu Major, muita coisa. Mas o senhor tá certo num negócio que falou: tem muita gente em um canto só...

Dorinha passava o mês de férias das crianças com o pai na Satubinha. Preparando a marmita, todo dia levava à Porto Rico, precisava estar ali, ajudar os outros irmãos, fase difícil para toda a família. Deveriam ficar mais unidos ainda, única solução. Pegou o carro, chamou Ana Paula e Gilvana de companhia.

Na Porto Rico, encontrou o pai, chapéu preto, jaleco cinza, cigarro, um atrás do outro, botas sujas de lama, desamarradas, óleo na camisa, acenou ao lhe avistar, abraço ao chegar perto. Apertado.

- Meu pai, olha eu aqui de novo. Trouxe as meninas pro senhor ver. Anima mais que ver a filha velha, menina é melhor de se olhar, mais bonito, não é?

- Ô, Maria das Dores, você não tem jeito, não. Obrigado pelas meninas, é sempre bom vê-las mesmo...

Olhou para a construção, as estacas sendo preenchidas por paredes, vãos que abrigariam outra usina, outra história. Paredes, e o que são paredes? Cabem vidas, sentimentos, desejos. Ambições.

- Tá vendo só, Dorinha? É isso... Acho que nasci só pra construir mesmo nessa vida...

- Ô, meu pai... Agradeça a Deus, que bom que o senhor nasceu para construir e não para destruir, não é?

- É, mas eu não tenho a mesma idade de antes, de quando comecei a Triunfo, o Estrela, Satubinha. Já não sou mais o mesmo, minha filha.

- Calma, pai, vai dar tudo certo. Olhe o Zé Cardoso tá lá mais o mano João, o Dr. Enildo, nosso advogado, o Dr. Cândido – é muito amigo do Olival, falou até pra ele agilizar o processo – estão todos conversando para ajeitar a situação, dividir as terras, o patrimônio, que fique o melhor pra todo mundo. Ah, eu trouxe até uma carta que Olival mandou pro senhor, depois que recebeu o bilhetinho.

- O bilhetinho?

- É, ele mandou dizer pelo Jorge que não aceitava o que o senhor sugeriu. Entendi não, acho que ele explica melhor na carta...

O Major recebeu o envelope entregue pela filha. Lia devagar, encheu os olhos de lágrimas, tentou disfarçar, a filha notou.

- Você sabe que isso tudo está me partindo o coração, não é, Dorinha? Olival é feito um filho pra mim. E o Maurício, o Mauricinho...

- Ô, meu pai, fique assim não. Venha cá, me dê um abraço... Olhe, deixe eu lhe falar numa coisa engraçada: o João veio me contar dele entrando no banco. O mano nunca tinha entrado num banco na vida, não sabia quem procurar, foi um aperto. Mas ele é inteligente, meu pai, puxou ao senhor. E o Mercinho, o Jorge, Gilvan, tá todo mundo ajudando, pai, vai dar tudo certo, oi senhor vai ver, já consegui se safar de coisa pior, lembra? Quando o Major Tenorinho morreu, também teve que começar do zero, vai conseguir agora também, meu pai, a gente vai conseguir. Basta que todo mundo, eu, os meninos, a Venúzia, ande pro mesmo lugar, no mesmo caminho...

Zeca Lopes pediu para o filho deixá-lo no bairro de Jaraguá, construção estilo caixote, bege, lista cinza dividindo cada um dos três andares. Aluizio não entendeu o pedido, achou que o pai estava ficando esclerosado. Mas fez a vontade, Zeca Lopes estava muito doente naqueles dias. Abriu a porta do carro, preparava-se para descer.

- Venha me apanhar daqui à uma hora, mais ou menos. Eu ligo para sua casa avisando qualquer coisa.

- Pai, tem certeza que não quer que eu lhe acompanhe? Estou com uma sensação de que não deveria deixá-lo sozinho.

- Pode ficar tranqüilo, meu filho. Ninguém morde aqui não, viu?

João estava terminando um telefonema quando Rita, a secretária, entrou na sala, piso de taco, poltronas de couro marrom, mesa de mogno preto, quadros da Usina Triunfo, data, época da compra.

- Dr. João, tem um senhor na recepção querendo falar-lhe de qualquer jeito. Apresentou-se como amigo do Major, de Atalaia. Chama-se Zeca Lopes.

João olhou, sorria. Assentiu com a cabeça para Rita mandar entrar. Enquanto a secretária foi buscar Zeca Lopes, o maior inimigo político do pai, ficou pensando em como a vida dava voltas, no que o Major diria quando soubesse daquela novidade. Ligaria para ele, estava morando na antiga casa do pai em Maceió, Rua Belo Horizonte, mudou-se após a cisão. O Major veio da Satubinha para morar na casa que construiu para o filho na Usina Triunfo.

Na varanda da casa do Major, Emerson se debruçava sobre o pai que estava sentado em uma espreguiçadeira. Retirava-lhe as espinhas, cravos, era a única pessoa que tinha permissão. Enquanto tentava fugir dos apertos do filho, conversava.

- Eu vou falar com o Jorge sobre o Alberto...

- Fica quieto, Major, já estou terminando a limpeza. Por que, meu pai? O que vai falar para o Jorge sobre o Beto?

- Hoje de manhã procurei por ele em todo canto, e já eram umas onze da manhã. Não pode acostumar mal esse menino, nem faz tanto tempo assim que começou a trabalhar e está com essa folga toda.

- Mas o senhor não soube, Major? A moenda quebrou ontem final da tarde, o menino virou a noite, ficou lá até consertar. Saiu daqui amanhecendo o dia, acredito que um pouco antes do senhor descer para a usina.

Juazeiro fervilhava. Os devotos de Padre Cícero se amontoando por todos os lugares que passavam. Na feira, bugingangas, terços, pedaço de tecido de roupa que teria sido usada pelo santo vivo. O Major escolhia chapéus, potes de barro, cinzeiro. Emerson se aproximou do pai, João Belo o acompanhava.

- Quanta quinquilharia, meu pai. Pra que é que o senhor está levando isso tudo?

- Deixa o Major comprar as coisas dele, homem...

Inauguravam o avião, bimotor, PT-KIS, Emerson comprou no mês anterior. Agora, possuía Prevê, poderia voar, prazer único, quis dividir com o pai.

Sobrevoavam a Usina Mandacaru, motivo principal da viagem. No caminho, Padre Cícero, insistência de João Belo. A rota era um triângulo, Emerson colocou o avião no piloto automático, abrindo o mapa, tentava localizá-los. Belo riu do rapaz que conheceu ainda menino.

- Tá perdido, homem? Olhe, nem preciso olhar nesse troço de mapa aí pra saber que à direita é Água Bela, pra esquerda, Palmeira.

- Mas homem, tu és uma bússula ambulante, viu?

O Major gracejava do amigo, os três caíram na gargalhada.

Jorge chegou à casa no alto da Triunfo com uma máquina super oito de projeção de filmes. Ah, também gosto das novidades, puxei ao Major neste aspecto.

Maria Tereza e Rosilda terminavam de arrumar uma mesa com o lanche no terraço. Pastéis, empadas, coxinhas, brigadeiros e bem-casados. Rosilda trouxe da cozinha um bolo grande de chocolate, colocou no centro da mesa.

No gramado, o jardineiro, José Laurindo junto com Biu, motorista, abriam um grande lençol branco, amarravam em duas estacas laterais. Todos se arrumavam, sentados, em frente à imaginária tela de cinema. Era a primeira vez que iriam assistir ao filme dos extraterrestes. Jorge pensou que a noite, sem lua, seria perfeita para a projeção.

Ana Paula abraçou Tereza de Fátima. Paulinho achou graça, jogava bolas de papel, Jorge Luiz e Carlos Jorge puxavam a camisa de José Ivon, Beto mandava os outros ficarem quietos. Guiga e Léo no colo de Celita, Luciana e Patrícia sentadas nos três degraus da varanda com Gilvana, Givago, pequenos. Suspense, o silêncio em um repente, quebrado pela súbita falta de luz. A algazarra aumentando, Biu procurava a chave geral, deve ter havido um curto. A demora foi pouca, a luz se acendia. A mesa de lanche revirada. Maria Tereza percebeu a falta, perguntava aos netos.

- Cadê o bolo? Quem comeu?

Olharam uns para os outros, bocas ainda meio cheias, sujas ao redor. José Ivon puxou o coro, uma única voz.

- Foi o extraterrestre, vó.

Guiga entregava os convites, envelope preto, letras prateadas. Maceió em peso fora convidava. Havia tanto a comemorar, uma nova mulher surgia, das cinzas renasceu. A prima mais que querida, ídola do que gostaria de ser, companheiras na eterna luta por liberdade, serem felizes apesar das limitações naturais de toda família.

Uma caravana saiu da cidade dirigindo-se a Recife na véspera do dia marcado, um sábado, sem motivos para não comparecer. O convite prometia: até quando o sapato deixar. O DJ Peixe, importado de Maceió para Recife, animaria a festa, com direito a banho de mar, avisou a aniversariante aos primos e amigos. Também comemorava o aniversário do irmão mais novo.

A decoração, pink e preta. Maria Eduarda tomara o devido cuidado, precisava pensar em José. Não poderia, apesar de ser no apartamento da amiga, vigésimo segundo andar, colocar tudo rosa. Ria pensando, era a cara mesmo de Patrícia. O mundo todo rosa, o tal do conto das Lentes Cor-de-Rosa, iniciava caminhada na busca do escrever, pensava em preencher o vazio de uma profissão, fechara a livraria, inquieta, querendo acelerar o tempo.

As luzes davam o tom certo, estrelas prateadas cobriam o chão, óculos, chapéus coloridos, fru-frus para as mais desinibidas, bonés estilo GLS ou seriam Macho Man? Cada detalhe, o buffet com salgados exóticos: canapés de tomate seco, fungi, pistache. Tudo regado a uma boa Möet-Chandon, Whiskie Johnie-Walker, doze anos, enfeites nas taças, porta-guardanapos estilizados.

Onze horas da noite. Estava marcado das dez até o amanhecer, ou a história do sapato. Sandálias havaianas pretas iam sendo distribuídas, para as mulheres de salto alto no decorrer da festa. Mas foi somente a partir da meia-noite que Peixe, após pedidos insistentes da aniversariante, começou a agitar. Uma seqüência de músicas anos setenta, Billy Paul, Barry White, Donna Summer, Bee-Gees; oitenta e noventa, A-há, Paralamas do Sucesso, Titãs, Kiko Zambianchi, The Cure, Pet Shop Boys, Double-You, Lulu Santos, Ivete Sangalo, Capital Inicial, Erasure. Têm que ser conhecidas, que o pessoal saiba a letra, lembrou Patrícia dias antes da festa a Peixe.

Era para ser inesquecível. Comemorava vitórias, em especial, vitória sobre si, seus medos, temores. Mulher, inteira, orgulhosa dos ganhos, respeitava as perdas. Nada, ninguém, tiraria a glória, a bênção de estar completando trinta e cinco anos. E então, mais do que qualquer das cento e cinquenta pessoas que lotavam o apartamento - mesma harmonia apesar das diversas tribos - começou a bailar, leve, solta. Talvez por causa da sinergia, ou o querer bem de todos à aniversariante, havia no ar sensação de que era possível experimentar paz, confraternizar apesar das diferenças. O nascer do sol com seu dourado coroava o que já parecia ser o ápice.

Noras, filhas se empenhavam para que a festa dos setenta anos do Major fosse um sucesso. Dorinha trouxe novidades do Rio de Janeiro, juntas pensaram em todos os detalhes. Mesas ao ar livre, banda de música, local para as danças.

Emerson e Jorge começaram a distribuir os convites ainda em setembro. João procurava nos contatos que mantinha com Olival, na eterna amizade de Lucila, nomes de parentes distantes. Todos seriam convidados, sem exceções. Apesar da relutância do pai, sabiam que lhe agradava o pensamento de ver toda a família reunida outra vez. Irmãos ainda vivos, primos, amigos. Sr. Edgar Malta muito se emocionou ao receber o convite das mãos de Jorge, enxugava as lágrimas.

- Meu melhor amigo... Meu melhor e único amigo.

Os peões também foram convidados. Apesar da timidez, aos poucos ou por causa da bebida, farta, de primeira, começaram a se sentir mais a vontade, arriscando passos de forró com as mulheres, salão improvisado no jardim da casa do Major.

Os petiscos, sempre caprichados de Maria Gorda, Otilia na cozinha. Contrataram garçons de Maceió, sanfoneiro de Atalaia, as mesas, toalhas quadriculadas, decoradas com elementos rústicos, palmas, bambus, velas para realçar o vermelho das rosas salpicadas ali, acolá. Aconchego, unidade. Mesmo sentimento, celebração, o patrono, princípio de tudo, gênese de uma família. Tantas vezes amado, por outras diversas, temido.

O Major fechava os olhos nas fotos, que invenção do Cardoso... Esse fotógrafo, o tal do Feitosa, é todo atrapalhado, quase derruba a mesa do bolo. E é um tal de vira pra um lado, pro outro, resmungou para Maria Tereza. Simples, vestido florido, maquiagem, nunca usava. Ele, camisa de listas azuis, várias tonalidades. Dulce, esposa de Cardoso, pensou que formavam um belo casal.

Os netos, irmãos, até os mais distantes, menos íntimos, amigos de caçada, Cipó, de labuta, para sempre lembrados, José Soares, de todas as horas. Reuniam-se, louvor, gratidão.

Ficou para sempre a lembrança, doce, alegre e o apelido no texto, semana seguinte, de Cássio Cavalcante, amigo escritor da Oficina Literária Raimundo Carrero que Patrícia participava : a Dona da Festa.

Pudesse segurar o momento, não deixar escapar. Perfeito, do início ao fim. O que a princípio achava uma grande besteira dos filhos, transformou-se em mágica, utopia possível, realizada, para sempre na memória, se houvessem outras vidas, daquela, o Major pensou, essa noite teria sido a mais especial.

Jornal de Alagoas, sexta-feira, 1º de abril de 1977

“O Governador Divaldo Suruagy comemorou ontem a passagem do 13º aniversário da Revolução de Março de 64, com a inauguração da Rodovia ‘Major José Tenório’ (AL-215) que interliga o município de Boca da Mata à BR-101, em solenidade que contou com a presença do Ministro dos Transportes, Dirceu Nogueira, do Diretor do DNER, Adhemar Ribeiro e do Presidente da Portobrás, contando com a afluência de aproximadamente 2 mil pessoas.

O ato comemorativo da Revolução teve dupla festividade, pois na mesma data a Usina Triunfo – localizada no município de Boca da Mata – alcançava a importante produção de um milhão de sacos de açúcar, fortalecendo mais ainda o sistema econômico da municipalidade e de todos quantos ali residem explorando atividades comerciais ou agrícolas.”

...

“Quem primeiro falou na oportunidade foi o Diretor do DNER, engenheiro Carlos Fortes Melro, enfatizando a importância da ‘Rodovia Major José Tenório’ como elo de escoamento das produções agropecuárias da região, principalmente no que se relaciona ao setor açucareiro, que tem na Usina Triunfo um de seus principais complexos industriais como fonte de renda interna.

Já o Secretário de Viação e obras Públicas, engenheiro Vinícius Maia Nobre referiu-se ao sistema da agroindústria do açúcar como o mais importante centro canalizador de divisas para o Estado, participando com cerca de 60 por cento da sua receita global.”

...

“Posteriormente, o industrial João Tenório, diretor da Usina Triunfo, manifestou a gratidão de seu grupo industrial pela construção da estrada ‘melhorando a renda da empresa e capaz de atender os desagradáveis efeitos sociais das flutuações de emprego, fenômeno típico das atividades sazonais’.

Tenório também ressaltou a personalidade do governador Divaldo Suruagy como político, técnico, idealista e líder voltado para a consecução de obras

importantes destinadas a propiciar relevantes benefícios à coletividade como um todo.

Por seu turno, o governador Divaldo Suruagy, ao dar por inaugurada a BR-215 (Boca da Mata – BR 101) enalteceu a figura humana do Major José Tenório que deu nome à rodovia, lembrando também a sua experiência e a sua capacidade administrativa, já comprovada também anteriormente à época em que exerceu – por duas vezes – o cargo de prefeito de Atalaia.

‘O Major José Tenório – disse Suruagy – é o retrato fiel da capacidade de trabalho do nosso povo, da austeridade dos nossos patriarcas, daqueles homens que souberam criar os seus filhos e os seus descendentes dentro de uma diretriz de trabalho, de seriedade, de honradez, procurando também educar aos seus e à comunidade, pois ele sabe que através da educação é que o filho do operário se transforma no engenheiro de amanhã’”

- É um exagerado, esse Suruagy.

O Major, acabando de ler o jornal, falava para o jornalista Zito Cabral, na varanda de casa. Concedia aquela entrevista para o representante dos Diários Associados, conheceu no almoço em um galpão montado na casa de Emerson, dia da inauguração da Rodovia Major José Tenório, uma semana antes.

- Ele deve lá ter suas razões de estar falando assim do senhor, Major.

O Major ascendeu um cigarro.

- É, vá lá que seja... Olhe, rapaz, eu não sou muito de entrevista, não. Só estou aqui porque o João insistiu. E depois, vocês jornalistas são tudo uns bichos danados pra inventar as coisas.

Zito sorriu, estava começando a gostar daquele homem, fechado, desconfiava, frases pensadas, media cada palavra. Mas a partir de um certo ponto da entrevista, começou a se soltar. O jornalista achou que deveria ter sido quando perguntou o porquê do nome.

- Por quê, Major? Ah, isso deve de ter sido um apelido que veio daqui mesmo, do povo, e pegou. Todo mundo me chama assim, até meus filhos me chamam de Major. Um Major sem patente, que não vale nada.

Apagou um cigarro, ascendia outro.

- Qual o seu maior sonho, Major? Olhe, já estou apelidando também... Seu maior sonho... Foi o de produzir um milhão de sacos de açúcar?

- Meu maior sonho... Não, meu maior sonho não foi o de fazer o primeiro milhão de sacos. Foi o de sempre continuar crescendo, aparelhando a usina com máquinas novas, a cada ano, para que pudesse produzir cada vez mais.

- O que achou de comemorar a inauguração da estrada, um milhão de sacos no dia do aniversário da Revolução de 1964?

O Major deu uma risada, canto dos lábios.

- Eu acho essa história de Revolução conversa prá boi dormir. Acho até que o Brasil se desenvolveu muito depois do primeiro governo revolucionário. Aí vem o presidente dos Estados Unidos, o tal do Jimmy Carter, falar de direitos humanos, como se aqui não existisse. Todo bom brasileiro tem os seus direitos garantidos, agora o que não se pode é dar direito a quem não respeita os direitos dos outros, feito esses assaltantes, pistoleiros, até estrupadores. Os Estados Unidos falam muito de respeitar os direitos humanos, mas se esquecem que eles próprios desrespeitam os direitos de soberania de vários países, fomentando até guerras.

Zito anotava, continuando as perguntas.

- Seus melhores amigos e inimigos?

- Inimigos? Ah, eu nunca tive inimigos, não, meu filho. A não ser um, com esse não quero negócio. Mas não vou dizer o nome, não.

- Mas Major...

- Não, não digo e pronto. Mas amigos, ah, amigos tive muitos. Já levei muita cabeçada na vida, meu filho, muita decepção com gente que queria bem, e sempre, na maioria das vezes, partiram dos grandes. O pobre, não, este é um

povo bom. Foi onde encontrei grandes e excelentes amigos. Mas teve uma exceção, um que era rico, mas diferente, me ajudou muito na época da compra da Triunfo. Foi o José Soares Sobrinho...

O Major encheu os olhos de lágrimas, ascendeu outro cigarro, durante a entrevista acabou com um maço de Minister.

- Major, o senhor gosta muito de fumar?

- É, meu filho, fumo desde menino. Só vejo o povo dizer que o fumo prejudica. Mas a mim mesmo ele nunca ofendeu.

Rio de Janeiro

Outubro, 2001

O céu estava limpo quando chegaram à Pedra Bonita. Rodrigo voava desde os dezessete anos, falsificou a identidade para o primeiro vôo amador, assinava um termo de responsabilidade por qualquer dano, até morte. Naquele dia descobriu que nasceu para aquilo, o destino, aprender a ser instrutor de asa-delta. Perdera as contas de quantas vezes, antes acompanhado, depois acompanhando desceu a pista de madeira, curta, tacos longos, lisos, da pedra no bairro da Gávea, alçando vôo. Podia fazê-lo de olhos fechados.

Sonho de infância. Patrícia sempre se escondeu na suposta desaprovação do pai, mãe ou ex-marido. Agora estava ali, apenas com Angélica - a amiga de infância - de testemunha. Experimentava naquele dia, toda a liberdade, desenfreada, tal o mundo fosse terminar de uma hora para outra.

Aconteceu muito rápido. O treino, cinco minutos, capacete, um colete que iria se encaixar em uma espécie de saco, lugar onde estaria presa à asa. Rodrigo perguntou se queria fotos, aceitou, precisava mostrar aos filhos, amigos, provar que realmente aconteceu. O instrutor mandou Patrícia correr, as pernas não obedeciam, no treino foi mais fácil, esforço derradeiro, pularam, vazio, olhos fechados, vento, brisa suave no rosto, abria os braços, olhos aos poucos, coração na garganta, paz, paz. Paz, liberdade, paz.

Experiência única, mergulhara de corpo, alma, coração. Para sempre guardaria, talvez usando depois, quando precisasse confiar na entrega, no poder maior da Criatura mais generosa do mundo...

Passeavam pela praia de Ipanema. O Major, paletó azul escuro, gravata cinza, camisa branca, sapato preto. Parecia que estava vindo da formatura de Emerson, dois anos antes, quando por teimosia ou medo de avião – dizia que era para conhecer melhor o Brasil – veio com Zé Costa e Biu, motorista, no Alpha Romeu azul claro, roubado no primeiro dia na Cidade Maravilhosa. Emerson deu dinheiro para a polícia, acharam o carro no dia seguinte.

Paulinho falava sobre o filme que acabaram de assistir no Cine Guanabara, o Major gostou, deu boas risadas: Dona Flor e Seus Dois Maridos. Era fã incondicional de Jorge Amado, mas ver Sônia Braga fazendo par com o Nadinho de José Wilker era imperdível. O Major dizendo ao neto que poucas vezes um filme é tão bom quanto o livro original, só lembrava do Pé de Laranja Lima, ou a novela Gabriela, Cravo e Canela, do próprio Amado. Olhou para a praia, diferente de Maceió, mais larga, o Major apontando os rapazes, morenos a conversarem com as meninas de biquínis, duas peças.

- Que coisa. Quanto vagabundo, dia de segunda feira, uma hora dessas, tudo tomando banho de mar. Que desperdício. Isso tudo podia estar cortando cana, dava pra encher um caminhão de bóia fria.

- Vô, que é isso? O Rio é assim mesmo, é de praia, sol, carnaval, futebol e mulher bonita.

- E essas meninas? É uma pouca vergonha, estão quase nuas. Eu só tô acreditando por que estou vendo com esses olhos que a terra há de comer

O Major estava no Rio de Janeiro há duas semanas. O dentista protético, precisava de tempo para fazer os implantes, todos os dentes de cima do Major. Enquanto reclamava dia após dia da falta do que fazer, que devia de estar na Triunfo, agoniado, agoniava netos e a filha, Dorinha. Levou o pai para experimentar roupas novas na Ádamo. Depois de duas horas tentando convencê-lo dos melhores modelos, os que mais combinavam com o corpo atlético, esguio para um homem de mais de setenta anos, o Major concluiu:

- É melhor continuar fazendo que nem você faz sempre, Dorinha. Escolha a roupa e me manda pra Boca da Mata. É mais fácil e eu não fico me aporrinhando com esses veados a querer me empurrar bagulho

O Major nem saíra da loja ainda, deixou a filha e o vendedor a ver navios, constrangidos um com o outro.

Paulinho entrou no carro, o avô começou a reclamar do calo no sapato depois de andar dez quilômetros no calçadão. O neto deu uma deixa quando o Major entrou no carro, fusca verde musgo.

- Vô, quer dar um passeio por aí? Só tenho cursinho à noite.

- Caminhe, me mostre alguma coisa diferente que não seja marmanjo e mulher pelada.

Desciam a ladeira da Joatinga. O Major avistou uma brasília vermelha, que balançado medonho. Estavam na curva, Paulinho diminuiu a velocidade, dava para ver bem, duas meninas, camisas brancas de farda de colégio desabotoadas, no meio um rapaz, não deviam ter dezoito anos. Uma beijava os seios da outra, a boca, pescoço, abaixavam, abriam as calças do rapaz, braços estendidos no tabeliê traseiro do carro, Paulinho também queria ver, colocaram o rapaz do lado esquerdo, a loura abaixou a saia plissada azul marinho, estava sem calcinhas, fazendo alguma coisa com a língua em baixo do rapaz, levantava, enxugava os lábios, virava, beijava com a mesma língua a morena, abaixava, deixava ser beijada também, nádegas, sexo, o Major virou-se para o neto, chamou a atenção.

- Menino, vai acabar batendo no carro com essa sem-vergonhice.

O Major virou a direção, desviando do poste. Paulinho freou o carro. Foi por pouco, riram aliviados os dois.

Dorinha esperava na sala ao lado do consultório do Dr. Medina. Achou melhor ir sozinha, ouvir do médico de confiança qual o diagnóstico. Soube que o pai passara mal na usina, foi levado para Maceió, Clínica São Sebastião, estava agora na casa de João. Iriam para Recife ouvir a opinião do Dr. Gustavo Trindade e de um médico, Dr. Luiz Tavares, conhecido da família de Dona Flávia, mãe de Tereza Cristina. Dorinha pediu à família permissão para também consultar o famoso médico carioca. Ainda lembrava da época em que o pai, nos intervalos dos implantes dentários, aproveitou para fazer um check-up. Dr. Medina colocou as radiografias no quadro de luz, analisava os pulmões.

- O senhor vai acabar achando alguma coisa aí, doutor...

Dr. Medina tirou os óculos para leitura próxima, astigmatismo.

- O senhor fuma?

- Desde os nove anos, doutor. Se eu parar de fumar vou morrer, se não, também. Então deixa eu fazer o que gosto, homem.

Deviam ter feito alguma coisa na época, agora Dorinha estava na sala do médico, diagnóstico nas mãos, lágrimas nos olhos, pergunta engasgada, queria, não podia, sair, soltar-se, chegando aos ouvidos do cirurgião, milagre, resolver, não podia ser aquilo.

- O senhor tem certeza, doutor?

- Não tenho dúvida alguma, Maria das Dores. Se fosse meu pai, operava imediatamente. Mas concordo com a junta médica de Recife. Conheço o Trindade, também Luiz Tavares, foram colegas meus em diversos congressos. Vocês devem levá-lo para o melhor especialista do mundo na área e eu confirmo a informação dada por eles: o Dr. Debacker, em Houston. Eu, no lugar de vocês, levava ele o mais rápido possível para lá.

- O que é que o senhor chama de o mais rápido possível, doutor?

- Ontem.

Rua Belo Horizonte, Maceió, tarde de agosto, ano, mil novecentos e setenta e oito. A família Tenório, filhos, noras, filhas, genros, o Major, Maria Tereza, Dr. Alcides Codiceira, Dr. Luiz Tavares com o genro, jovem médico, início de carreira, Dr. José Aécio - recém-casado com a filha mais velha, Joana.

Dr. Gustavo Trindade Henriques veio de Recife para a reunião a pedido do Major, paciente antigo, desde a época em que Moacyr Carneiro trouxe Emerson com hepatite para tratar – os matutos de Alagoas diziam que se levantasse, estourava o fígado, coitado do rapaz ficou deitado por quarenta dias.

A pergunta foi lançada, decisão precisa, peso da responsabilidade pela vida do pai. Olhou os filhos reais e os de coração, tomou a palavra o Major, a voz arrastada pelos medicamentos contra a dor.

- Ainda posso decidir alguma coisa nessa família?

- Mas é claro, não é meu pai? O senhor é quem manda por aqui.

Emerson tentava ser o mais frio possível, João não transparecia o que lhe passava ao pensamento.

- Os doutores aí estão dizendo que eu deveria ir pra os Estados Unidos, consultar, talvez uma operação com esse tal de Debacker, não é?

Os filhos assentiram com a cabeça.

- Tudo bom, eu vou. Mas só tem uma condição: só vou se o Trindade for comigo também. Do contrário, não saio daqui, faço o tratamento no Recife mesmo.

Dr. Gustavo sentia o clima pesado se instalar na sala. Preciso fazer alguma coisa...

- Mas Major, nem passaporte eu tenho ainda!

Todos riram, o médico amigo atingiu o objetivo de relaxar a família com a brincadeira.

Estados Unidos

30 de Dezembro, 2003

Estrada para Orlando tranqüila. Na faixa de veículos com mais de duas pessoas, alta velocidade, viajavam em uma Van, cabine tripla, Patrícia dirigindo, Rosilda no banco ao lado, Vítor no meio, uma mala grande na cadeira à direita, Bruno e Maria Eduarda atrás. Patrícia mandou todos colocarem o cinto por mais uma vez. Escutavam música brasileira, levaram cds de Djavan, Osvaldo Montenegro, Marisa Monte. Conciliavam com Avril Lavignie, Link Park, Red Hot and Chillie Pepers. A Van balançava, parecia não estar muito estável.

Rosilda chamou a atenção de Patrícia, estava muito distraída desde que saíram de Miami. A filha. Cabeça a mil, a livraria, a querida Domenico, não está mais dando lucro, prejuízo. Se colocar mais um centavo ali, fecho. Mas como, fechar o que lhe salvou quando na separação? Não, não podia. E iria fazer o quê da vida, então? Voltar para Maceió ou trabalhar com o pós? Era nadar, nadar e morrer na praia. A cabeça girava, pula, muda de assunto, vai. E o pós-namorado? Não estava conseguindo terminar a relação, sempre um novo encontro, vazio depois. Ciclos, ciclos. Escrevera, era o que sabia fazer.

Difícil encerrar aquele ciclo. Sentia muito, enorme pesar. Perder alguém tão querido, sentimentos jogados fora, tanto carinho. Mas se enganava, não a ele, a si mesma. Queria parar tudo, relacionamento atemporal, grande engano. O tempo não pára, diz o poeta. Pessoas mudam, novos ventos vêm, amores se vão para nunca mais voltarem. Quem sabe um dia amigos, será? Pedia a Deus que sim, mas sabia ser este pedido também medo da perda definitiva.

Lágrimas no rosto, na garganta um nó. Tentaram tantas vezes, encontros furtivos, saudade infinita, mas se esvaziavam na ausência. Olhava a carta, escrevera tantas. Única maneira que sabia dizer sem tanta dor. Naquela noite quase conseguira, lhe faltou forças, coragem. Covardia? Quem sabe? Mas não estava sendo covarde naquele momento, liberando, deixando ir. Ou assumir a fragilidade seria a maior das coragens. Mais importante - consciência da efemeridade. Quando tudo se desfaz, lembrava o livro. Tudo passageiro.

Lia e relia a oração que recebera dele um dia, amigo companheiro de todas as horas, fiel, inseparável. Amante carinhoso. Doía tanto perder isso também. Porque, perguntava aos céus, incompreensível. Queria do seu jeito, menina mimada, nadando contra a maré da vida. Deveria ler nas entrelinhas e entender, ou se achasse melhor aceitar, paciência, esperar. Seria difícil passar a tormenta, mas o sol em breve brilharia. Escrevera com todo cuidado, carinho a última carta. Esgotara o inesgotável, fora até o fim. Era preciso para que seu coração fechasse um ciclo, melhor, o coração dos dois.

Sentiu a brisa acariciar seus cabelos, leveza na alma. Paz. Assistia ao nascer do sol, mal dormira antes. Precisava terminar a carta, dentro de si. Um novo tempo, cheiro de mudanças, renovação. Deus os protegia, com certeza. Filhos queridos, tão importantes na vida do outro. Nada de mágoas, ressentimentos. Apenas gratidão por terem se permitido, tentado. Ontem percebera o fim, seguiam caminhos diferentes agora, cisão, partida. E enfim novos caminhos, ciclos, vidas. Chegou a hora.

Adeus, querido.

Rosilda deu um grito. Um caminhão baú cinza, deveria ter dez metros de comprimento, passava à direita da Van, na faixa do meio, própria para veículos menores e mais lentos; não era o caso, o vácuo puxou a Van na direção do caminhão, Patrícia agiu instintivamente, virou a direção para a esquerda, se não puxasse iriam para debaixo da carroceria, virou demais, uma vala, dividia as duas auto-estradas indo, voltando de Orlando, grama, o pneu dianteiro esquerdo, depois traseiro, primeira capotada, segunda, terceira, frações de segundo, a vida toda nos olhos, primeiro beijo, casamento, nascimento dos filhos, a inauguração da livraria, amigos, saudade, Patrícia, Vítor, Maria Eduarda, Bruno desmaiaram, Rosilda assistindo a tudo, outros carros paravam, descendo, corriam, ajudando a sair das ferragens, Van transformada em Gol, encolheu de trás para frente, o fogo começou, extintores, malas espalhadas pelo gramado, dólares, os dólares, sangue, muito sangue, vendo a filha, netos, desacordados, mortos, vivos, a mãe não sabia, segurava a imagem de São Cristóvão, pessoas em outra língua ajudavam, pediam fé, Patricia lhe deu o santo protetor dos motoristas, na saída de Miami, início daquela viagem há tanto tempo planejada, esperada por todos daquele carro, por que será?

O carro. Helicópteros giravam as hélices sobre as cabeças, giravam, giravam.

As hélices do jatinho da Líder estavam ligadas enquanto esperavam a ambulância. Cinco e meia da manhã, o dia nascia. Luiz Augusto sentado na cadeira de piloto, Ronaldo ajudava no plano de vôo. De Recife para São João de Porto Rico, entrada dos Estados Unidos; em seguida, escala em Miami. Destino final, Houston, Texas. Methodist General Hospital, Ronaldo ouviu o comentário do Dr. José Aécio para a moça, filha do paciente, o acomodaram em três das seis cadeiras disponíveis para passageiros, uma maca. Deveria ter setenta anos, no máximo oitenta, pensava o co-piloto. Estava desacordado, gemidos esparsos, ânsia de vômito, recebia soro, tubo de vidro, Dr. Gustavo aplicava uma injeção intramuscular de Dramine, causaria bem-estar no paciente, ajudando a dormir na viagem que deveria levar, pelo menos doze horas do precioso tempo.

Em Miami, a Vigilância Sanitária recolheu maçãs e sanduíches levados para a longa viagem. Dorinha se irritou, demoravam a abastecer, liberar óleo diesel.

- Esses gringos encham a paciência. Não vêem que é caso de emergência, estamos levando meu pai, meu pai...

- Calma, Dorinha, vou resolver, falar com eles, a gente vai sair daqui logo, logo.

Inglês perfeito, sotaque britânico, Dr. José Aécio convenceu os inspetores a liberar o diesel, Dorinha viu uma nota de cem dólares ser entregue para o chefe dos americanos. Dez minutos depois, o jatinho deslizava rumo a Houston.

A ambulância aproximou-se do avião tal carro de corrida, dando rabiada. Assustada, Dorinha pegou na mão do pai, ainda dormia. Lembrou da conversa em Maceió, casa do irmão, dias antes da viagem.

- Vai dar tudo certo, meu pai.

- Eu não estou com medo, minha filha. Não tenho medo de morrer, tenho é saudade do meu povo.

Dorinha virou o rosto para o pai não perceber a lágrima que teimava em descer no rosto, teimando, teimou, brotava, desceu.

- Sabe o que eu acho engraçado, Dora?

- O que, meu pai? O quê?

Dorinha chorava agora livremente, não disfarçava mais.

- Eu nunca saí de casa, não daqui do meu Brasil. O máximo que eu fiz foi ir pra Cipó, lembra?

- Ô se lembro, meu pai, lembro até dos esporros que você levava da Maria Tereza por causa disso.

- Pois é, nunca na minha vida saí daqui e agora estou indo pra os Estados Unidos da América. Talvez eu saia pra morrer...

Dorinha, em silêncio, quebrado apenas pelos soluços, aproximou-se do pai, deitado na cama, quarto de Patrícia na Rua Belo Horizonte, Maceió. Detrás do guarda-roupas, a menina tentava também chorar.

No hospital, os residentes plantonistas riam um com o outro, perguntaram ao Dr. José Aécio - em inglês anasalado - se o grupo vinha da Floresta Amazônica.

- Por quê?

- Faz séculos que não vemos tubos de soro de vidro por aqui. Vocês são de alguma aldeia indígena?

José Aécio ficou vermelho, aqueles gringos filhos de uma puta. Foi se encontrar com Gustavo no café do hospital. Era uma pequena cidade aquilo

ali, enorme, às vezes se perdiam nos corredores sem fim. Encontrou o colega fazendo uma cara feia, segurava um copo.

- Que troço é esse que você está bebendo, Trindade?

- Coke coffee, é um energético, coisa ruim essa daqui... argh!

- Eu nunca vi isso lá no Brasil. Mas também, homem, tem de tudo aqui, olhe a embalagem... Cafeína junto com coca-cola. Isso deve ser é a bolinha dos médicos desse hospital.

- Por isso que é tão ruim, cara!

Gustavo largou o copo na mesa, ao lado da embalagem azul. Olhava para o relógio de pulso, perguntou a José Aécio.

- E aí? Conseguiu falar com o homem? O tal do Dr. Debacker?

- Consegui, mostrei os exames. Ele acha que é caso de cirurgia imediata, endoarterectomia da carótida direita. No dia de amanhã às nove.

- Tem certeza, Aécio? Não me agrada ainda essa história de operá-lo...

- Mas, Trindade, está na cara, todo mundo aconselhou, o Medina, meu sogro - Dr. Luiz - agora o próprio Debacker. E a família decidiu, está decidido. Preciso até encontrar a Dorinha, Dr. Debacker me deu essa pilha de papéis, um termo, o responsável pelo Major tem que assinar.

- Ela está no quarto. É melhor você dar a notícia, são mais próximos.

Patrícia ainda estava zonzada, sentada na maca da emergência do hospital americano. Parecia que viver algum dos filmes de terror que odiava assistir, preferia comédias, romances água com açúcar. Falava em um inglês digno de uma nativa, estudara desde pequena.

- Mas como assim? Autorização para operá-la? Por que, tem mesmo necessidade?

Acordou no gramado, vala, autoestrada. Não sabia por quanto tempo ficou ali desmaiada, se estava morta, viva. Procurou pelos filhos, tiravam Bruno do carro em chamas, o olho do caçula ensangüentado. Gritou, procurou se levantar, as pernas eram dois blocos de pedra, sentiu doer na região das costelas, dificuldade para respirar, tontura, a nuca latejava. Uma senhora de meia idade lhe deu a mão, falou palavras que não entendia bem, chegavam aos poucos no cérebro. Milagre, um milagre, minha filha. Vítor chorando, a mão cortada, pescoço arranhado pelo cinto de segurança, os paramédicos examinando, diziam que estava bem, nada sério. Maria Eduarda, acompanhada de mais dois paramédicos, o braço esquerdo não se mexia, ouviu, fratura exposta; o menor, deveria ser de Bruno que falavam, quebrou também o braço direito. Tentavam examinar o olho inchado, posta de sangue cobria a têmpera. Patrícia se aproximou, falou suave, continha o choro, nervoso.

- Bruninho, meu amor, é a mamãe. Abra o olhinho pra o médico examinar, filho.

Chorava, ainda não estava totalmente acordado. Patrícia gritou com todos os pulmões.

- Bruno, abra o olho, agora!

Bruno pensava que além do acidente iria acabar apanhando da mãe. Abriu o olho de imediato.

Um helicóptero levou Maria Eduarda e Bruno para um hospital especializado em crianças localizado em Palm Springs. Rosilda, Patrícia e Vítor foram de ambulância para um hospital público, a meia hora do local do acidente. Sem saber por que, Patrícia se sentia tranqüila. A princípio, pensou que era porque precisava tomar as iniciativas, dar nome, sobrenome, endereço à polícia, na entrada da emergência. Depois, percebeu que nada mais daria errado, Deus os havia protegido, não o fizera à toa. Era a segunda chance, ouvia a voz, não desperdice, viva melhor esta que estou lhe presenteando.

E, de repente, Patrícia sabia a resposta para tudo. A operação de Maria Eduarda, o fechamento da livraria, o término definitivo do relacionamento. Tudo pareceu tão simples, fácil. Era um instante mágico em que se recebe o maior dos presentes: a vida. Dela e de quatro pessoas que tanto amava no mundo.

José Aécio atendeu ao telefone. João falava com o Dr. Debacker na sala dos médicos. Emerson descansava no hotel próximo ao hospital. Dorinha voltou para casa quando os irmãos chegaram para juntos decidirem sobre a segunda cirurgia, vinte dias após a primeira: revascularização miocárdica com uma mamária e duas pontes safenas. O cirurgião descobriu no primeiro procedimento a necessidade de operar o Major novamente. Era questão de vida ou morte. Dorinha chorava na ligação internacional para Maceió.

- João, vocês têm que vir aqui para me ajudar, não estou dando conta sozinha, é muita responsabilidade.

- Calma, Dora, calma. Não se preocupe, eu, o Mercinho, já estávamos indo pra aí depois de amanhã. Diga para o Dr. José Aécio pedir que médico aguarde nossa chegada.

A ligação chiava muito, José Aécio identificou que era o neto do Major, ligava todos os dias.

- Diga, Zé Ivon, há quanto tempo.

- Ei, Dr. José, cadê, tá cuidando bem do meu avô?

- Nada, eu não cuido de nada. O povo aqui só me trouxe pra falar inglês.

- Doutor, tio Mercinho está aí por perto?

- Como? Tio Mercinho? Quem é esse?

- Mas o senhor não sabe? Tio Mercinho é o tio Emerson, é o apelido que ele tem desde menino...

- Ah, mas agora vou pegar o Emerson na virada, deixe só ele chegar aqui, foi descansar um pouco no hotel, dormiu com o Major de ontem pra hoje. O João que está de plantão. Vem cá, esse também tem algum apelido?

- Só se for João Macacheira, porque é branco demais... Mas não diz pra ele que eu contei, não, vai ficar arretado da vida comigo. Eu ia até falar com ele depois, tia Rosa mandou avisar que saiu hoje o resultado da eleição para presidente da Cooperativa Regional dos Produtores de Açúcar e Alcool do Estado de Alagoas. Tio João foi eleito por dezessete das vinte usinas componentes.

- Menino, que chique, essa notícia é boa mesmo. Vou avisá-lo, ele está arranhando inglês dele lá com Dr. Debacker, vai precisar treinar muito pra assumir o cargo agora, não é mesmo?

João insistia com o médico americano, não aceitara quando José Aécio conversou com ele e Emerson que o estado do pai não iria ficar muito diferente do que estava até o momento. Não falava, passava momentos de ausência, olhando para o vazio. Fisicamente, estava perfeito. A recuperação pós duas cirurgias daquele calibre era impressionante. Tentava explicar para os já amigos, não eram mais somente filhos do paciente. Havia uma camaradagem, nascia uma amizade que, tinha certeza, levaria para toda a vida.

- Um homem de setenta e dois anos, Emerson

- Eu sei, Aécio. Mas eu não o vejo falando, lembrando das coisas. Outro dia falei de que quando voltássemos... só pra animar ele, entende? Que quando voltássemos iríamos, eu, ele, o Moacyr, fazer uma caçada, das grandes, pra comemorar a saúde dele.

- E ele?

- Disse: quem é Moacyr? Quem é Moacyr? Quem é Moacyr? Um dos melhores amigos dele e me pergunta quem é Moacyr? Ah, vamos e venhamos.

- É por isso que Dr. Debacker sugeriu que vocês levassem ele de volta para casa, rever os amigos, outros filhos, netos, ir para um ambiente conhecido, que não seja UTI de hospital. Ele é muito forte, minha gente, pode recuperar a memória, cabeça. O corpo, deixe que o tempo há de recuperar rápido. Veja, aquela cicatriz enorme dele, estamos a um mês da última cirurgia e já está que nem parece que cortou. E o coração? Estão lembrados do que eu disse sobre quando o Dr. Debacker retirou o coração do Major, colocou no gelo, durante a cirurgia das pontes de safena? Assim que massageou para colocar de volta, o danado bateu. Na hora.

Emerson chegou final da tarde no hospital. Encontrou João sentado do lado de fora da sala dos médicos. Sem perceber passara a tarde ali depois da conversa com Dr. Debacker e José Aécio. Não queria ir para o quarto ver o pai aéreo, não era mais o mesmo aquele homem tão forte, parecia que nunca nada lhe atingiria. Disfarçou uma lágrima quando viu o irmão se aproximar.

- É, Galego. Falei com o homem, não tem jeito, não. Foi aquilo mesmo que o Aécio conversou com a gente.

- Então, João, parece que não temos escolha, não é verdade?

- Quero decidir junto com você, Mercinho. Fazemos o quê?

Emerson respirou fundo antes de dar a resposta que os dois já sabiam qual era.

- Vamos voltar para o Brasil, levar o Major de volta para casa...

Os ombros pesaram, o cansaço resolveu aparecer no mesmo instante. Para os dois.

Recife

Dezembro, 1978

Aos poucos chegavam filhos, filhas, genros, noras. Traziam os netos do Major, os mais crescidos. De um por um entravam, um beijo na testa, uma bênção na mão fina, veias puladas. Fechavam a porta com sensação de nunca mais vê-lo, vazio na sala de espera, cada vez mais cheia, do hospital de emergência de coração, Unicordis, na Avenida Conselheiro Aguiar, bairro de Boa Viagem, Recife.

Dorinha cumprimentava os parentes, lembrou do dia em que o pai ainda falava, perguntou se queria tomar um café, respondia com voz enrolada.

- Não, só quando o José Ivon chegar.

Um misto de alegria e medo invadiu o peito da filha. Ele nunca chamou o neto de José Ivon. Era sempre Ivon, ou Zé. Jamais o nome completo, do filho que o Major perdera aos nove anos de idade.

Dorinha e João, um abraço forte. Rosilda alisou o rosto da cunhada que abaixou-se para falar com Luciana, escondida atrás do vestido da mãe que insistia com a filha em falar com a madrinha.

Dorinha viu quando João e Patrícia juntos abriam a porta do quarto.

Olhava filhos, netos, tristeza, não se conformavam. Ele não, estava em paz, certeza da passagem, outra vida, quem sabe, até outras. Talvez melhores, poderia renascer mais instruído, educado, com menos destemperança, mais equilibrado, tentou esboçar um sorriso. Talvez desse mais beijos, fizesse carinhos, fosse menos brabo. Poderia ensinar mais sobre céu, precisar menos das coisas da terra. Paciência, foi o que recebera Dele, trabalhava o barro que lhe dera.

Não falava, os olhos marejados, a palavra na garganta. Era insuportável, queria pedir, mandar, parassem. Morrer, sair daquele corpo inerte, sem vida, teimoso. Nem lhe ouviam, continuavam e continuavam.

Viver assim, melhor morrer, últimas palavras. Queria descansar, liberdade. Do corpo, sofrimento, lembranças. Pesadelos, mas também saudades.

Será que foi tudo em vão, será? Não, havia um sentido, destino. Precisava fazer eles entenderem, ajudar no caminho. Fora sempre assim, o provedor, proteção. Ficava na terra através deles, se tornaria imortal. Então que saibam a verdade, caminho para ser feliz. Para quem diria, qual deles? Alguém especial, com semelhante ânsia por liberdade, não se submeter. Que apesar de muito lutar, não desistisse deste ideal, insistir não olhando para trás.

Sentia-se humilhado, vencido. O corpo dominado pelos outros, até fazer necessidades com a ajuda do Biu fazia. O motorista, tão fiel, amigo eterno. Impossível agradecer quando com respeito abria-lhe as calças, era constrangedor. Todos no final eram assim, pó voltando ao pó, se igualavam pobres, ricos, jovens, velhos: na saúde e na ausência da mesma.

Queria poder pedir perdão a um monte de gente, e ao mesmo tempo não se arrependia. Fizera o que podia em cada momento da vida, era para ser do jeito que foi. Na política, o coitado do Zeca Lopes, nem era tão ruim assim. Criou um monstro para ter razão, sempre ter a danada da razão. Nos negócios, a cisão, doía ver a família desunida. Nas amizades, só ouvindo o que queria, fechando a cara quando não concordavam, que cabeça dura. Mas sentia que se purificava agora, alívio, Deus abrindo os braços para o filho sofrido, cansado, coração bom apesar de tudo, ajudara a tanta gente, feito um pai, mais uma vez. A divindade misturada com o pecado, magia de ser humano.

Mas não conseguia decidir quem iria falar por ele. Não, não era pelo bem querer que escolheria. Era mais, um destino, missão. Mesmo tão cruel, missão necessária, era preciso. Dizer que aprendera, não repetissem. Fazer a diferença, diferente. Não deixassem o espírito dele morrer.

Patrícia e João entraram no quarto. Uma lágrima verteu no rosto do Major quando os viu, o filho mais velho de Maria Tereza se emocionou.

Era ela, aquela menina, a professorinha. Poderia mostrar com a vida que era possível ser livre. Previu o destino da neta, uma mulher lutando por liberdade. Ironia do destino, tantas vezes podou as mulheres da família, esposas, filhas, noras. Mas o avô estaria sempre presente, ajudar a alcançar liberdade que tanto almejará um dia, poder voar sem limites, padrões ou preconceitos. Atingir o infinito desejado, imagem e semelhança do Criador,

luz própria. Iria sofrer o suficiente, nada mais, queimada pelo fogo que molda, forma, produz o mais belo dos cristais. Aquele que transparece, nada esconde, desnuda-se com coragem, e com pureza toca o mais duro dos corações.

E assim poderia se tornar eterno e amá-los por todos os tempos...

O cemitério Parque das Flores nunca recebera tamanha multidão. Vários caminhões repletos de bóias-frias, guiados por Biu, o vaqueiro, de Boca da Mata até Maceió, a mando do Dr. Emerson. Desciam aos poucos, juntavam-se a um número cada vez maior de parentes, amigos, conhecidos do Major. A emoção reinava, choros, pessoas que não se conheciam sentiam a perda do homem, pai, avô, amigo, patrão. Patrono.

No túmulo, seguindo a larga avenida do maior cemitério de Maceió, último poste à direita, ao lado do primo Juca Tenório, pai de Olival, o Major encontrava a última morada.

E, por um instante, a paz invadiu o coração de todos que ali estavam presentes...

Maceió

Museu Théo Brandão, 05/05/05, 5ª feira, 5 horas da tarde.

Apresentação do Projeto Major José Tenório.

Patricia Tenório abre a reunião, toda a família reunida.

- Que eu comece falando sobre eternizar um homem, aquele que foi origem de tudo, uma família, um patrimônio. Nada mais justo que nós, os herdeiros, lhe rendamos homenagem neste ano do centenário de seu nascimento.

“Não deixem que meu espírito morra”.

- Não, Major, não deixaremos. Ele está dentro de nós. Na garra com que, de maneira incansável, trabalhamos, lutando para que nosso patrimônio não só sobreviva, mas cresça cada vez mais. E não nos esqueçamos do patrimônio moral, os valores que nos passou, ética, amor ao trabalho, dignidade, ser austero. No apego à família, às vezes, por um jeito tímido, que do senhor também herdamos, não demonstrando tanto, mas sentimos, nos orgulham os nossos filhos, seus netos, possuem o mesmo espírito, sabem aonde chegar.

- Não se preocupe, faremos o nosso melhor, tal fez por nós, para nós, sacrifício de uma vida inteira, trabalho por lazer, o lazer feito trabalho. De onde estiver, sabemos que dá um sorriso no canto da boca, nos vê enveredando por outras pairagens: a Socôco, TV Pajuçara, Usina Santa Juliana... Vê com orgulho a filha Edna e o primo Olival Tenório também crescendo, ensinamentos jamais esquecidos.

- A integridade do Major, às vezes dureza em excesso, nos norteiam, iluminam caminho. A veia política, quem de nós nega a vontade, desejo de ajudar nossos concidadãos, melhorar a vida de tantos alagoanos, até brasileiros? Orgulha-se do filho João, Senador, netos Maurício e José, Prefeitos de Campo Alegre e Boca da Mata. E de todos os outros descendentes que, mesmo não exercendo a vida pública, demonstram a política no jeito negociador, ponderado de ser, ouvir mais do que falar. Parece que nascemos com a mesma agonia que, sabiamente com a idade, espelha a cautela deste homem, no saber a hora de falar, agir.

- Mas não se orgulhe sozinho, Major. Nós também nos orgulhamos de ser Tenório, em toda a extensão do nome.

- E mais uma vez, tal naqueles almoços de domingo que o senhor nos proporcionava com tanto prazer; nos churrascos de final de safra aos funcionários da Triunfo; nas caçadas madrugada a fora com Maurício, Emerson, Gilvan; nas idas à feira para comprar panelas de barro com Gilvana; nos cartões pelo estilingue de Givago; ou pela travessura de Emerson, aos seis anos, em frente à Associação dos Plantadores de Cana, inquieto, batendo com o carro na carroça defronte; no diário anunciando o nascimento de seu filho Jorge; no exemplo para a vida profissional de Tereza de Fátima, quando escondida em baixo daquela mesa-escrivaninha na Satubinha observava o pagamento dos sábados; no elogio à garra e beleza de Rosilda; no pedido de casamento de Tereza Cristina em Recife; na confiança em Edna ao contar os molhos de dinheiro aos onze anos; no alisar dos cabelos de Venúzia; no cuidado com Paulinho, José Ivon, Ana Paula quando a filha Dorinha mais precisou e tantos e tantos outros momentos que por nós, mesmo sangue, mesma raça, determinação, saber recomeçar do zero, nos mostrou que é possível, todos juntos, realizar mais um sonho do Major: a união de uma família.

A família que lhe pertence.

A família Tenório...